

UNIVERSIDADE DE UBERABA – UNIUBE
PRÓ REITORIA DE PESQUISA, PÓS GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARIA TERESINHA LEITE SENE ARAÚJO

ORIENTAÇÃO SEXUAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE ESCOLAS PÚBLICAS
DE UBERABA-MG.

Uberaba – MG
2015

MARIA TERESINHA LEITE SENE ARAÚJO

ORIENTAÇÃO SEXUAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE ESCOLAS PÚBLICAS
DE UBERABA-MG.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação da Universidade de
Uberaba, como requisito parcial, para a
obtenção do título de Mestre em Educação,
sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Vania Maria de
Oliveira Vieira.

Uberaba – MG

2015

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

Araújo, Maria Teresinha Leite Sene.

A15o Orientação sexual: representações sociais dos professores de educação básica de escolas públicas de Uberaba-MG / Maria Teresinha Leite Sene Araújo. – Uberaba, 2015.

142 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação, 2015.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Vânia Maria de Oliveira Vieira.

1. Orientação sexual. 2. Educação. 3. Representações sociais. I. Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação. II. Título.

CDD

306.76

Maria Teresinha Leite Sene Araújo

ORIENTAÇÃO SEXUAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE ESCOLAS PÚBLICAS DE
UBERABA-MG

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Educação da Universidade
de Uberaba, como requisito final para a
obtenção do título de Mestre em
Educação.

Aprovada em 25/02/2015

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Vania Maria de Oliveira Vieira
(Orientadora)
UNIUBE-Universidade de Uberaba



Profª Drª Debora Cristina Fonseca
UNESP- Rio Claro



Profª Drª Fernanda Telles Márques
UNIUBE-Universidade de Uberaba

AGRADECIMENTOS

Agradeço esta conquista

No reconhecimento profundo:

A Deus, por me permitir estar aqui e viver esses momentos maravilhosos de descoberta e aprendizado.

À minha Orientadora, Vania, pelo incentivo, confiança, amizade e oportunidade de estudar mais.

Ao meu avô Hildebrando Leite, inspiração exemplificada de conhecimento e sabedoria.

No amor:

À mãezinha Cila, que não está mais entre nós, mas que vibraria de alegria com tal conquista.

Ao Vainer, companheiro de alegrias e desventuras.

À Larissa e ao João Victor, frutos de nós, sem os quais o mundo seria frio, sem alegria, sem sabor.

Na concretização deste sonho, deixo meu especial agradecimento:

Aos professores do Mestrado, que me encorajaram a crescer e a ver o mundo com outros olhos.

Aos colegas, por compartilharem saberes diversos, experiências e afeição.

Aos profissionais das escolas que participaram deste estudo, pela disponibilidade em contribuir com a pesquisa.

Às professoras Débora e Fernanda, pelas críticas construtivas que me ajudaram a enxergar e a corrigir alguns enganos.

À FAPEMIG/CAPES, pela bolsa de estudo que possibilitou a consolidação deste trabalho.

“A sexualidade, enquanto possibilidade e alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico - amorosa, essa busca de saber do nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo se nos fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.”

Paulo Freire

RESUMO

Considerando que o papel fundamental da escola é a formação integral do aluno e que a Orientação Sexual é parte desse processo, a LDB/1996 estabeleceu que ela estivesse presente nos conteúdos escolares da Educação Básica como “tema transversal” inscrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). A proposta desses parâmetros reconhece que a sexualidade interfere significativamente no desenvolvimento do ser humano - é uma necessidade básica, influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações. Nesse sentido, a Orientação Sexual pode constituir-se num fator importante para o desempenho escolar dos alunos, uma vez que essa questão envolve relações interpessoais mais saudáveis e aumento da autoestima. Este estudo tem o propósito de investigar a Orientação Sexual trabalhada em sala de aula pelo professor de Educação Básica como determinam os PCN (1998). O objetivo é identificar e caracterizar o conteúdo das possíveis Representações Sociais construídas por esses professores em 11 escolas públicas da cidade de Uberaba-MG, sobre Orientação Sexual. Para isso, procurou-se: a) traçar o perfil dos sujeitos pesquisados; b) identificar o Núcleo Central das Representações Sociais que os professores, de 7 escolas municipais e 4 estaduais, estão construindo sobre a Orientação Sexual trabalhada em sala de aula; c) investigar, na perspectiva desses professores, se a realização dessa atividade tem se constituído em fatores que auxiliam o desempenho escolar dos alunos das turmas de 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Insere-se na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Profissional, Trabalho Docente e Processo Ensino-Aprendizagem do Programa de Pós Graduação em Educação/Mestrado da UNIUBE. Filia-se também a um Projeto Guarda-chuva: Sexualidade na Adolescência – contribuições da Teoria das Representações Sociais para a Educação Básica, aprovado pelo Edital FAPEMIG 13/2012, Pesquisa em Educação Básica, acordo CAPES/FAPEMIG. Apresenta abordagem qualiquantitativa, desdobrando-se em uma pesquisa bibliográfica e de campo que toma como referencial teórico metodológico a Teoria das Representações Sociais, explicitada por Moscovici (2003/2012) e Subteoria do Núcleo Central de Abric (2000). Com relação aos procedimentos de coleta dos dados, foi utilizado um questionário contendo questões abertas e fechadas, aplicado a 162 participantes, professores das referidas escolas. Os dados coletados foram analisados com o auxílio da Subteoria do Núcleo Central, tratados pelo *software* EVOC, com os pressupostos da Análise de Conteúdo de Bardin (1979) e Minayo (2013). As análises mostram que esses professores têm construído representações sobre a Orientação Sexual realizada por eles em sala de aula, a partir de sentimentos que denotam ser essa atividade *necessária* para os alunos, uma vez que buscam por *informações* que são motivadas pela *curiosidade*. Ao mesmo tempo em que *orientam* seus alunos, promovem o *respeito* a si e ao outro. Os resultados apontam também que, embora os professores reconheçam a importância da Orientação Sexual em sala de aula, para a maioria, ou seja, 70% dos participantes, esse trabalho quando se realiza é motivado por iniciativa individual dos docentes. Esse fato representa aspecto negativo, pois, conforme hipótese inicial levantada neste estudo, o desempenho escolar dos alunos e conseqüentemente o desenvolvimento integral do indivíduo, como prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, parece estar comprometido.

Palavras-chave: Orientação Sexual. Educação Básica. Representações Sociais.

ABSTRACT

Seeing that the crucial role of school is the integral formation of the student and the Sexual Orientation is part of this process, the LDB/1996 established that it was present in the school subjects of Basic Education as "cross-cutting theme" registered in the National Curriculum Parameters (1998). The proposal of these parameters recognizes that sexuality interferes significantly in the human development – it is a basic necessity, influences thoughts, feelings, actions and interactions. In this sense, the Sexual Orientation can constitute an important factor for the school performance of students, once it issue involves more healthy interpersonal relationships and increased self-esteem. This study aims to investigate the Sexual Orientation worked in the classroom by the teacher of Basic Education how is determined by the NCP (1998). The objective is to identify and characterize the content of the possible Social Representations constructed by these teachers about Sexual Orientation in 11 public schools in the city of Uberaba, Minas Gerais. For this, we tried up: a) trace the profile of the subjects; b) identify the Central Core of Social Representations that teachers of 7 municipal and 4 state schools are building about the Sexual Orientation worked in the classroom; c) for the purpose of these teachers, investigate whether the implementation of this activity has been constituted as factors that help the school performance of students in the classes of 5th to 9th grade of the Basic Education. It is part of the Professional Development Research Line, Teaching Work and Teaching-learning Process Graduate Program in Education/Master of UNIUBE. It also is affiliated to an Umbrella Project: Sexuality in Adolescence – contributions of the Social Representations Theory for Basic Education, approved by FAPEMIG Notice 13/2012, Research in Basic Education, CAPES / FAPEMIG agreement. Presents a quali-quantitative approach, unfolding in a bibliographic and field research that takes as theoretical framework the Social Representations Theory explicit by Moscovici (2003/2012) and the Central Core Subtheory by Abric (2000). Relative to data collection procedures, a questionnaire with open and closed questions was used, implemented for 162 participants, teachers of those schools. The collected data were analyzed with the aid of the Central Core Subtheory, treated by EVOC software, with the assumption of Content Analysis by Bardin (1979) and Minayo (2013). The analyzes show that these teachers have constructed representations about the Sexual Orientation held by them in the classroom, from feelings that denote this activity be necessary for the students, once that they search for information that is motivated by curiosity. While the teachers guide their students, they promote respect for self and other. The results show also that although teachers recognize the importance of Sexual Orientation in the classroom, for most, that is, 70% of participants, when performing, this work is motivated by individual initiative of teachers. This fact represents a negative aspect because as raised initial hypothesis in this study, the appropriate school performance of students and consequently the integral development of the individual, as provided by the Law of Directives and Bases of Brazilian Education, seems to be compromised.

Keywords: Sexual Orientation. Basic Education. Social Representations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Número de participantes por sexo.....	77
Figura 2 – Número de participantes por faixa etária	79
Figura 3 – Tempo de docência dos participantes na Educação Básica	79
Figura 4 – Opção dos participantes pela docência na Educação Básica	83
Figura 5 – Recursos utilizados pelos participantes para manterem-se informados.....	88
Figura 6 – Conhecimento dos participantes sobre as propostas dos PCN para o trabalho com o tema da Orientação Sexual	90
Figura 7 – Instruções para coleta de dados do EVOC.....	99
Figura 8 – Quadrantes produzidos pelo EVOC.....	101
Figura 9 – Núcleo Central e Sistema Periférico das representações: a técnica de associação livre de palavras -EVOC.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estudo do conhecimento envolvendo trabalhos científicos publicados que abordam a temática das Representações Sociais e/ou Orientação Sexual.....	15
Tabela 2 – Ciclo de vida dos professores	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EVOC – Ensemble de Programmes Permettant l' Analyse de Évoctions

FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

LILACS – Índice da Literatura Científica e Técnica da América Latina e Caribe

OME – Ordem Média de Evocações

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PEPSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIUBE – Universidade de Uberaba

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - ORIENTAÇÃO SEXUAL: UM TEMA EM DISCUSSÃO	21
1.1 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA - BREVE HISTÓRICO	21
1.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL: O QUE DIZEM OS PCN.....	26
1.2.1 A organização do trabalho de Orientação Sexual, segundo os PCN	29
1.2.2 O trabalho de Orientação Sexual: a postura do educador	33
1.3 OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE E O TRABALHO COM A ORIENTAÇÃO SEXUAL.....	34
1.4 SEXUALIDADE HUMANA: DIVERSAS ABORDAGENS	36
CAPÍTULO 2 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	54
2.1 O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	55
2.1.1 A teoria das Representações Sociais no contexto escolar	62
2.2 A SUBTEORIA DO NÚCLEO CENTRAL	64
2.2.1 Subteoria do Núcleo Central: contribuições metodológicas e complementares à Teoria das Representações Sociais	67
2.3 PERCURSO METODOLÓGICO	69
2.3.1 Instrumento, coleta e análise dos dados	69
CAPÍTULO 3 - A ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: O QUE MOSTRAM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	75
3.1 O PERFIL DOS PARTICIPANTES	76
3.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL: O QUE DIZEM OS PROFESSORES	89
3.3 O NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES: A TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	114
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	118
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	121

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DAS ESCOLAS	122
APÊNDICE D – DADOS DO QUESTIONÁRIO.....	124
APÊNDICE E – RELATÓRIO DO EVOC.....	126

INTRODUÇÃO

A escola exerce papel fundamental na formação integral do indivíduo e a *Orientação Sexual*, que, há algum tempo, ficava a cargo da família, passou a fazer parte do currículo escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, promulgada em dezembro de 1996, determina que a *Orientação Sexual* de crianças e jovens seja trabalhada na Educação Básica, dentro dos conteúdos escolares, a partir dos “temas transversais”, estruturados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998/2001). As propostas desses parâmetros reconhecem que a sexualidade interfere significativamente no desenvolvimento do ser humano - é uma necessidade básica, influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações. Nesse sentido, a *Orientação Sexual* pode constituir-se em fator importante para o desempenho escolar dos alunos, considerando que essa questão envolve relações interpessoais mais saudáveis e elevação da autoestima. Esta pesquisa tem o propósito de investigar a *Orientação Sexual* trabalhada em sala de aula pelo professor de Educação Básica, como determinam os PCN. Insere-se na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Profissional, Trabalho Docente e Processo Ensino-Aprendizagem do Programa de Pós Graduação em Educação/Mestrado da Universidade de Uberaba (UNIUBE) e está filiada também a um Projeto Guarda-chuva: Sexualidade na Adolescência - contribuições da Teoria das Representações Sociais para a Educação Básica, aprovado pelo Edital FAPEMIG 13/2012, Pesquisa em Educação Básica, acordo CAPES/FAPEMIG. Tal projeto partiu de uma demanda de uma escola municipal de Uberaba/MG e tem o propósito de identificar e descrever o conteúdo das possíveis representações sociais construídas pelos 501 alunos que cursam o 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental da referida escola.

Após estudo sobre o tema da sexualidade, abordado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998/2004), entendeu-se que o termo *Orientação Sexual* foi utilizado com o propósito de designar todo trabalho realizado dentro do espaço escolar, especificamente na sala de aula; lugar em que professores e alunos são convidados a construir coletivamente o conhecimento, tornando-se, portanto, sujeitos ativos no processo educacional.

Segundo Egipto (2012 p.15), o termo *Orientação Sexual* foi utilizado nos PCN para diferenciar o trabalho pedagógico sistematizado, realizado pela escola, do processo

mais amplo de educação sexual propiciado pela família e sociedade. Para esse autor, é uma maneira de estabelecer diferenças de espaço e abordagem.

A trajetória da preocupação com esse tema perpassa minha atuação como pedagoga e professora da Educação Básica em duas escolas públicas da cidade de Uberaba, uma municipal e outra estadual. Ao me deparar com o desafio de conhecer e trabalhar a *Orientação Sexual* em sala de aula, verifiquei que essa tarefa não seria fácil. Por outro lado, observei a carência de informações adequadas que os alunos apresentavam sobre esse assunto e como tal fato influenciava o envolvimento deles em relação à aprendizagem dos outros conteúdos do currículo escolar. Verifiquei também que há certa resistência dos educadores em trabalhar o tema da sexualidade, não por considerá-lo irrelevante, mas por falta de uma proposta escolar comprometida com o desenvolvimento dessa atividade. Foi essa inquietude que impulsionou o interesse em estudar e aprofundar conhecimentos nessa área.

O desejo de conhecer o próprio corpo e suas manifestações no âmbito da sexualidade provoca ansiedade por parte dos jovens em idade escolar. Esse desejo, se satisfeito, contribui para o aprendizado efetivo dos conteúdos escolares. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001 p.117), a proposta é que a escola e o professor desenvolvam o tema da sexualidade voltado para as “dimensões biológica, psíquica e sociocultural” do ser humano. Esse documento destaca ainda que as curiosidades apresentadas pelas crianças e jovens sobre sexualidade se devem, em grande parte, aos programas veiculados pela mídia, em particular nas telenovelas e nos filmes. Tais programas apresentam, muitas vezes, conteúdos eróticos, que provocam fantasias sobre a sexualidade, distorcendo sua verdadeira significação. Determinados grupos familiares também desenvolvem conceitos errôneos sobre sexualidade e os transmitem aos filhos.

Os alunos, por sua vez, trazem essas e outras questões vivenciadas por eles no espaço familiar e social para dentro do ambiente escolar. Por isso, é importante que a escola insira a *Orientação Sexual* como um tema a ser trabalhado, não só como parte do conteúdo de Ciências, mas também de forma transversal, dentro dos outros conteúdos oferecidos na programação curricular. O assunto da sexualidade, explícito ou não, perpassa o cotidiano escolar de várias formas, tanto na sala de aula, quando acontecem algumas manifestações dos alunos, quanto na forma de a escola lidar com certos valores demonstrados por seus profissionais. Nesse sentido, trabalhar com o tema da sexualidade é uma necessidade do mundo contemporâneo. Além de contribuir para o esclarecimento sobre prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS, a *Orientação Sexual* na escola também

contribui “para a prevenção de problemas graves como abuso sexual e a gravidez indesejada” (Brasil, 2001 p.114).

Embora existam alguns estudos e pesquisas sobre questões relacionadas à sexualidade de crianças e jovens, acreditamos que muito há para investigar, pois trata-se de um tema complexo que diz respeito à subjetividade do ser humano.

Nesse contexto, o professor, como agente formador de opiniões e mediador de conhecimentos dentro do ambiente escolar, conhece melhor os mecanismos utilizados pelos alunos para as diversas manifestações na área da sexualidade e pode intervir, orientando-os em suas dúvidas e curiosidades. Mas, para orientar corretamente seus alunos, o professor deve buscar informações científicas que possam oferecer segurança ao diálogo e às discussões sobre o assunto.

Este trabalho de pesquisa pretende identificar e caracterizar o conteúdo das possíveis representações sociais construídas pelos professores de Educação Básica de 11 (onze) escolas públicas da cidade de Uberaba-MG, sobre Orientação Sexual.

Para o alcance desse objetivo, algumas questões nortearam nosso trabalho, a saber:

- a. Como as características sócio-econômico-culturais dos participantes da pesquisa influenciam a construção de suas Representações Sociais sobre a Orientação Sexual nas escolas?
- b. Como parece estar estruturada a organização interna das Representações Sociais construídas pelos professores das turmas de 5º ao 9º ano das onze escolas públicas da cidade de Uberaba/MG, sobre a Orientação Sexual trabalhada por eles em sala de aula?
- c. Como ocorre a Orientação Sexual realizada em sala de aula pelos professores? Essa orientação tem contribuído para a melhoria do desempenho escolar de seus alunos?
- d. A partir da identificação e análise das Representações Sociais dos professores das referidas escolas sobre a Orientação Sexual, que contribuições podem ser indicadas para auxiliar na realização dessa atividade junto aos alunos?

Os objetivos da pesquisa foram delineados a partir dessas questões norteadoras e se constituem em: traçar o perfil dos professores pesquisados; identificar o Núcleo Central das Representações Sociais que os professores, das turmas de 5º ao 9º ano de onze escolas públicas da cidade de Uberaba-MG, estão construindo sobre a Orientação Sexual trabalhada por eles em sala de aula; investigar, na perspectiva desses professores, se a realização dessa atividade tem se constituído em fatores que auxiliam o desempenho escolar do aluno da

Educação Básica e contribuir, a partir da identificação e análise das Representações Sociais sobre a Orientação Sexual, com discussões, reflexões e sugestões que possam auxiliar o professor na realização de tal atividade em sala de aula.

Nesta pesquisa, elegemos como referencial teórico-metodológico a Teoria das Representações Sociais, explicitada por Moscovici (2012) e a Subteoria do Núcleo Central de Abric (2000). A discussão desses referenciais, além de perpassar todo o estudo, é realizada, principalmente, na seção seguinte.

Para subsidiar os estudos referentes à *Orientação Sexual*, objeto de estudo desta pesquisa, apoiamo-nos em autores que tratam dessa temática, como Altmann (2003), Bock (2007), Louro (2012), Mamprin (2012), Egypto (2012), Freud (1976), Winnicott (1990), Foucault (2014), dentre outros.

Este estudo trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, descritiva, realizada a partir de estudo teórico e de campo. Para a coleta dos dados, utilizou-se um questionário (APÊDICE A) contendo questões abertas e fechadas.

Gil (1995, p.124) define o questionário como uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”. O questionário foi aplicado a 162 (cento e sessenta e dois) sujeitos, professores de Educação Básica das turmas do 5º ao 9º ano de onze escolas públicas da cidade de Uberaba/MG, no intuito de colher dados referentes ao perfil deles e elementos que caracterizam as Representações Sociais construídas por eles. As escolas foram subdivididas em dois grupos: municipais e estaduais, sendo sete escolas municipais e quatro estaduais.

O critério utilizado para a escolha dessas escolas está vinculado à LDB, ao público alvo, aos objetivos estabelecidos e às hipóteses levantadas.

É sabido que a LDB/96 definiu competências para a organização do sistema de ensino nacional delimitando responsabilidades para a União, Estados e Municípios.

De acordo com essa delimitação, coube à União a gestão do ensino superior; aos Estados, prioritariamente, a gestão do ensino de segundo grau e, em regime de colaboração com os Municípios, também a gestão do Ensino Fundamental, sendo esse último de responsabilidade maior dos Municípios.

Na cidade de Uberaba/MG, as escolas estão organizadas em concordância com essa determinação legal. O Sistema Municipal de Ensino é responsável por um número maior de

escolas de Ensino Fundamental dos 6 aos 14 anos, que corresponde às turmas de 1º ao 9º ano, cabendo ao Sistema Estadual de Ensino um número menor de escolas nessa modalidade de ensino. Para que houvesse coerência com a organização empreendida hoje, nas escolas do município de Uberaba/MG, foi eleito para este estudo, um número maior de escolas municipais em detrimento das estaduais. Acreditamos que tal escolha contribuiu de maneira eficaz para o alcance dos objetivos da pesquisa.

Antes de iniciar os estudos, realizamos uma busca nos “sites” SCIELO, LILACS, PEPSIC, CAPES, para verificar o que já havia sido pesquisado sobre o tema referente ao objeto de estudo da pesquisa. Os resultados estão representados na tabela seguinte:

Tabela 1 – Estudo do conhecimento envolvendo trabalhos científicos publicados que abordam a temática das Representações Sociais e/ou Orientação Sexual

Sites	Descritores	Número de trabalhos encontrados	Lidos
SCIELO	Teoria das Representações Sociais	248	06 12 12
	Orientação Sexual	141	
	Orientação Sexual na Escola	18	
	Representações Sociais e a Orientação Sexual na Escola	zero	
LILACS	Teoria das Representações Sociais	389	05 12 10
	Orientação Sexual	1904	
	Orientação Sexual na Escola	51	
	Representações Sociais e a Orientação Sexual na Escola	zero	
PEPSIC	Teoria das Representações Sociais	05	01 01
	Orientação Sexual	01	
	Orientação Sexual na Escola	Zero	
	Representações Sociais e a Orientação Sexual na Escola	zero	
CAPES	Teoria das Representações Sociais	961	05 07 07 05
	Orientação Sexual	515	
	Orientação Sexual na Escola	192	
	Representações Sociais e a Orientação Sexual na Escola	55	

Fonte: dados da pesquisa

Durante o processo de pesquisa, leitura e coleta de informações contidas nos trabalhos relacionados nos “sites” que fazem parte da tabela acima, foi possível constatar que a maioria deles aborda o tema das “Representações Sociais” vinculado a pesquisas nas áreas de psicologia social e saúde.

Considerando a pertinência e coerência dos assuntos discutidos nas publicações com os objetivos desta pesquisa, foram selecionados, para leitura e reflexão, alguns trabalhos que serviram de aporte teórico na elaboração e conclusão deste estudo.

Para ilustrar, citamos aqui um dos trabalhos publicados pelo SCIELO, que serviu de referência para nosso estudo: *Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural*. Trata-se de um artigo publicado na Revista Psicologia em Estudo, vol.17 nº1, Maringá, Jan./Mar.2012, de autoria de Ana Cláudia Bortolozzi Maia, Nadia Mara Eidt, Bruna Mares Terra, Gabriela Lins Maia. Esse artigo relata um projeto na área da Psicologia da Educação, com referencial histórico-cultural. Segundo suas autoras, o projeto foi desenvolvido numa escola de Ensino Fundamental, com o objetivo de oferecer educação sexual para adolescentes auxiliando-os na vivência autônoma e responsável de sua sexualidade. A intervenção ocorreu em 15 encontros semanais, com o uso de diferentes estratégias metodológicas, abrangendo diversos temas ligados diretamente ao assunto em destaque. De acordo com as autoras, alunos e professores avaliaram a proposta de intervenção como satisfatória e necessária na escola. Palavras-chave: Sexualidade. Educação. Psicologia histórico-cultural.

Outro trabalho analisado foi *Psicologia Escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade*. O artigo dos autores Marivete Gesser, Leandro Castro Oltramari, Denise Cord e Adriano Henrique Nuernberg teve como objetivo identificar as contribuições teórico-metodológicas da Psicologia Escolar e áreas afins, voltadas à formação de professores, para lidar com questões relacionadas a gênero e sexualidade no contexto escolar. Na introdução desse trabalho, foram identificados os documentos oficiais que norteiam a atuação dos profissionais da educação nas questões ligadas à sexualidade, com ênfase nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Em seguida, buscou-se problematizar o lugar ocupado pelo professor nessas políticas educacionais e os limites que esse profissional pode encontrar quando se propõe a realizar um trabalho de educação sexual na escola. Finalizando, foram apontados alguns pressupostos que possibilitam ao professor desenvolver estratégias para lidar com as expressões de sexualidade em sala de aula, a partir de uma perspectiva norteada pelos princípios dos direitos humanos, alteridade e protagonismo social. Palavras-chave: Psicologia Escolar. Formação de professores. Sexualidade.

Analisando ainda as publicações científicas, destacamos o estudo intitulado: *O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais*. Vanuzia Costa e Sheyla Christiane Santos Fernandes são as autoras desse trabalho

publicado pela Revista *Psicologia & Sociedade*; 24(2), p.391-401, 2012, que tem por objetivo compreender as representações sociais do amor e do sexo para adolescentes de uma capital do Nordeste, além de analisar as relações dessas representações com os dados sócio-demográficos. Participaram desse estudo 301 adolescentes com idade entre 12 e 18 anos, 57% do sexo feminino, 43% do masculino. Para coleta dos dados, foi utilizado um questionário e um teste de associação livre de palavras. A categorização em torno de eixos temáticos apontou companheirismo, carinho e sentimento como representações do amor; prazer, sentimento e prevenção como representações do sexo. Palavras-chave: Adolescência. Amor. Sexo. Representações Sociais.

Prosseguindo nossa análise, encontramos um trabalho cujo título *Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental* nos chamou a atenção. Tal artigo das autoras Julieta Seixas Moizés e Sonia Maria Villela Bueno, publicado em março de 2010, pela Revista da Escola de Enfermagem da USP, vol.44 nº 1, tem como objetivo identificar a maneira como professores do Ensino Fundamental compreendem a sexualidade e o sexo na escola, através do levantamento de dados relativos a essas questões no cotidiano escolar. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, humanista, realizada por meio de pesquisa-ação. A coleta de dados se deu por meio da observação participante e entrevista individual, usando um questionário com questões norteadoras. A análise dos dados possibilitou apreender que a maioria dos professores valoriza o diálogo como meio de orientação aos alunos. Destacam também a necessidade de obterem apoio de profissionais qualificados sobre a temática e dão relevância à participação da família no processo de orientação. As autoras constataram que, nesse processo, a escola pode ser o recurso para ajudar familiares, professores e alunos a compreenderem melhor os pressupostos da educação sexual e os profissionais da saúde são grandes aliados, no sentido de conscientizá-los e orientá-los. Baseando-se nos achados, desenvolveram-se ações/intervenções educativas junto aos professores, visando prepará-los para atuarem como agentes multiplicadores no cotidiano escolar. Descritores: Sexualidade. Ensino Fundamental e Médio. Educação Sexual. Pessoal da saúde.

Ressaltamos também, neste estudo, o artigo do Professor Nilson Fernandes Dinis, Doutor em Educação e professor no Departamento em Educação da Universidade Federal de São Carlos, cujo título é *Educação, relações de gênero e diversidade sexual*, publicado pela Revista Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 477-492, maio/ago. 2008. De acordo com o autor, há, no Brasil, muitos estudos sobre a exclusão de mulheres, porém poucos estudos educacionais acerca do tema da diversidade sexual. Essa ausência, segundo ele, pode ser

causada pela predominância de proposições essencialistas e excludentes nos conceitos utilizados para pensar identidades sexuais e de gênero. Nesse sentido, constatamos que esse artigo tem o propósito de discutir o tema da inclusão de grupos minoritários representados por feministas, “gays” e lésbicas. Procura fazer também uma análise crítica das representações sexuais e de gênero produzidas pela mídia e ainda apresentar novas formas de linguagem que possam desconstruir as estruturas com identidades binárias como homem-mulher e heterossexual-homossexual, produzidas pelo discurso educacional. Segundo Dinis (2008), o estudo está pautado no pressuposto de que o Estado se vê pressionado por documentos, como a Declaração Mundial sobre a Educação Superior no Século XXI e Conferências Ibero-Americanas de Educação, a investir no ensino superior para promover, além da difusão dos conhecimentos científicos, o desenvolvimento de políticas públicas de inclusão que viabilizem o respeito aos direitos humanos e o exercício da cidadania. O autor coloca que, embora os PCN (1997) ressaltem a necessidade de se tratar a sexualidade como um tema transversal, nada é mencionado, especificamente, em relação às diversidades sexuais e de gênero. De acordo com suas afirmações, a grande guinada nos estudos de gêneros se deu nos anos 1990 com alguns trabalhos publicados nessa área; entre eles, o livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (1997), da historiadora brasileira Guacira Lopes Louro. Dinis aborda também ideias de pensadores como Larrosa (1994), Silva (1993), Foucault (1988), Britzman (1996), Costa (1994) e outros. Palavras-chave: Gênero. Diversidade sexual. Exclusão. Educação.

Considerando também a análise de outros trabalhos desenvolvidos nessa mesma temática, foi possível observar que muitos deles discutem aspectos relacionados à importância da *Orientação Sexual* nas turmas de Educação Básica, para o processo ensino-aprendizagem, reafirmando o que está proposto nos PCN. Ponderando esse aspecto, esclarecem que o referido tema envolve questões de gênero, relacionamento humano, prevenção em relação à saúde, valores éticos e morais, homossexualidade, enfim, assuntos vivenciados cotidianamente pelos indivíduos dentro e fora do ambiente escolar.

A maioria dos trabalhos encontrados apresenta e discute resultados de pesquisa voltados para assuntos ligados à sexualidade e relações de gênero presentes na escola. No que se refere à *Orientação Sexual*, objeto de estudo desta pesquisa, há de se destacar um ponto comum entre eles: a reflexão sobre a necessidade de que a escola e os profissionais de educação que nela atuam, abram espaço para o desenvolvimento de atividades que coloquem em permanente discussão o referido tema e suas diversas abordagens.

Nesse sentido, foi possível observar que há uma quantidade razoável de trabalhos científicos, envolvendo a temática da sexualidade, disponíveis nos diversos sites.

Assim, em coerência com esses estudos e por meio de instrumentos científicos adequados de pesquisa, foi realizado, neste trabalho, o levantamento quantitativo e qualitativo dos dados obtidos, a tabulação dos resultados encontrados, utilizando-se tabelas e gráficos e a análise descritiva do conteúdo das questões abertas dos questionários aplicados.

Os estudos realizados, foram organizados, neste texto, em 3 capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais.

A Introdução procurou justificar não só a importância desta pesquisa, como também clarear sobre o que nela trata, a hipótese, os objetivos e a metodologia adotada. Destacamos o trabalho com a *Orientação Sexual* em sala de aula, referendado na LDB/1996 e organizado pelos PCN; discutimos sobre o porquê da escolha do termo *Orientação Sexual* e não Educação Sexual; apresentamos o motivo pelo qual elegemos o referido tema para estudo; enumeramos os objetivos propostos e suas respectivas questões norteadoras; identificamos o referencial teórico- metodológico e os instrumentos utilizados para coleta e análise dos dados e, ainda, delimitamos os critérios que justificaram a escolha das escolas e do público alvo desta pesquisa.

A procura por respostas às questões expostas permitiu a construção desta dissertação, que, no intuito de possibilitar uma leitura clara e proporcionar uma melhor compreensão do interlocutor, como já afirmamos anteriormente, foi organizada em três capítulos.

No capítulo 1, consta o estudo do tema *Orientação Sexual*, destacando o seu aspecto histórico; as deliberações legais para a organização do trabalho na escola, contidas nos PCN; os desafios do professor contemporâneo bem como o trabalho com a *Orientação Sexual* e as diversas abordagens que envolvem o assunto da sexualidade humana.

No capítulo 2, está delineado todo o referencial teórico-metodológico deste estudo que se constitui da Teoria das Representações Sociais, Subteoria do Núcleo Central e instrumentos de coleta e análise de dados, incluindo algumas reflexões sobre a metodologia adotada e os dados coletados.

O capítulo 3 contém a análise detalhada dos questionários aplicados aos professores de Educação Básica, explicitando quais as Representações Sociais apresentadas por eles sobre a *Orientação Sexual* trabalhada em sala de aula. Esse item está organizado em três eixos: 1- perfil dos participantes; 2-Orientação Sexual- o que dizem os professores, 3-O Núcleo Central das representações- a técnica de associação livre de palavras.

Nas Considerações Finais desta dissertação, estão presentes as reflexões e as análises sobre os dados coletados, as hipóteses levantadas, juntamente com as contribuições teóricas discutidas ao longo do estudo. Por fim, de posse desse material, apontamos algumas sugestões que poderão oferecer suporte ao trabalho do professor em sala de aula.

CAPÍTULO 1 - ORIENTAÇÃO SEXUAL: UM TEMA EM DISCUSSÃO

Sabe-se que a Orientação Sexual é um dos temas transversais abordados pelos PCN (1998/2001) e que foi instituída após diversos estudos que comprovaram a necessidade do desenvolvimento desse trabalho no ambiente escolar, espaço responsável pela formação integral do indivíduo.

O objetivo principal deste capítulo é apresentar e discutir o tema da Orientação Sexual, objeto de estudo proposto nesta pesquisa. Para isso, faz-se necessária a exposição de um breve histórico sobre o referido tema, para localizá-lo no espaço e no tempo em que está inserido, bem como compreender o porquê de sua abordagem na escola, permeando todos os conteúdos curriculares, como estabelecem os PCN (1998/2001).

Além do conteúdo histórico, será discutido também como está instituída a organização do trabalho escolar no que tange ao assunto da sexualidade, preconizado nos PCN (1998/2001), destacando aspectos da postura do professor e da escola com referência ao tema em questão.

Considerando a figura do professor, sujeito deste estudo, será apresentado um item, enfatizando os desafios contemporâneos para exercício da docência e o trabalho, em sala de aula, com o tema da Orientação Sexual.

Com o propósito de ampliar conhecimentos acerca do assunto que envolve a sexualidade humana e facilitar a análise dos questionários aplicados aos professores, são apresentadas ainda diversas abordagens à luz de alguns autores que se dedicaram ao estudo desse tema.

São abordados, também, teóricos que se fundamentaram na psicanálise para discutir questões do desenvolvimento sexual, como Freud e Winnicott e, na filosofia, representada, neste estudo, por Foucault.

Tais abordagens poderão contribuir para a elucidação dos objetivos propostos e das hipóteses levantadas neste estudo.

1.1 ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA - BREVE HISTÓRICO

A questão da sexualidade na escola não é algo novo. Esse assunto tem sido tema de estudo apresentado e discutido em vários países, desde o século XVIII, segundo afirmações de Aquino (1997, p. 107):

[...] embora pouco se saiba sobre a história da ‘entrada’ da sexualidade na escola, alguns estudiosos apontam que na França, a partir da segunda metade do século XVIII, a chamada educação sexual começou a preocupar os educadores, coincidindo com o desenvolvimento de noções relativas à repressão das manifestações da sexualidade infantil.

Nessa época, a preocupação maior da sociedade e da escola era coibir a masturbação na infância, considerando o ideário de Rousseau, o grande pensador francês. Para Rousseau, o objetivo da educação consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro. Em outras palavras, a ignorância total sobre o assunto da sexualidade, por parte das crianças, garantiria a manutenção da pureza infantil.

De acordo com Foucault (2014), a partir do século XVII, houve grande produção de discursos sobre o sexo, baseada na técnica da confissão, difundida pela Igreja, com o objetivo de possibilitar a constituição da sexualidade como objeto de verdade. Por meio desse dispositivo, difundiram-se amplamente os aspectos envolvendo o sexo e seus prazeres. O efeito dessa produção de discursos considerados “verdadeiros” sobre o sexo constituiu-se em um saber, atingindo a pedagogia. Para o autor, essa busca da verdade, constituída por práticas discursivas e não discursivas, procura produzir uma concepção de pessoa enquanto sujeito de uma sexualidade, isto é, a formação de saberes e poderes que buscam normatizar, controlar e estabelecer verdades na relação do indivíduo com seu corpo e seus prazeres.

Por muito tempo, as questões que envolvem o sexo foram estabelecidas e reguladas pela Igreja e suas concepções. Para Foucault (2014), o objetivo principal, nesse caso, não era reprimir, mas controlar as manifestações sexuais de qualquer natureza, com o argumento de que muitas delas eram pecaminosas. De acordo com o julgamento da hipocrisia burguesa reproduzido pela Igreja, o sexo deveria servir apenas aos princípios da procriação. Esse tipo de pensamento, veiculado pela Igreja, perdurou por longa data e repercute, ainda hoje, nas mais diversas culturas.

Segundo Altmann (2003), no século XIX, fugindo aos determinantes religiosos, começou a nascer uma nova maneira de encarar o sexo, que se desenvolveu respeitando três grandes eixos: o da pedagogia, o da medicina e o da demografia. O Estado passou a administrar a questão sexual, convocando cada indivíduo e a sociedade como um todo a se posicionarem em sentido de vigilância. Na vida política, o sexo apareceu como parte da constituição do corpo humano e como regulador das populações.

Já para Dantas (2010 p.715), a sexualidade, que até o século XVII era analisada e explorada somente pela Igreja, passou, a partir do século XVIII, a ser observada e controlada pelos diferentes campos do conhecimento científico, como pedagogia, medicina, psicologia e economia, que se apropriaram dos mecanismos do saber sacramental, utilizado pela própria Igreja em seus confessionários. Assim, os dogmas religiosos que estimulavam os indivíduos a confessar suas vivências sexuais foram, de certa maneira, adaptados pela ciência. De acordo com a autora, a temática sexual passou a fazer parte dos diversos discursos, desde os das obras autobiográficas até os dos consultórios psiquiátricos, das aulas de professores e dos tratados científicos. O aprimoramento dos estudos científicos tinha como objetivo a análise das perversões e desvios sexuais, preocupando-se com a sexualidade de crianças, mulheres e homossexuais. O século XIX foi marcado por períodos férteis em pesquisas e investigações, sobretudo acerca da sexualidade feminina.

Voltando os olhos para o sistema educacional, Aquino (1997) elucida que no século XIX, a abordagem da sexualidade foi retomada nas escolas francesas em decorrência de preocupações com o alto índice de doenças venéreas e de abortos clandestinos. Em 1920 foi promulgada a lei francesa que proibia o aborto e a propaganda anticoncepcional e, em 1973, a educação sexual foi inserida oficialmente nos currículos das escolas daquele país.

A história da educação sexual no Brasil, de acordo com o referido autor, teve sua primeira influência no século XX, em decorrência de ideias trazidas por médicos higienistas europeus, que se propunham a combater a masturbação, as doenças venéreas e preparar a mulher para o exercício da maternidade. No ano de 1920, alguns segmentos sociais feministas reivindicaram a educação sexual nas escolas brasileiras, com objetivo de proteger a infância e a maternidade.

Segundo Aquino (1997), em decorrência desse movimento, em 1928, num congresso nacional de educadores, foi aprovada a proposta de um programa de educação sexual nas escolas. Após essa data até a década de 50, não se teve notícia de qualquer outro tipo de iniciativa vinculada à educação sexual.

Já na década de 60, ocorreram experiências isoladas de trabalho com o tema da educação sexual, em escolas públicas e particulares de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Esse último apresentou intensas mudanças nas abordagens anteriores em que predominavam as informações dos aspectos biofisiológicos e os princípios de normatização de condutas. Em algumas escolas da capital paulista, os alunos eram convidados a escolher os temas que seriam discutidos e debatiam abertamente todos eles, revelando que os programas

adotados por essas escolas iam além da mera informação. O objetivo maior deles era a formação de conceitos e valores.

Contextualizando historicamente esses fatos, é possível dizer que o século XX, especificamente os anos de 60, 70 e 80, foi marcado por diversos acontecimentos; entre eles, liberação sexual, movimentos feministas, descoberta da cura para doenças sexualmente transmissíveis, surgimento da pílula anticoncepcional, reivindicações homossexuais e ainda aparecimento da AIDS. Segundo Dantas (2010 p.720), a descoberta dos anticoncepcionais e a divulgação dos novos métodos contraceptivos nas décadas de 60 e 70 contribuíram para a desvinculação de sexo e procriação. A autora elucida que as lutas políticas do movimento feminista reivindicaram, a partir de então, maior liberdade sexual para as mulheres, igualdade de direitos entre os sexos, divórcio e valorização do prazer feminino. Em consequência dessas reivindicações, várias conquistas foram alcançadas. O assunto da sexualidade tomou grande proporção, fazendo parte de notícias em jornais, revistas e programas de televisão. O orgasmo feminino passou a ser valorizado e discutido por psicólogos e sexólogos. A indústria pornográfica e de artigos sexuais se expandiu, transformando o sexo em um grande negócio.

Nesse sentido, destacamos também afirmações de Louro (2012 p.18/19) quando se refere ao feminismo como um movimento social organizado. Ela aponta dois momentos históricos importantes, que marcaram esse movimento. O primeiro deles, reconhecido como “primeira onda” do feminismo, ocorreu na virada do século XIX para o XX, e se vinculou ao movimento para estender o direito de voto às mulheres. Seu objetivo, segundo a autora, estava ligado aos interesses das mulheres brancas de classe média. Já o segundo momento, denominado por ela de “segunda onda”, aconteceu no final da década de 1960 e se voltou para as construções teóricas debatidas por estudiosos e militantes, indo além das preocupações meramente sociais e políticas. Louro (2012) coloca que o movimento feminista passou a se expressar através de livros, jornais e revistas, uma vez que militantes feministas foram participar do mundo acadêmico, levando seus ideais para a construção intelectual, no interior das Universidades. Surgiram então, os estudos sobre a mulher, cujo objetivo era tornar visível aquela que fora historicamente ocultada.

No entanto, de acordo com dizeres de Dantas (2010), após o “hedonismo” dos anos 60 e 70, ressurgiu o puritanismo e a moral sexual vinculados ao aparecimento da AIDS. A autora coloca que tal fato contribuiu para gerar resistência à liberalização da sexualidade, pois acreditava-se que essa doença era consequência da anarquia sexual e da falência dos valores morais.

Considerando, por outro lado, o aspecto que abrange o tema da sexualidade desenvolvido na escola, Aquino (1997) afirma que o nosso país passou por um período de intensa repressão em todos os segmentos sociais, após os anos 70 e a maioria dos trabalhos educativos envolvendo a educação sexual foi interrompida naquele momento. Somente a partir de 1975, renasceu o interesse pelo tema da sexualidade nas escolas, devido às influências dos movimentos feministas. Esse autor enfatiza ainda que, “em 1979, a Fundação Carlos Chagas coordenou uma pesquisa com jovens de 15 e 17 anos para avaliar valores relativos à sexualidade.” (p.110) O objetivo dessa pesquisa era promover a livre discussão de normas, padrões de comportamento e atitudes referentes ao aspecto da sexualidade. O resultado desse trabalho deu origem à publicação de dois livros que serviram de referência para outros trabalhos nessa área¹.

Em decorrência da descoberta da AIDS e o aumento da gravidez precoce entre os adolescentes, houve, a partir dos anos 80, uma demanda maior de iniciativas na rede privada de ensino de muitos Estados brasileiros, que contribuiu para intensificar a discussão sobre a inclusão do tema educação/orientação sexual nas escolas do país. Fora do ambiente escolar, houve uma explosão de serviços em redes do sistema telefônico, programas de rádio e televisão, publicações em enciclopédias; todos com o objetivo de responder a questões relativas ao sexo. No ano de 1989, o Professor Paulo Freire, então Secretário Municipal de Educação da cidade de São Paulo, implantou a orientação sexual em todas as escolas do município, que, em 1992, atingiu aproximadamente 12 mil alunos. O fato marcante desse trabalho foi a cuidadosa formação de professores, organizada e orientada continuamente pelo Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual (GTPOS)².

Inspiradas nesse exemplo, outras cidades como Porto Alegre, Florianópolis, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte, Santos e Recife também implantaram a orientação sexual nas escolas.

Como consequência desse processo histórico, em 1995, o MEC (Ministério da Educação) coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que foram aprovados pelo Conselho Nacional de Educação e publicados a partir do ano de 1997. Esse

¹ Barroso, C.; Bruschini, C. *Sexo e juventude*. (Cortez, 1990) *Educação sexual: debate aberto*. (Vozes, 1982). Esta nota é citação de Aquino (1997 p.110) no livro *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 6ª ed. São Paulo: Summus.

² Organização Não Governamental, fundada em 1987, pela prefeita Martha Suplicy e outras nove pessoas para desenvolver um projeto “Sexualidade e direitos reprodutivos”, nas escolas de São Paulo.

documento incluiu a Orientação Sexual como um dos temas transversais que deveria ser abordado pelos diversos conteúdos escolares da Educação Básica de todas as escolas do Brasil.

De acordo com os PCN (1997, p.15), o seu processo de elaboração iniciou-se a partir do estudo de propostas curriculares oriundas de Estados e Municípios brasileiros, da análise feita pela Fundação Carlos Chagas sobre os currículos oficiais e do contato com informações referentes a experiências de outros países. Nesse sentido, foram analisadas também informações contidas no Plano Decenal de Educação, bem como dados de pesquisas nacionais e internacionais, contribuições estatísticas sobre desempenho de alunos do ensino básico e ainda experiências de sala de aula, divulgadas pelos professores em encontros, seminários de pesquisa e diversas publicações.

A proposta inicial passou por um processo de discussão do qual participaram vários educadores, técnicos de Secretarias estaduais e municipais de Educação e especialistas de instituições representativas. Além disso, aconteceram inúmeros encontros regionais, organizados pelo MEC, nos diferentes Estados do país. Todos esses procedimentos contribuíram para a elaboração final do referido documento.

1.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL: O QUE DIZEM OS PCN

Sabe-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais foram instituídos após inúmeros estudos que comprovaram a necessidade de inclusão, no processo escolar, de diversos assuntos que permeiam o cotidiano dos alunos e podem influenciar o desenvolvimento adequado de sua aprendizagem. Esses assuntos foram denominados de temas transversais. A justificativa, nesse caso, está no fato de que os conteúdos escolares, estabelecidos nas diretrizes curriculares nacionais, não são suficientes para garantir a formação integral que o sujeito necessita adquirir no decorrer de sua caminhada escolar.

A *Orientação Sexual* é um dos temas transversais presentes nos PCN (2001, p.127). E, que ao tratar da questão da sexualidade ligada ao processo educativo, assim se expressa:

[...] a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser explícita, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescentes.

Subtende-se, dessa maneira, que a escola deverá considerar o tema da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, tratando-a como uma questão ampla e, muitas vezes, polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social. Significa, portanto, que, ao abordar tal assunto, a escola e seus educadores deverão considerar os aspectos mais abrangentes que caracterizam a sexualidade humana, vinculados ao processo histórico e à valorização da diversidade de expressões culturais e sociais. Essa amplitude se refere à própria vida do sujeito enquanto ser que participa da construção histórica, não como mero expectador dos acontecimentos, mas como agente de transformação do espaço social em que vive.

Para Paulo Freire (1996), as transformações sociais se dão quando o indivíduo é conscientizado sobre qual é o seu papel nos determinantes políticos que constituem as sociedades. Segundo ele, é no processo educativo, voltado para a reflexão, que essa conscientização acontece.

Nessa perspectiva, os PCN (1998/2001) elucidam que a Orientação Sexual trabalhada na Educação Básica tem o propósito de abrir espaço à reflexão, problematizando questões relacionadas aos aspectos sexuais, sem direcionar comportamentos nem invadir a intimidade dos alunos, respeitando, assim, os diferentes posicionamentos apresentados por eles.

Considerando esse aspecto, nesta pesquisa, o estudo dos PCN (1998/2001), documento oficial que procura organizar o trabalho da escola e do professor, relativo ao tema da Orientação Sexual, muito contribuiu para respaldar as análises dos dados coletados com a aplicação do questionário.

Tomando ainda como referência o tema da sexualidade atrelado à justificativa de formação integral da criança e do jovem, verificamos que essa formação, segundo os PCN (1998/2001), pretende abranger tanto as dimensões históricas, culturais e sociais, quanto as questões que promovem o bem estar e a saúde do sujeito. O importante é que a escola reconheça que o trabalho sistematizado de *Orientação Sexual*, em sala de aula, favorece ações preventivas de cuidado com a saúde e com o próprio corpo.

Considerando o fator saúde, Altmann (2003, p.283) coloca que:

[...] atualmente a escola tem sido apontada como um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade adolescente que, nos últimos anos, adquiriu uma dimensão de problema social. Mais do que um problema moral, ela é vista como um problema de saúde pública e a escola desponta como um local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes.

Foi por constatar tais necessidades que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, de 1996, determinou que a *Orientação Sexual* de crianças e jovens fosse incluída nos conteúdos escolares de Ensino Fundamental e Médio, como tema transversal, obedecendo ao que está proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Essa determinação da lei não surgiu ao acaso, ela vem acompanhada de estudos preliminares e necessidades sociais emergentes, comprometidas com a educação do sujeito pleno, capaz de pensar e agir com autonomia e responsabilidade. O que se pretende parece ser o desenvolvimento do pensamento crítico que valoriza os princípios éticos da pessoa humana, cujo objetivo maior é a formação para o exercício consciente da cidadania.

A proposta de tratar a *Orientação Sexual* como tema transversal reside no fato de que as questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual; devem contar com a participação de toda a comunidade escolar. A complexidade desse assunto não pode ser reduzida à abordagem de um pequeno grupo de educadores, está amplamente relacionada à instituição escolar como um todo. O propósito desse tipo de trabalho é que ele seja discutido por todos os conteúdos escolares, respeitando suas diversidades e especificidades, e que esteja vinculado ao Projeto Pedagógico da escola.

Sabe-se que a escola é o lugar privilegiado do saber e da comunicação. Egypto (2012) aponta que apesar da importância que a família tem na educação e na formação dos filhos, é na escola que o conhecimento sistematizado sobre sexualidade acontece. Segundo o referido autor, é uma questão de estabelecer diferenças entre o trabalho pedagógico desenvolvido no ambiente escolar e aquilo que se aprende informalmente no convívio familiar e social. Em outras palavras, os objetivos pretendidos, os espaços e as abordagens do assunto são bastante diferentes.

A sexualidade faz parte da vida de todos nós, é um processo natural que nos acompanha desde o nascimento até a morte. No entanto, o saber que é conquistado através dos processos científicos, estruturados adequadamente pelos sistemas escolares que se preocupam com a organização de um trabalho sério de *Orientação Sexual*, é significativo no desenvolvimento integral do indivíduo. Quanto maior o conhecimento a respeito da sexualidade, por parte dos jovens, menores os riscos de uma gravidez indesejada e de contaminações por doenças sexualmente transmissíveis (DST). Nesse sentido, mais uma vez considerando afirmações de Altmann (2003, p. 285), é possível destacar que “a ampla inserção desse tema na escola parece estar ligada, por um lado, a uma dimensão epidêmica e,

por outro, a mudanças nas expectativas de comportamento sexual associadas ao aparecimento da figura da ‘gravidez precoce’.”

Além de proporcionar o cuidado com a saúde, a *Orientação Sexual* adequada propicia também o relacionamento saudável entre os adolescentes. Sendo assim, os PCN preconizam a necessidade de que a instituição escolar e seus educadores sistematizem o trabalho com o tema da sexualidade em sala de aula, privilegiando uma diversidade de discussões e reflexões. Dessa maneira, a escola estará assumindo verdadeiramente a sua tarefa de formar indivíduos esclarecidos, capazes de se respeitarem mutuamente e de fazerem escolhas responsáveis e conscientes.

1.2.1 A organização do trabalho de Orientação Sexual, segundo os PCN

De acordo com os PCN (1998/2001), o objetivo maior do trabalho com o tema da *Orientação Sexual* em sala de aula é ajudar os alunos no desenvolvimento pleno de sua sexualidade, para que eles possam exercê-la com prazer e responsabilidade. Esse objetivo está vinculado ao processo de formação cidadã visto que propõe afiançar não só o respeito a si e ao outro, mas também a busca pela garantia dos direitos básicos de saúde, informação e conhecimento.

Para conquistar esse objetivo, os PCN (1998/2001) elucidam que os alunos deverão ser capazes de respeitar a diversidade, conhecer seu corpo, valorizar sua saúde e dela cuidar, posicionar-se contra discriminações, expressar seus sentimentos, respeitando o sentimento dos outros, conhecer e adotar práticas de sexo protegido, evitar contrair ou transmitir doenças e agir, de modo solidário, em relação aos portadores de doenças.

Considerando tais objetivos e os critérios de seleção que preconizam a relevância das questões socioculturais contemporâneas, os conteúdos referentes ao trabalho com o tema da *Orientação Sexual*, estabelecidos pelos PCN (1998/2001), foram organizados em três blocos assim distribuídos: 1- corpo-matriz de sexualidade; 2- relações de gênero; 3- prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS.

Apesar de definirem a organização dos conteúdos que deverão ser trabalhados pelo professor em sala de aula, os PCN (1998/2001) deixam claro que esses conteúdos podem e devem ser flexíveis para atender as necessidades particulares de cada turma e de cada momento. O que se pretende é eleger tópicos que garantam informações e discussões básicas sobre sexualidade, relacionando-as aos conteúdos de cada área curricular e à faixa etária dos alunos. O importante é dar visibilidade a esses aspectos considerados fundamentais.

Para abordar o assunto referente ao primeiro conteúdo, *corpo-matriz da sexualidade*, os PCN (1998) propõem que se faça uma distinção entre os conceitos de corpo e organismo. No conceito de corpo incluem-se as potencialidades do indivíduo e as dimensões da aprendizagem. Tal fato indica que o conceito de corpo está ligado “às possibilidades de apropriação subjetiva de toda a experiência na interação com o meio”,(p.317). Já o organismo “refere-se ao aparato herdado e constitucional, à infraestrutura biológica dos seres humanos”(idem). Pelo conceito assim estabelecido, verifica-se que a abordagem desse conteúdo deve ultrapassar as informações sobre anatomia. O corpo é considerado como um todo com sistemas interligados por sentimentos, emoções, sensações. Esse todo inclui as dimensões biológica, psicológica e social.

Uma abordagem assim contribuirá para o fortalecimento da autoestima dos alunos e para a conquista de maior autonomia, uma vez que o conhecimento do corpo e suas diversas manifestações favorece a construção da identidade pessoal. É muito importante que os professores, ao trabalharem aspectos ligados às transformações do corpo, façam-no relacionando-os aos significados culturais que lhe são atribuídos, uma vez que tais transformações são sempre acompanhadas de significações sociais.

Para iniciar o assunto em sala de aula, o (a) professor (a) das turmas de primeiro e segundo ciclos, segundo os PCN (1998), deverá propor um estudo dos órgãos envolvidos na reprodução e das zonas erógenas do corpo da criança e do adulto, diferenciando-os por gênero e função, evidenciando as relações existentes entre sentimentos e expressões corporais.

Segundo Egypto (2012), o trabalho de *Orientação Sexual* com crianças dispensa um espaço específico para isso e pode ser organizado com base na observação e na demanda das turmas, uma vez que o (a) professor (a) é aquele (a) que trabalha todos os conteúdos da escola numa mesma turma. De acordo com esse autor, é importante aproveitar os momentos em que ocorrem situações envolvendo questões sexuais.

Já para os alunos do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental, esse estudo deverá ocorrer de maneira transversal, permeando todos os conteúdos. Cada conteúdo abordará o tema de acordo com a sua especificidade. O conteúdo de História, por exemplo, poderá estudar como a sexualidade é vista e vivida em diferentes culturas, lugares e tempos, observando que, de alguma forma, ela sempre esteve presente na vida dos seres humanos.

Outro ponto importante nesse trabalho é investigar os conhecimentos que os alunos trazem sobre o assunto a ser discutido. A explicitação das informações relativas às mudanças do corpo e ao processo de reprodução permite esclarecer dúvidas e diminuir a ansiedade. Com

relação à linguagem, o mais indicado é acolher a que eles utilizam e, em seguida, apresentar as denominações apropriadas, adotadas pela ciência.

Para discutir o assunto do segundo bloco, referente às *relações de gênero*, os PCN ressaltam que, em primeiro lugar, deverá ser estabelecido o conceito de gênero ligado ao desenvolvimento das noções de feminino e masculino como construção social. Desse modo, vale procurar identificar as “Representações Sociais” e culturais edificadas a partir da diferença biológica entre os dois sexos. A história revela que a organização social tem privilegiado os homens ao longo do tempo. As mulheres são discriminadas nos diversos setores da sociedade, não obtendo as mesmas oportunidades dos homens, mesmo depois das grandes mudanças que ocorreram nos costumes e valores das últimas décadas.

O objetivo maior desse trabalho, segundo os PCN (1998), é desvendar e explicitar tais discriminações e preconceitos no sentido de garantir a igualdade de direitos entre os sexos; princípio fundamental para o exercício pleno da cidadania. Nesse aspecto, todos os conteúdos escolares podem e devem discutir a temática das relações de gênero. Só assim, crianças e jovens serão capazes de reconhecer e respeitar as suas diferenças com a finalidade de construir relações mais equilibradas.

É relevante que o (a) professor (a) propicie momentos de convivência e de trabalho entre os alunos de ambos os sexos, para observar o comportamento deles em relação às descobertas e às tolerâncias das diferenças. Esses momentos de convivência oportunizam questionamentos dos estereótipos associados ao gênero. Até o material didático utilizado em sala de aula deve passar pelo crivo da reflexão uma vez que pode conter esses estereótipos; como, por exemplo, as mulheres exercendo atividades domésticas não remuneradas e os homens desempenhando atividades de maior prestígio social, recebendo bons salários.

O importante é que os alunos compreendam que cada um tem seu jeito próprio de viver a sexualidade e respeitem essa individualidade.

No que se refere ao item três, prevenção com relação às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS, os PCN (1998) sinalizam que o enfoque deve ser coerente com a promoção da saúde e das condutas preventivas, desvinculando, assim, a sexualidade dos processos de doença e morte. É preciso esclarecer a diferença entre as formas de contato que oferecem riscos de contágio e aquelas que não propiciam risco algum. Dessa maneira, ao trabalhar com o conteúdo que aborda a prevenção com relação à AIDS, os professores devem priorizar informações atualizadas sobre o histórico da doença, vias de transmissão, diferença entre portador do vírus e doente e o tratamento. O objetivo desse trabalho se iguala aos dos

blocos anteriores: o respeito ao outro, a promoção de atitudes responsáveis e solidárias, não discriminatórias e a valorização da vida.

No primeiro e segundo ciclos, os conteúdos deverão ser mais genéricos, com informações sobre a existência de doenças sexualmente transmissíveis, sem especificá-las, apenas destacando a AIDS para esclarecer sobre fatos e preconceitos associados a ela.

Para o terceiro e quarto ciclos, o trabalho com esse conteúdo deverá abordar cada uma das principais doenças, seus sintomas no homem e na mulher, ressaltando condutas de prevenção. É essencial que os jovens exponham suas angústias, dúvidas e medos e questionem os diversos mitos e obstáculos emocionais que impedem a adoção de práticas de sexo protegido. Nessa faixa etária, a maioria dos alunos está iniciando suas atividades sexuais. Diante disso, “é fundamental a promoção da saúde por meio da adoção de condutas eficientemente preventivas desde as primeiras relações sexuais.”(Brasil, 1998 p.327)

Está provado, através de dados indicados nos PCN (1998), que as infecções causadas pelo vírus HIV ocorrem, em sua maioria, durante a adolescência e início da vida adulta. Isso se deve ao fato de que os jovens estão mais expostos a situações de risco. Essa vulnerabilidade ocorre devido às relações sexuais desprotegidas e ao compartilhar de seringas contaminadas. Nesse sentido, a escola e os professores podem intervir positivamente, criando uma ligação mais estreita com a Unidade de Saúde mais próxima para diminuir os receios que muitos adolescentes têm em buscar orientação clínica, preventiva e terapêutica. Trata-se de associar a vivência do prazer com a responsabilidade de manutenção da saúde e da vida.

Faz-se necessário ainda aproveitar as oportunidades de abordar o tema quando os alunos trazem questões relacionadas a ele, ou quando ocorre algum fato na própria comunidade escolar. Esse tipo de trabalho com os jovens deve propiciar, além de informações corretas, valores como respeito, não exclusão e solidariedade. Eles devem desenvolver a ideia de que não se trata de prevenir-se de alguém, mas das doenças sexualmente transmissíveis. É preciso, por conseguinte, realizar um trabalho não só de informação, mas, principalmente, de formação.

Outro fator relevante no ambiente escolar é o nível de desempenho acadêmico dos educandos, que poderá apresentar resultados mais positivos, considerando que todos esses temas envolvem relações interpessoais mais saudáveis e o aumento da autoestima.

Nesse contexto, o professor como agente formador de opiniões e mediador de conhecimentos dentro da escola, conhece melhor os mecanismos utilizados pelos alunos para as diversas manifestações na área da sexualidade e pode intervir, orientando-os em suas

dúvidas e curiosidades. Esclarecidos em suas dúvidas, eles poderão sentir-se mais confiantes e seguros no relacionamento com o professor e com os colegas. Mas, para orientar adequadamente seus alunos, o professor e outros educadores envolvidos nesse processo deverão buscar informações científicas, à luz de leituras e reflexões teóricas que ofereçam segurança sobre o assunto. A postura do educador, nesse trabalho, é muito importante para que se estabeleça um ambiente de confiança e respeito entre todos os membros do grupo.

1.2.2 O trabalho de Orientação Sexual: a postura do educador

O primeiro passo, de acordo com os PCN (1998), é estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professores. O educador deve reconhecer e considerar legítimas, a busca do prazer e as demonstrações de curiosidades apresentadas pelas crianças e jovens, pois essas atitudes fazem parte do processo natural de desenvolvimento deles. Deve também estar atento às diferentes expressões dos alunos. Em muitos casos, a repetição de brincadeiras pode demonstrar a necessidade de discutir algum assunto específico. O trabalho pedagógico deverá se realizar, sobretudo, pelo exemplo e pelas atitudes do professor em relação às intervenções diante das manifestações dos alunos em aula.

No que se refere às informações oferecidas sobre o tema de sexualidade, elas devem ser claras e diretas, distanciadas da emissão de julgamentos e valores pessoais. Tais informações, quando cientificamente corretas, contribuem para conscientização a respeito do próprio corpo; elevação da autoestima, bem estar e tranquilidade dos alunos. A utilização de recursos como debates e problematizações de mitos, preconceitos e tabus existentes na sociedade minimiza a influência de caráter pessoal que envolve os educadores.

Os professores necessitam reconhecer suas dificuldades em relação ao assunto, antes do trabalho com os alunos e buscar se informar por meio de leituras adequadas, compartilhadas com seus pares. Se possível, contar com uma assessoria especializada, aproveitando momentos de formação. Deverá esta ser contínua e sistematizada, com discussões e reflexões sobre valores e preconceitos presentes no pensamento e nas atitudes do próprio grupo de educadores. Professores e técnicos em educação precisam debater constantemente suas dúvidas e angústias, refletir sobre seus valores e conflitos, questionar seus tabus e preconceitos. Quando isso ocorre, criam-se condições mais favoráveis para o esclarecimento com determinantes democráticos, sem imposição de crenças individuais.

Nesse sentido, a conduta do professor deve ser pautada pela ética e pelo respeito à diversidade de pensamentos e ideias tanto dos seus alunos como dos colegas de trabalho. A definição de princípios educativos num trabalho coletivo da equipe escolar contribuirá para que cada professor, individualmente, execute, com segurança, a sua tarefa de informar e, ao mesmo tempo, formar.

Considerando o aspecto da conduta escolar, os PCN (1998 p.299) indicam que é importante que se estabeleça um diálogo franco e aberto entre escola e familiares dos alunos, objetivando socializar, refletir e discutir sobre o trabalho de Orientação Sexual que será desenvolvido. O apoio deles é significativo para o êxito desse trabalho, segundo os PCN.

Há uma crescente mudança nos processos de organização familiar da sociedade contemporânea. Os papéis masculinos e femininos estão se transformando rapidamente. Esse fato contribui para a valorização da pluralidade de ideias e da não discriminação, entrando em acordo com o que está proposto nos PCN (1998). Diferentes famílias constroem e desenvolvem valores e histórias diversas. Refletir sobre esses fatores promove a construção de uma visão crítica por parte dos alunos; objetivo maior da educação voltada para a formação cidadã, expressa na LDB/96.

1.3 OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE E O TRABALHO COM A ORIENTAÇÃO SEXUAL

O professor contemporâneo está inserido num sistema que cobra dele uma dinâmica polivalente, com várias atribuições, uma vez que a sociedade moderna tem delegado competências diversas à escola, incluindo o desempenho escolar satisfatório do aluno e sua formação integral. As exigências no campo da educação fazem com o professor reveja sua prática quase que cotidianamente. Muitas vezes, as cobranças sociais e a burocracia impedem que o trabalho realizado pelo professor, em sala de aula, alcance o seu objetivo maior: formar cidadãos conscientes e autônomos. Para entender o que se passa hoje, é preciso fazer uma retomada histórica, referente à organização do sistema escolar e as atribuições do professor.

Segundo Charlot (2008), em meados do século XX a educação brasileira obedecia a uma estrutura de formação do sujeito, organizada na lógica de transmissão do conteúdo. O professor tinha a tarefa de ensinar determinados conteúdos pré-estabelecidos e o aluno, passivamente, deveria absorver esses conteúdos sem questioná-los, apenas utilizando os recursos da memorização. Todo conhecimento científico era subdividido em conteúdos

estanques, distantes da realidade do aluno. Nessa época, segundo ele, a escola era para poucos e o tempo escolar se resumia há apenas alguns anos. Poucas pessoas continuavam estudando após o nível primário e a grande maioria da população era analfabeta. Não havia a preocupação com os alunos que fracassavam e nem com o que acontecia no interior da escola. Nesse tempo seguia-se o que era proposto: “debate-se o acesso à escola e a contribuição do ensino para a modernização do país.” (CHARLOT, 2008 p.18)

Esse tipo de organização escolar, de acordo com o autor, começou a mudar a partir do ano de 1960. Na maior parte do mundo, a escola era vista e pensada sobre o aspecto do “desenvolvimento econômico e social”. O Estado, então, responsabilizava-se pela promoção, expansão e universalização do ensino. O novo sistema de organização da sociedade indicava que quanto maior o nível de escolaridade, melhores eram as possibilidades de “inserção profissional” e “ascensão social”.

Localizando esse tipo de educação no contexto histórico vamos entender o porquê dela. Foi nessa época que a indústria, principalmente a automobilística, tomou um grande impulso. Segundo Antunes (2007, p. 196), após os anos 60, o mundo viveu os chamados “anos dourados” do capitalismo com o avanço da indústria do automóvel de padrão “taylorista” e “fordista”, que se tratava de uma “produção cronometrada, homogênea, com ritmo controlado”

O autor coloca ainda que “esse cenário foi dominante até o início dos anos 1970, quando ocorreu a crise estrutural do sistema produtivo. Aquilo que a imprensa, à época, denominou ‘crise do petróleo’, em verdade foi expressão de uma turbulência muito mais intensa que, de certo modo, se prolonga até os dias de hoje.” (ANTUNES, 2007 p.197).

Com as mudanças na organização do mundo econômico, o papel da escola, do professor e do aluno mudou também, mais uma vez acompanhando o modelo social vigente. Para Charlot (2008), a escola se transforma em um espaço de concorrências. Os professores são vigiados e sofrem pressões sociais, tanto por parte das famílias quanto do Governo, uma vez que os resultados satisfatórios dos alunos passam a ser privilegiados. Outro aspecto destacado por esse autor, como desafiador para a escola, para o professor e para a família, é o rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Todas essas mudanças têm provocado também transformações na profissão docente. O professor, dos dias de hoje, “ganhou uma autonomia profissional mais ampla, mas, agora, é responsabilizado pelos resultados, em particular pelo fracasso dos alunos.” (CHARLOT, 2008 p.20).

Em uma análise mais aprofundada sobre esse assunto, Cunha (2010) destaca que a sociedade brasileira tem “atribuído responsabilidades crescentes à educação escolarizada e

aos professores de todos os níveis, decorrentes das mudanças no mundo do trabalho, da revolução midiática e da alteração da estrutura da organização familiar” (p. 129). Para essa autora, não há mais uma clara definição de papéis tanto nas relações profissionais como nas organizações familiares; o que tem dado significativa importância à “flexibilidade do conhecimento” e à necessidade de adaptá-lo a situações novas e imprevisíveis. Essa flexibilidade atinge também os currículos escolares, a figura e as competências profissionais do professor, a forma de verificação da aprendizagem dos alunos e até mesmo os materiais didáticos utilizados em sala de aula, que anteriormente estavam reduzidos a caderno, lápis e giz, hoje se ampliaram para a utilização, cada vez maior, dos recursos interativos do computador e da informática.

Para corresponder com eficiência às exigências do sistema educacional e realizar um trabalho coerente com as necessidades das crianças e jovens que são matriculados todos os anos nas escolas do nosso país, o professor da Educação Básica pode utilizar vários recursos que motivem seus alunos para a aprendizagem dos diferentes conteúdos que compõem o currículo escolar. Nesse sentido, o trabalho com o tema da sexualidade que, segundo os PCN, corresponde aos anseios e descobertas dessa faixa etária, além de oferecer informações sobre saúde e prevenção, oportuniza o espaço para a reflexão, a discussão e a interação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p.122) destacam ainda algumas experiências exitosas em escolas que efetivam o trabalho com a Orientação Sexual, indicando resultados positivos relevantes. Dentre eles, estão a melhoria do rendimento escolar, o desenvolvimento da solidariedade e do respeito entre os alunos, além do reforço dos laços de amizade entre educadores e educandos. Sendo assim, pode-se inferir que quanto mais o aluno conhece sobre o tema, melhor será a relação com sua sexualidade e maior equilíbrio adquire ao relacionar-se com seus pares.

1.4 SEXUALIDADE HUMANA: DIVERSAS ABORDAGENS

Passamos agora a discorrer sobre as ideias de alguns autores que expressam seus estudos sobre a sexualidade humana. Abordamos diversos autores nesse mesmo item com o intuito de facilitar, propositalmente, a interlocução entre eles. Além dos PCN (1998/2001), são apresentadas e discutidas as ideias de Bonfim (2012), Mamprin (2009), Bock (2007), Egpto (2012), Felipe (2012), Barbosa; Matos e Costa (2011), Louro (2012), Aquino (1997), Altmann (2003).

Apresentamos também as contribuições da psicanálise ao tema da sexualidade, tratadas inicialmente por Freud (1905), quando estabeleceu o conceito de *pulsão sexual* e, mais recentemente, pela Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott que, de acordo com Dias (2012), considera o processo de interação do indivíduo com o meio como fator determinante do amadurecimento pessoal. Segundo essa concepção, o que faz o sujeito se desenvolver é a necessidade de se integrar e se constituir como pessoa. Esse processo tem início na vida intrauterina e só termina com a morte.

Objetivando discutir os diversos aspectos da sexualidade, abordamos também as ideias da Filosofia apresentadas por Foucault (1997), que analisa os aspectos que envolvem a sexualidade através de duas vertentes existentes nos organismos sociais: o poder e o discurso.

O assunto da sexualidade sempre esteve presente na vida dos seres humanos. Mesmo quando não se fala abertamente sobre o tema, ele está embutido, de alguma maneira, nas ações, reações e Representações Sociais dos sujeitos. A história e os costumes o modificaram ao longo dos tempos e dos diferentes espaços geográficos. No entanto, ele permanece no nosso cotidiano, porque é inerente à existência do próprio ser. Sendo assim, a escola, como ambiente de formação humana, não pode deixar de considerar esse aspecto da vida de seus alunos.

Foi no reconhecimento desse quadro histórico-ideológico que se estabeleceu a proposta de Orientação Sexual para alunos da Educação Básica. Essa proposta teve por base “uma pesquisa do Instituto Data Folha, realizada em dez capitais brasileiras e divulgada em junho de 1993, que constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão de Orientação Sexual nos currículos escolares”. (Brasil, 2001 p.111).

O desejo de conhecer o próprio corpo e suas manifestações no âmbito da sexualidade provoca ansiedade por parte dos jovens em idade escolar. Esse desejo, se satisfeito, contribui para o aprendizado efetivo dos conteúdos escolares. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001 p.117), a proposta é que a escola e o professor desenvolvam o tema da sexualidade voltado para as “dimensões biológica, psíquica e sociocultural” do ser humano.

Os PCN (2001) apontam também que as curiosidades apresentadas pelas crianças e jovens sobre sexualidade se devem, em grande parte, aos programas veiculados pela mídia, em particular nas telenovelas e nos filmes. Esses programas apresentam, muitas vezes, conteúdos eróticos, que provocam fantasias sobre a sexualidade, distorcendo sua verdadeira significação. Determinados grupos familiares também desenvolvem conceitos errôneos sobre sexualidade e os transmitem aos filhos.

Os alunos, por sua vez, trazem essas e outras questões vivenciadas por eles no espaço familiar e social para dentro do ambiente escolar. Por isso, é importante que a escola insira a Orientação Sexual como mais um assunto a ser trabalhado, não só como parte do conteúdo de Ciências, mas também de forma transversal, dentro dos outros conteúdos oferecidos na programação curricular. O assunto da sexualidade, explícito ou não, perpassa o cotidiano escolar de várias formas, tanto na sala de aula, quando acontecem algumas manifestações dos alunos, quanto fora dela. Nesse sentido, trabalhar com o tema da sexualidade é uma necessidade do mundo contemporâneo.

Além de contribuir para o esclarecimento sobre prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS, a Orientação Sexual na escola também contribui “para a prevenção de problemas graves como abuso sexual e a gravidez indesejada”. (Brasil, 2001 p.114).

Como já foi dito, a sexualidade acompanha o indivíduo durante toda a sua vida. Os primeiros contatos da mãe com o filho envolvem relações profundas de amor e prazer. Tais experiências, vividas desde a infância, concorrem para a formação das conjecturas psíquicas que os indivíduos irão desenvolver até a vida adulta. Em cada etapa da vida novas experiências e novos valores vão sendo adquiridos. Conforme essas experiências vão acontecendo na vida dos sujeitos, podem se constituir em fator de equilíbrio quando saudáveis, ou de desequilíbrio quando são frutos de traumas ou algum tipo de vivência sexual negativa. O ambiente adequado e a convivência saudável são fundamentais na determinação da personalidade equilibrada do ser humano.

As crianças vivenciam, desde tenra idade, a influência dos valores sociais expressos pelos adultos e estão sujeitas aos seus julgamentos. Assim, a cultura e as manifestações do meio social também ajudarão a compor a vida psíquica delas.

Segundo Bonfim (2012), quando começa a descobrir o próprio corpo, diferenciando-o dos demais, a criança distingue o seu sexo, se feminino ou masculino e, nessa fase, também faz comparações tanto no sentido da constituição anatômica corporal, quanto em relação aos fatores estabelecidos pelos padrões sociais de comportamento humano para ambos os sexos. A autora coloca que esses padrões são construídos a partir das representações sociais e culturais constantes na organização do sistema social e transmitidos ao indivíduo pelos processos educativos que ocorrem dentro e fora da escola. Na atualidade essas representações recebem a denominação de relações de gênero e, quando absorvidas, constituem-se em referências fundamentais para a constituição da identidade do indivíduo.

O processo de socialização na infância e na adolescência é fundamental para a construção da identidade de gênero. (MAMPRIN, 2009 p.13)

Para Bonfim (2012), estamos vivendo hoje na era da informação; mas, apesar desse avanço tecnológico, há uma precariedade nas relações humanas e na comunicação entre as pessoas. Falta diálogo, compreensão e afeto, tanto nos ambientes familiares como nas convivências sociais. Nesse aspecto, a autora afirma que uma Orientação Sexual legítima, que ela denomina de educação sexual, “exige de nós um esforço em compreender-nos e em compreender o outro; em voltar à infância e à adolescência, buscando analisar criticamente a nossa história...” (p.15). Adverte que só haverá “educação afetiva sexual emancipatória” quando houver o diálogo, a reflexão, a valorização dos princípios éticos e a busca do autoconhecimento. O diálogo entre jovens, pais e professores oportunizará a troca de experiências entre gerações para rever conceitos e quebrar preconceitos. O importante é “estabelecer a vivência de uma sexualidade baseada na humanização, na afetividade e no prazer” (BONFIM, 2012 p.16).

No estudo sobre a adolescência, realizado por Bock (2007 p.66), a autora procura fazer uma crítica à visão naturalista do conceito de adolescência, atribuída por inúmeros autores ao longo da história. Nesse sentido, expressa:

O objetivo deste estudo foi de fazer uma revisão crítica sobre a concepção de adolescência que tem sido divulgada, em nossa sociedade, através de livros e publicações destinadas a pais e educadores. O estudo pretende também analisar as orientações de condutas que têm sido decorrentes desta concepção. Pretende-se contribuir para a superação de concepções naturalizantes que têm marcado o conceito e rerepresentá-lo, a partir da perspectiva sócio histórica em Psicologia, como uma produção social, assim como indicar subsídios para uma ‘nova’ prática com adolescentes e para a construção de políticas públicas que tomem o jovem como ator social importante.

Para isso, a referida autora faz uma retomada histórica, referente à definição conceitual do termo adolescência. Segundo ela, foi no início do século XX, com Stanley Hall, que houve a introdução da adolescência como objeto de estudo da Psicologia. De acordo com esse estudo, a adolescência foi definida como uma fase da vida do homem caracterizada por tormentos e conturbações vinculadas ao surgimento da sexualidade. Mais adiante, aponta que foi Erickson (1976) quem institucionalizou a adolescência localizando-a no intervalo entre infância e vida adulta. Bock (2007) elucida que as ideias defendidas por Erickson (1976)

inspiraram outros autores. No entanto, indica que tais concepções teóricas se limitam à visão de homem como um ser dotado de características naturais, próprias de sua espécie. Dentro desse quadro, a adolescência é considerada como um processo de desenvolvimento natural que ocorre através de alterações hormonais e sexuais. A autora coloca ainda que muitos estudos têm sido realizados nessa área, embora nenhum deles apresente um conceito novo que supere a visão naturalista de adolescência.

De acordo com Bock (2007), o homem, na visão sócio histórica utilizada por ela nesse estudo, é visto como um ser histórico, constituído, ao longo do tempo, pelas condições sociais e culturais. Nessa concepção de homem, a relação indivíduo-sociedade é dialética, isto é, um constitui o outro. O homem será conhecido pelas relações sociais que vivencia. Ponderando esse aspecto, o próprio fenômeno psicológico pode ser histórico; o que permite compreender a possibilidade de mudança em certos padrões de relações que correspondem a interesses sociais impostos por critérios dominantes em um determinado período da história. Para Bock (2007), “o mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social.” (p.67)

Finalizando seus estudos, a autora ressalta a responsabilidade de todos que fazem parte do conjunto da sociedade - pais, professores, profissionais e adultos - com a formação e a construção social da nossa juventude. Segundo ela, o que os jovens estão fazendo deve ser entendido como produto das relações sociais, das condições de vida e dos valores sociais presentes na nossa cultura.

Considerando a responsabilidade da escola com a formação dos nossos jovens, a proposta de transversalidade no trabalho com a Orientação Sexual para alunos da Educação Básica remete-nos à ideia de que todos os conteúdos escolares têm algo a dizer sobre o assunto. Por se tratar de um tema que nos envolve por inteiro, a ideia não é parar a aula de todo e qualquer conteúdo, afirmando que daquele momento em diante estarão em discussão questões relativas à sexualidade. O que se propõe é atrelar o conteúdo a ser dado aos conhecimentos que envolvem o referido assunto.

Egpto (2012) enfatiza que, no estudo do conteúdo de Geografia, por exemplo, poderá ser discutido o fato de existirem casos de AIDS em diferentes regiões do mundo, verificar em quais regiões ela ocorre com maior ou menor frequência e que fatores contribuem para essa incidência, estabelecendo assim várias comparações. A Literatura, por outro lado, preocupar-se-á com os aspectos amorosos, enquanto Ciências ou Biologia darão ênfase ao estudo do corpo humano. Os preconceitos e as questões de gênero poderão ser discutidos, com

naturalidade, pelo conteúdo de História. Segundo o mesmo autor, o tema da sexualidade está presente em tudo, inclusive nas estatísticas de raciocínio lógico-matemático.

Além da transversalidade, o autor coloca que a escola poderá ainda definir um espaço específico para o trabalho com o tema da sexualidade, elaborando um projeto. Tal projeto, organizado pedagogicamente, será definido pela equipe escolar, após levantamento do interesse dos alunos e de seus pais. O objetivo do projeto consiste em oportunizar momentos de reflexão que facilitarão a construção do conhecimento em grupo. Nesse espaço, os alunos são conscientizados em relação à liberdade de expressão, à necessidade de saber ouvir o outro e ao respeito à diversidade de ideias.

Afora os temas levantados pelos alunos, Egpto (2012 p.27) acrescenta outros aspectos que considera importantes para o trabalho com a Orientação Sexual:

[...] os eixos básicos do trabalho envolvem o *corpo erótico e reprodutivo*, matriz da sexualidade, um corpo que tem sensações, que sente prazer, desejo. As *relações de gênero*, que são muito importantes, visam à equidade de direitos entre homens e mulheres e a prevenção das *DST e Aids*, assunto indispensável e urgente nos tempos atuais.

Continuando seu raciocínio em relação às questões de gênero, o mesmo autor alerta para as consequências da falta de informação sobre sexualidade destinada aos alunos. Segundo ele, essa ausência pode promover a edificação de preconceitos e conceitos morais equivocados, provocando, dentro da escola, discriminações e atitudes muitas vezes inadequadas. Enfatiza também a necessidade de se investir em atividades escolares que promovam a interação saudável entre os jovens, possibilitando a redução das desigualdades de gênero que estão latentes na turma. Tais atividades poderão, num futuro próximo, favorecer a construção de uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diversidades sexuais, nas questões de gênero e nas relações humanas.

A valorização do corpo e as relações de gênero no desenvolvimento da sexualidade também devem ser consideradas quando se propõe discutir a Orientação Sexual nas escolas.

O corpo é, utilizando uma metáfora, a casa que habitamos temporariamente e que precisa ser cuidada para que continue nos servindo com o vigor de que necessitamos.

Desde os primórdios da Humanidade, a valorização do corpo se constitui tema de destaque. De acordo com afirmações de Felipe (2012), o corpo tem sido pensado e construído de diferentes formas ao longo da história e nas diversas culturas. Com referência à função

sexual, corpos femininos e masculinos não têm apresentado o mesmo valor. Na nossa cultura, por exemplo, os corpos representam uma identidade. A identidade feminina está vinculada a uma grande preocupação com a aparência. Há um constante apelo à beleza, que, de acordo com os padrões determinados pela nossa sociedade, expressa-se através de um corpo magro e jovem. Para se manter dentro desses padrões, a maioria das mulheres, de diversas faixas etárias, submete-se a cuidados e sacrifícios extremos. Segundo Felipe (2012), as mulheres “frequenta cada vez mais cedo as academias de ginástica, submetem-se a cirurgias plásticas, fazem dietas, estabelecem pactos entre as amigas, [...] tudo em nome da beleza.”(p.55).

A ideia de corpo perfeito surgiu na Grécia antiga, berço da civilização ocidental. Os homens gregos (só eles tinham esse direito) buscavam a perfeição do corpo por meio da atividade física. Eles acreditavam que conquistar um corpo belo, forte e rápido era um meio de se aproximar dos deuses e, com isso, da perfeição. Nessa perspectiva, “o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante.” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011 p.25).

Barbosa; Matos e Costa (2011) enfatizam que, em se tratando das questões morais e sexuais, para os homens gregos, não havia regras rigidamente organizadas, somente o estabelecimento de algumas normas de conduta para evitar os excessos. Essas normas tinham a finalidade de fazer com que o indivíduo tivesse controle sobre si mesmo. Esse tipo de concessão, no entanto, não se estendia às mulheres que, ao contrário, deveriam ser obedientes e fiéis aos pais e maridos e se responsabilizarem pela reprodução. A civilização grega excluía a mulher da conquista do prazer e do corpo perfeito. Enquanto os homens podiam transitar livres e nus, as mulheres deveriam ficar vestidas com roupas, dentro de casa e, quando saíssem às ruas, precisavam cobrir completamente o corpo.

Apesar da busca do corpo perfeito estar vinculada exclusivamente ao sexo masculino para os gregos, os seus costumes foram incorporados pela nossa cultura. Essa busca se estende, em maior número, às mulheres; no entanto, os homens, embora em menor escala, também têm buscado essa perfeição através da conquista de um corpo “sarado”.

Se, como já foi dito, o mundo ocidental herdou algumas normas e costumes dos gregos, é fácil concluir também que vários preconceitos contra a mulher, que perduraram até meados do século XX, podem ser reflexos dessa herança.

Refletindo sobre essas afirmações, constatamos que a análise sobre questões de gênero deve se pautar no estudo das civilizações que nos antecederam, uma vez que os componentes históricos interferem nas diversas manifestações sociais ao longo do tempo. De acordo com

Mamprin (2009), “a maneira de ser homem e de ser mulher é influenciada pela cultura. Assim, Gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.”(p.5)

Nesse sentido, constata-se que a própria linguagem, utilizada no meio social, sofre a influência da predominância de um gênero sobre outro; nesse caso, do gênero masculino.

Observando esse aspecto, Louro (2012) destaca que “a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos [...]” (p.71)

A autora coloca ainda que, diante dos vários ambientes em que se pode observar a instituição das diferenças e das desigualdades, a linguagem, que constitui e perpassa a maioria de nossas práticas, é, com segurança, “o campo mais eficaz e persistente” na determinação desses valores. Ela não apenas expressa as relações de poder, como também as institui. Através dela, são produzidas e fixadas as diferenças, mesmo porque ela nos parece, quase sempre, muito “natural”. Se analisarmos as regras gramaticais, desvinculadas do uso social que fazemos das expressões, supomos que a linguagem é apenas um veículo de comunicação. Mas, se, por outro lado, passamos a questionar sua intensão, verificamos que ela realmente é instrumento de poder. Delimita espaços e normas de conduta.

Considerando os processos educativos, a organização dos currículos e os procedimentos de ensino, é possível verificar que as “armadilhas da linguagem” atravessam todas as ações e práticas escolares. Valorizando esse aspecto, Louro (2012 p.68) assim se expressa:

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas ‘críticas’). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.

Dentro dessa perspectiva de análise, encontram-se ainda os livros didáticos e paradidáticos que, segundo a autora, estão cheios de expressões comprometidas com a discriminação humana, não só de gênero, mas também de raça, cor, etnia e classe social. Louro (2012) relata que a maioria deles ignora ou nega a diversidade de organizações familiares e sociais, as múltiplas atividades exercidas pelos indivíduos, o porquê das fronteiras entre Nações e a verdadeira razão dos conflitos. A autora coloca ainda que “nesses

livros, profissões ou tarefas ‘características’ de brancos/as e as de negros/as ou índios; usualmente recorrem à representação hegemônica das etnias e, frequentemente, acentuam as divisões regionais do país.” (LOURO, 2012 p.74)

Para ultrapassar as questões que dividem os universos opostos, masculino e feminino, é preciso reconhecer que muitas concepções, provenientes do senso comum ou de teorias, baseiam-se nesse ponto de vista. Vale ainda admitir que a matriz que rege essa divisão, considerando a perspectiva da sexualidade, é, de acordo com Louro (2012), heterossexual. Sendo assim, todos os comportamentos humanos que não se enquadram dentro dessa lógica são ignorados ou tratados como desvios. Nesse contexto, a autora identifica que “a vigilância ou a censura da sexualidade orientam-se, fundamentalmente, pelo alcance da ‘normalidade’ (normalidade essa representada pelo par heterossexual, no qual a identidade masculina e a identidade feminina se ajustam às representações hegemônicas de cada gênero).” (LOURO, 2012 p.84).

Mas, segundo a autora, é visível que a sociedade atual e todas as instituições estão em processo de transformação. Diversos fatores têm contribuído para que esse fato se concretize. A presença maciça de mulheres nas várias frentes de trabalho, a necessidade de maior abertura nas discussões sobre sexo e sexualidade, envolvendo diferentes formas de relacionamento e a admirável expansão dos meios de comunicação são procedimentos que derrubam antigos tabus sociais. Tudo isso possibilita o contato com múltiplos saberes, novos valores e modos de vida, anteriormente nunca imagináveis.

Sem dúvida, esses processos atravessam os muros da escola e modificam os seus rumos. Eles provocam mudanças significativas na abordagem do assunto da sexualidade no ambiente escolar. Colocar certos valores e comportamentos em discussão não é tarefa fácil, mas, de acordo com Louro (2012), é extremamente mobilizador. No entanto, para que tal atitude provoque alguma transformação, “precisará ser acompanhada da decisão de buscar informações, de discutir e trocar ideias, de ouvir aqueles e aquelas que, histórica e socialmente, foram instituídos como ‘outros’.” (LOURO, 2012 p.145)

Segundo afirmações de Aquino (1997), a teoria da sexualidade, ligada à psicanálise, foi apresentada e discutida por Freud (1976), em sua principal obra, “um pequeno livro escrito em 1905, intitulado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.”(p.12). O autor coloca que o objetivo principal do livro foi introduzir o conceito de *pulsão sexual*. Mas, antes disso, no primeiro ensaio, Freud (1976) critica e procura desmistificar as concepções clássicas estabelecidas, no seu tempo, a respeito do instinto sexual. Naquela época, o instinto sexual era

considerado ausente na infância e só se manifestaria na puberdade, com o advento da maturidade. Em seguida, no segundo ensaio, ele reelabora o conceito de acordo com seus preceitos referentes à gênese infantil e, no terceiro, procura definir questões relativas às próprias concepções. Ainda de acordo com a análise do autor, Freud (1976) vai buscar, no homossexualismo considerado como manifestação de desvios do instinto sexual, a fragilidade e a inconsistência dos critérios que serviam de base na distinção entre normalidade e anormalidade. Nesse aspecto, Aquino (1997 p.16) indica que:

A conclusão mais importante que Freud retira de sua análise do homossexualismo é o fato de que, não havendo base para supô-lo como uma anomalia da sexualidade, a relação da pulsão sexual com seu objeto é meramente contingente, acidental, não necessária. O objeto encontra-se ‘colado’ à pulsão em razão de sua história, não de uma inscrição biológica [...].

Considerando essas afirmativas, remontamos a Bonfim (2012), que complementa tais ideias, destacando a importância que a teoria freudiana tem quando elucida que a sexualidade não se limita aos “órgãos genitais e ao ato sexual em si [...] a vida sexual começa logo após o nascimento e se desenvolve por meio de atividades e estímulos que ocorrem na infância proporcionando um prazer que não está vinculado às satisfações fisiológicas.”(p.24). Bonfim (2012) ressalta, ainda, que Freud (1905) faz uma distinção entre a sexualidade na infância e a vida sexual dos adultos. Para ele, o instinto sexual da criança se manifesta de maneira complexa, através de elementos presentes nas várias fases do seu desenvolvimento, assim descritas: fase oral, anal, período de latência e genital. Afirma ainda que as neuroses humanas se constituem de desejos reprimidos, preservados em nosso inconsciente, isto é, “inibição do desenvolvimento da libido”.

Para Aquino (1997), ao ampliar a atividade de *pulsão sexual* para outras partes do corpo e observar suas manifestações nas atividades normais dos seres humanos adultos, Freud (1976) considerou a perspectiva de ligar cada uma delas a “remanescentes arcaicos da sexualidade infantil”. Como exemplo, aliou o reflexo de sucção, que representa a atividade de mamar do bebê, herdado biologicamente, à finalidade de satisfação da fome, que, por sua vez, está ligada a um prazer que se desenvolve paralelamente: o prazer sexual. Para ele, esse prazer nasce de uma excitação da boca ao entrar em contato com o seio da mãe. Mais tarde, esse prazer será buscado pela sucção do polegar, desligado do sentido de fome. Os lábios, em contato com o dedo, transformam-se em zona erógena, que leva a um impulso (pulsão) de estimular-se.

Em suma, o autor conclui que, nos *Três ensaios*, Freud (1976) indica que “a sexualidade é algo que tudo invade, algo que preenche uma função quando a função ultrapassa a simples necessidade, algo que adere a tudo que é intenso, a tudo, enfim, que se configura como ‘excesso’.” (AQUINO, 1997 p.18)

A psicanálise tem procurado, ao longo dos anos, através de pesquisas constantes de vários teóricos, desvendar os processos de desenvolvimento humano. Particularmente, o que nos interessa, neste estudo, são as contribuições de teorias que se dedicaram a análise e discussão dos aspectos ligados à sexualidade humana e suas diferentes manifestações. Freud, considerado o pai da psicanálise, em seus estudos, como constatado acima, explorou questões relativas ao desenvolvimento da sexualidade. No entanto, sua teoria necessita de completude e aprofundamentos uma vez que a dinâmica dos processos sociais e de evolução humana não cessa.

Nesse sentido, destaca-se a teoria psicanalítica do amadurecimento humano desenvolvida por Winnicott. Essa teoria, segundo afirmações de Dias (2012), apresenta uma verdadeira revolução no campo da psicanálise. A autora coloca que, devido a diversas questões apresentadas por pacientes, no seu consultório, sentiu a “necessidade de pesquisar o processo de constituição da identidade sexual e possíveis patologias nessa área.”(p.154) Ao entrar em contato com vários estudos, deparou-se com a teoria de Winnicott que lhe foi apresentada por seu Prof. Dr. Zeljko Loparic, em 1994, quando do início de sua pesquisa de dissertação de mestrado. Dias (2012) considera que para as suas pesquisas na área da sexualidade, não interessavam os “conceitos metapsicológicos, como os de pulsão e libido, que foram utilizados por Freud para explicar o desenvolvimento psicosexual do sujeito. Precisava de um autor que descrevesse os processos presentes na experiência humana.” (p.159)

A teoria criada por Winnicott tinha como referência o processo “maturacional em termos empíricos”, que, de acordo com a autora, vinha ao encontro do que necessitava para fundamentar sua pesquisa. Além disso, a referida teoria ajudava a compreender as questões da sexualidade, ligadas aos aspectos que constituem a identidade do ser humano, isto é, “a sexualidade como um dos elementos da personalidade total da pessoa humana.” (DIAS, 2012 p.160).

A Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott, segundo Dias (2012), aprofunda e, em algumas concepções, substitui a Teoria do Desenvolvimento Sexual defendida por Freud. No processo de amadurecimento, o que se considera é o crescimento pessoal, iniciado

ainda na vida intrauterina, só atingindo a sua completude com a morte, momento final da vida do ser humano.

O que faz o indivíduo se desenvolver, de acordo com essa teoria, é a necessidade de se integrar e se constituir como pessoa; em outras palavras, “o ser humano se desenvolve por meio do processo de interação e não pela pulsão.” (DIAS, 2012 p.163). Sendo assim, o bebê deverá construir, junto com sua “mãe-ambiente”, o caminho que o conduzirá à realidade, pois, ao chegar ao mundo, ele desconhece o que significa desejo, precisa apenas de um ambiente que lhe assegure a continuidade da vida.

Considerando interpretações de Loparic (2005 p.315), referentes à teoria winnicottiana, temos:

Em virtude da importância do relacionamento mãe-bebê na psicanálise de Winnicott, passei a chamar o seu paradigma de *dual*. Visto que a generalização-guia é a teoria do amadurecimento, sugeri ainda chamá-lo de *maturacional*. Este termo não deve ser tomado no sentido exclusivamente biológico, pois, além do lado anatômico-fisiológico, o desenvolvimento humano tem, ainda, o lado pessoal.

De acordo com essas afirmações, podemos identificar que a psicanálise, na teoria defendida por Winnicott, está centrada nos destinos pessoais do ser, ligados ao processo de desenvolvimento biológico; o que, segundo Dias (2012), representa uma “evolução psicanalítica”. É possível, nessa linha de raciocínio, evidenciar que os diversos sentidos da realidade serão estabelecidos durante o processo de amadurecimento do ser humano e que tudo começa na relação mãe-bebê. Impõe-se deixar claro, ainda, que a figura da mãe, para Winnicott, está representada pela própria mãe ou por outra pessoa que cumpra esse papel junto à criança.

Outro aspecto considerado por Dias (2012 p.164,165) se refere ao termo “instinto”, utilizado por Winnicott. Em relação a isso, ela coloca que:

Ao optar por *instinto* para descrever as forças biológicas presentes na vida do bebê, Winnicott revela também como concebe a natureza humana: um ser vivo, concreto, tomado por forças físicas de fato, e não por forças previamente supostas. Winnicott introduz um novo conceito, o de elaboração imaginativa das funções corporais. [...] Ou seja, a elaboração imaginativa dos instintos possibilita que os aspectos meramente biológicos sejam humanizados.

Nessa proposição teórica, corpo e mente se integram para a constituição de um ser humano saudável, pleno, capaz de localizar-se no mundo arquitetando sua vida de forma

peçoal. O homem será “humanizado” por meio de um ambiente humano e o exercício da sexualidade se concretizará através do processo de amadurecimento.

Ao se referir à teoria da sexualidade humana proposta por Winnicott, Loparic (2005) coloca que ela é o resultado de um processo de amadurecimento que parte de duas raízes: uma ligada à matriz instintual e outra de característica identitária ou de identificações.

A raiz instintual, segundo ele, está ligada a um elemento “empírico”, de natureza biológica e será humanizada pela elaboração “imaginativa” das funções do corpo, enquanto a raiz identitária é estabelecida por elementos masculinos e femininos, presentes em todos os indivíduos, constituindo a totalidade do ser.

A teoria da sexualidade instituída por Winnicott nos alerta sobre a necessidade da existência de um ambiente interacional adequado, desde o início da vida do indivíduo, que favoreça o amadurecimento em todos os aspectos; dentre eles, o sexual. Essa interação é progressiva e permitirá a construção da identidade sexual. A conquista de uma sexualidade saudável, portanto, é parte de um processo maior que corresponde à conquista da identidade plena do sujeito.

Com base nas reflexões de Loparic (2005) e Dias (2012), referentes à teoria winnicottiana, é possível verificar que há uma harmonia no desenvolvimento integral do indivíduo quando ele é saudável - todos os órgãos, nesse caso, apresentam o mesmo amadurecimento, não havendo privilégios entre eles. Identificamos, então, que a descoberta da sexualidade é um processo natural de crescimento do ser humano. Os problemas que ocorrem envolvendo questões sexuais não devem e não podem ser analisados considerando apenas uma fase do processo de maturação, uma vez que, como já foi dito, a constituição humana está determinada pela totalidade.

Finalizando suas análises sobre a teoria de Winnicott, Dias (2012) faz uma observação que consideramos muito importante para compreender onde se localizam os estudos freudianos na organização dessa teoria. Ela pontua “que o trabalho de Freud acerca da sexualidade não é excluído com o uso do arcabouço winnicottiano; ele permanece na estrutura desse arcabouço no lugar que lhe é devido, isto é, numa das etapas do processo maturacional.”(p.171)

Nesse sentido, vale ressaltar as afirmações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), a respeito da Orientação Sexual trabalhada de forma transversal pelo professor em sala de aula. Segundo suas concepções, que tomam como referência os objetivos de formação integral contidos na LDB/1996, a sexualidade tem uma abrangência ampla na

vida do ser humano, manifesta-se desde o nascimento até a morte, de diferentes maneiras, a cada etapa do desenvolvimento. Sendo assim, ao implementar o trabalho de Orientação Sexual, o professor deverá integrar as diversas dimensões do indivíduo, vinculadas à vida, à saúde, ao prazer e ao bem estar. Acrescenta ainda que “a sexualidade, assim como a inteligência, será construída a partir das possibilidades individuais e de interação com o meio e a cultura.”(Brasil 2001 p.117,118) Constatamos, portanto, uma coerência entre o que estabelece a teoria de Winnicott e as proposições dos PCN (1998/2001).

Com relação à abordagem filosófica voltada para assuntos referentes à sexualidade humana, vamos encontrar Foucault (1997), o reconhecido pensador francês, que considera, em se tratando de saberes sobre o que é normal ou patológico nas questões envolvendo sexo e sexualidade, que eles são edificações sociais históricas, construídas na “dialética entre o saber e o poder”.

Para ele, a sexualidade é uma “invenção social” defendida por discursos ideologicamente construídos e apresentados como verdades, que limitam e controlam toda e qualquer compreensão sobre esse assunto. Nesse âmbito, de acordo com Bonfim (2012), Foucault (1997) aponta duas vertentes existentes nos organismos sociais, que são utilizadas para nortear os determinantes sexuais: o poder e o discurso. De acordo com a autora, Foucault (1997), indica que as representações sociais relacionadas à sexualidade são construídas pelos sujeitos através do discurso.

O que Foucault (1997) propõe, nos dizeres da autora, é uma síntese mais voltada para a análise das relações de poder do que para as dimensões especificamente pedagógicas. Sendo assim, ela conclui que a “leitura dessas matrizes leva-nos a analisar que a repressão sexual sempre existiu e possivelmente continuará existindo numa sociedade de classes na qual predominam relações de poder e exploração.” (BONFIM, 2012 p.25).

Enquanto Freud (1976) discute a repressão sexual como causadora das neuroses humanas, Foucault (1997) indica o discurso como responsável pela difusão da sexualidade com objetivos de controle.

Altmann (2003) coloca que, ao procurar analisar a verdade sobre como se constrói, no meio social, certo tipo de saber envolvendo o sexo, Foucault (1997) considera o viés das relações de poder. Não um poder que funcione pela lei ou pelo direito, mas aquele que é regido pela normatização, pelo controle. Segundo a referida autora, esse poder indicado por Foucault, é *onipresente*, isso é, produz-se a cada instante, em todas as relações e nos mais diferentes lugares.

Considerando essas afirmações, recorremos a Aquino (1997), que analisa as duas formas básicas de apropriação do saber sexual, propostas por Foucault (1985): a *scientia sexualis* e a *ars erótica*.

De acordo com seus postulados, *ars erótica* é a representação de um saber empírico, que contempla aspectos espirituais e físicos com a utilização, muitas vezes, de formas literárias ou poéticas, direcionado à conquista do prazer sexual. Fez parte, segundo o autor, da história de culturas e religiões da antiguidade e é possível que tenha desaparecido da nossa cultura, embora alguns autores acreditem na sua sobrevivência marcada por obras poéticas contemporâneas. Foi confundido com o sagrado em algumas daquelas culturas e associado a rituais secretos de conotação mística em outras.

Em relação ao termo *scientia sexualis*, Foucault (1985) o apresenta como uma forma de saber que se desenvolveu a partir do século XVIII, em decorrência dos estudos científicos referentes à fisiologia da reprodução, que passou a valorizar os aspectos da sexualidade. Até esse tempo, o fator sexual, para a ciência médica, era motivo de preocupação apenas quando envolvia questões de saúde ou disfunção orgânica. Seguindo as considerações do mesmo autor, conclui-se que a medicina antes do século XVIII, não se ocupava com assuntos a respeito do comportamento sexual em si. Aquino (1997) destaca que foi em consequência da separação entre Igreja e Estado que o “sexo torna-se, então, assunto do Estado, preocupado com o controle demográfico e suas implicações econômicas” (p.14).

Nesse sentido, a sexualidade humana passou a ser tratada pela medicina como função biológica de natureza reprodutiva. Houve então um deslocamento do assunto referente à conduta sexual, antes apenas de domínio científico e médico, para o discurso pedagógico. Dessa maneira, todo instinto sexual seria explicado considerando-se os princípios da Biologia, que o ligava ao processo de reprodução e, quando fugia disso, era considerado anormal.

Foi nessa época, segundo o autor, que surgiram várias obras escritas a respeito das “anormalidades sexuais”. Os argumentos sustentavam que o sexo, como instinto normal, estava determinado pelo funcionamento do aparelho reprodutor. Sendo assim, ele só deveria iniciar-se na puberdade e permanecer até o término da atividade reprodutiva. De acordo com esse raciocínio, todas as manifestações de sexualidade deveriam estar vinculadas aos órgãos genitais. Eram consideradas anormais, portanto, as manifestações sexuais que poderiam ocorrer na infância e na velhice, bem como o homossexualismo, que indicava a atração de um indivíduo por outro do mesmo sexo e a masturbação que era classificada como “sexualidade solitária”.

E qual o papel da escola nessa época? À escola foi dada a responsabilidade de combater os chamados desvios sexuais, que fugiam aos padrões de reprodução humana.

Considerando esse aspecto, Aquino (1997) coloca que a escola contemporânea está tradicionalmente ligada à *scientia sexualis* e que a “psicanálise foi, em parte, responsável pelo fato de se levantar, na escola, o tabu sobre sexo e de se dar à criança informações sobre sexualidade, pela afirmação de que a criança tem direito à verdade.”(p.20)

Recorremos também a Louro (2012) quando elucida que as escolas ocidentais têm se preocupado muito com as questões que envolvem a sexualidade dos sujeitos, porque, independente do discurso existente ou da inclusão desse assunto nos regimentos escolares, a “sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’.” (p.85).

No entanto, os manuais destinados a fornecer informações sobre sexo para crianças e jovens estão fundamentados exclusivamente na fisiologia do aparelho genital. Não há neles nenhuma referência aos aspetos humanos de prazer ou de angústia presentes durante o processo de envolvimento sexual. Sendo assim, eles oferecem a oportunidade para que o professor fomente em seus alunos o interesse na discussão do assunto, levando-os ao exercício da reflexão sobre as várias questões que tratam da sexualidade como totalidade. Os momentos de discussão e reflexão a respeito do referido tema oportunizam também a revisão de conceitos e preconceitos existentes na nossa sociedade.

O que importa é que a escola e seus educadores estejam abertos aos questionamentos, dúvidas e curiosidades manifestados pelos alunos a respeito de sua sexualidade. Afinal, o objetivo da educação brasileira, segundo determinações da Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, é a formação do homem integral, capaz de conviver em harmonia com seus semelhantes, exercendo, com consciência crítica, a sua cidadania.

Os estudos realizados neste capítulo mostram, dentre outras questões relevantes, que a sexualidade envolve discussões amplas do desenvolvimento humano, em que diversos aspectos devem ser evidenciados, como o biológico, mental, histórico e o cultural.

Há de se destacar também a contribuição significativa de várias pesquisas a respeito do assunto. A maioria das teorias que se propõem ao estudo das questões sexuais considera que o ser humano herda princípios e valores éticos, constituídos pela sociedade à qual pertence. Em contrapartida, admite também que o homem interfere nos processos históricos, de maneira passiva ou ativa, provocando mudanças no cenário das organizações sociais.

Sendo assim, as transformações nos paradigmas morais e éticos, referentes ao trato da sexualidade, que estamos vivenciando hoje são frutos de muitas lutas, realizadas ao longo do tempo, por mulheres e homens comprometidos com a vida e o bem estar da Humanidade.

Considerando a análise dos teóricos que referendaram este estudo, é possível inferir que a sexualidade humana representa um aspecto importante na formação da personalidade integral do sujeito.

Com referência aos aspectos legais que tratam dessa temática, destacamos que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, de 1996, juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais, sugeriram o trabalho educativo com o tema da *Orientação Sexual* nas escolas de Educação Básica. As diretrizes que regulamentaram a organização desse trabalho no ambiente escolar recomendaram que ele fosse desenvolvido por todos os conteúdos, como tema transversal. Vale lembrar, nesse sentido, que a escola e seus educadores têm autonomia para utilizar diferentes recursos e estratégias na realização desse trabalho. É importante que quando a escola se propuser a realizá-lo, valorize as contribuições críticas e reflexivas dos envolvidos no processo, respeitando seus diversos pontos de vista, valores e crenças.

Outro fator que merece destaque são as contribuições da psicanálise de Freud (1905), apresentadas por Aquino (1997) e Bonfim (2012) e da filosofia de Foucault (1985) discutidas também pelos dois autores, ao tema da sexualidade. Segundo afirmações dos referidos autores, enquanto o objetivo de Freud foi estabelecer o conceito de “pulsão” e instinto sexual, considerando que as questões da sexualidade ocorrerão por representações mentais, constituídas através do consciente e do inconsciente humano, Foucault discutiu as questões da sexualidade apresentando-as como uma “invenção social”, defendida por discursos ideológicos, instituídos como verdades, com a finalidade de limitar e controlar toda e qualquer compreensão sobre o assunto.

Apesar de utilizarem caminhos teóricos diferentes, Freud e Foucault se afinam num argumento muito importante para a nossa reflexão enquanto educadores: a sexualidade não se resume aos órgãos genitais e aos componentes meramente biológicos, ela apresenta caráter amplo abrangendo aspectos globais do desenvolvimento humano.

Com relação à teoria psicanalítica do amadurecimento humano, desenvolvida por Winnicott, a descoberta da sexualidade é um processo natural de crescimento do ser humano e está determinada pela interação do sujeito com o meio em que vive. Essa interação é progressiva e permitirá a construção não só da identidade sexual, mas também da identidade total da pessoa humana.

Acreditamos que a importância dessa teoria está no fato de que ela se constitui em um avanço na ciência psicanalítica, provocando uma verdadeira mudança nos paradigmas psicológicos que envolvem os processos sexuais. Observamos, ainda, que a teoria winnicottiana não pretende excluir as análises teóricas desenvolvidas por Freud, apenas deseja indicar que essas análises se localizam em uma das etapas do processo de maturação do indivíduo.

Concordamos com Dias (2012) quando ela coloca que a teoria defendida por Winnicott representa uma “evolução” na maneira psicanalítica de abordar as questões da sexualidade humana, pois considera o desenvolvimento do indivíduo na sua totalidade.

O estudo e a análise dos diversos teóricos que versaram sobre o tema da sexualidade levam-nos a refletir a respeito da grande responsabilidade que a educação e os educadores têm com a formação integral daqueles que ingressam no sistema escolar todos os anos. O objetivo de cada um deles e de seus familiares parece ser a busca de conhecimentos. Mas, que conhecimentos? De que maneira eles serão apropriados? Que significados lhe serão conferidos? Para que e para quem servirão?

Essas e muitas outras questões inquietam os educadores comprometidos com o seu trabalho. O cumprimento adequado do processo educativo incomoda profundamente, pois estamos nos referindo ao compromisso humano com vidas humanas. Não há, nesse particular, receitas prontas, existem apenas caminhos, e eles são, quase sempre, imprevisíveis. Em vários pontos, essa imprevisão é positiva, pois é em decorrência dela que estamos continuamente ampliando nossos conhecimentos, na busca efetiva de novos saberes.

CAPÍTULO 2 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualiquantitativa descritiva, que toma como referencial teórico-metodológico a Teoria das Representações Sociais, descritas por Moscovici (1978), e a Subteoria do Núcleo Central de Abric (2003).

A pesquisa qualiquantitativa, ou pesquisa mista, é descrita por Gray (2012 p.163) como aquela que inclui “pelo menos, um método quantitativo e um qualitativo, onde nenhum deles está inerentemente ligado a qualquer paradigma de investigação específico”. De acordo com esse autor, apesar de as abordagens quantitativas e qualitativas partirem de premissas distintas, nos últimos anos, alguns pesquisadores têm utilizado essas duas modalidades numa mesma pesquisa, combinando os métodos sem receio de “mesclar epistemologias”. Ele coloca ainda que esses pesquisadores têm considerado os métodos mistos como o “terceiro movimento metodológico”.

Segundo Gray (2012), os pragmatistas afirmam que há uma falsa dicotomia entre as duas abordagens e recomendam que se integrem os dois métodos num único estudo, aproveitando os pontos fortes de cada um. O uso de métodos mistos permite que os pesquisadores “obtenham uma visão mais rica e contextual do fenômeno que está sendo pesquisado”.(p.167) Nesse aspecto, é possível, através da pesquisa quantitativa, identificar relações entre as variáveis e fazer generalizações, enquanto a pesquisa qualitativa pode possibilitar a análise das expressões e ações de pessoas inseridas em um determinado contexto e período temporal.

Considerando também os argumentos de Strauss e Corbin (2008), em relação a utilização de métodos mistos numa pesquisa, destacamos que “a combinação de métodos pode ser feita por razões suplementares, complementares, informativas, de desenvolvimento e outras”. (p.40) De acordo com esses autores, esse tipo de combinação não é novidade, uma vez que vem sendo utilizado por vários pesquisadores contemporâneos. O importante é adequar o método ou os métodos ao objetivo da pesquisa. Cada tipo de pesquisa determina escolhas relacionadas à utilização de vários procedimentos, sejam eles qualitativos ou quantitativos.

Para Stake (2011), “a principal razão para optar pelos métodos mistos é, certamente, melhorar a qualidade das evidências”. (p.141) O autor coloca que as abordagens quantitativas podem oferecer confiança ao pesquisador através dos resultados quantificados estatisticamente, rejeitando ou validando uma hipótese, enquanto as análises qualitativas

oportunizam meios de aumentar essa confiança através da análise comunicativa. Tal evidência significa que os métodos mistos devem ser utilizados de maneira interativa, para estudo de elementos específicos. Sandín Esteban (2010) concorda com esse posicionamento quando elucida que “a existência de um amplo consenso quanto à integração de métodos pode ser verificada na estrutura, no conteúdo e no enfoque adotados em numerosas publicações sobre pesquisa social que aparecem nos últimos anos”.(p.37) A autora retrata que a superação da dicotomia entre os dois paradigmas de pesquisa, quantitativo/qualitativo, não está centrada apenas no nível de integração de métodos, “mas também na possibilidade de complementariedade ou de integração das perspectivas teóricas ou metateóricas que sustentam as tradições de pesquisa”.(idem)

Os argumentos desses autores justificam a escolha do método de pesquisa qualiquantitativa proposto neste estudo.

A seguir é exposto e discutido o referencial teórico-metodológico, incluindo a Teoria das Representações Sociais, a Subteoria do Núcleo Central e o Percurso Metodológico.

2.1 O REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O termo “representação coletiva” foi apresentado, pela primeira vez, pelo sociólogo Émile Durkheim (2004), no final do século XIX, aliado às ideias do Positivismo. O conceito de representação foi inicialmente utilizado por esse autor, no entanto estava determinado pelo momento histórico e por características desse tempo.

Somente no século XX, no ano de 1961, com Serge Moscovici, a ideia de representações sociais reaparece, mas com sentido diferente do que Durkheim propunha. O trabalho de Moscovici, referente a representações sociais, partiu da ideia de construção de uma psicologia social do conhecimento, sustentada pelas influências sociais da comunicação. Essa comunicação está ligada à vida cotidiana das pessoas e serve como meio de estabelecer relações entre elas. Para ele, o conhecimento se constitui através da interação e da comunicação entre os indivíduos e está sempre ligado aos interesses humanos. O conhecimento surge das paixões humanas; portanto, nunca é desinteressado.

Enquanto Durkheim considerava que a sociedade determinava o modo de vida das pessoas de forma unilateral, Moscovici defende a ideia de inter-relações existentes entre a sociedade como um todo e os seres humanos na sua individualidade. Considera que o individual exerce influência sobre o coletivo e vice-versa.

Na psicologia social de Moscovici (1961), é por meio dos intercâmbios comunicativos que as representações sociais são estruturadas e transformadas. É pela comunicação que nos ligamos aos outros ou nos distanciamos deles. Ele associa as representações sociais a conceitos de natureza psicológica, fazendo uma ligação entre o universo externo e interno do sujeito.

Moscovici (2012) sustenta que as representações sociais têm como finalidade fundamental possibilitar a comunicação, estabelecendo certo grau de consenso entre os membros de um determinado grupo social e “são formadas através de influências recíprocas, através de negociações implícitas no curso das conversações, onde as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores.” (p.208). Entende ainda que tais representações estão ligadas a um conjunto de conceitos e proposições, originados da vida cotidiana, no curso das comunicações interpessoais. Para esse autor, as representações sociais estão relacionadas, em nossa sociedade, aos mitos, às crenças e podem ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

As representações sociais, segundo Moscovici (2012), possuem duas funções. A primeira localiza e convencionam, em uma determinada categoria, objetos, pessoas ou acontecimentos; e a segunda descreve a realidade tal como ela é, está ligada aos fatos que nos antecedem. Elas determinam uma cultura e um tipo de vida num espaço e tempo em que ocorrem. Estão presentes na sociedade da qual fazemos parte e existem mesmo que não tenhamos consciência delas. Essas duas funções têm por objetivo mostrar que as representações se constituem em um ambiente real, concreto. As representações aparecem para nós quase como objetos materiais, uma vez que a história e os costumes apresentam-se com a resistência de um objeto material, sendo o produto de nossas ações e comunicações. Todas as interações humanas pressupõem representações. Tudo que nos parece familiar no encontro com pessoas ou coisas podem ser representações. Elas são criadas por grupos de pessoas e, uma vez criadas, adquirem “vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2012 p. 41).

As representações sociais só existem nas relações interpessoais e sociais, elas são expressões de manifestações humanas e podem se constituir tanto naquilo que parece familiar como no não familiar. Segundo Moscovici (2012), a finalidade das representações é transformar o que não é familiar em algo familiarizado, bem próximo daquilo que o sujeito necessita interpretar e reconhecer. A conscientização e a compreensão do que é familiar

servem como referências para identificar o que não é comum e não é familiar. Toda cultura tem seus pontos de referência e, quando eles são ameaçados por situações incomuns, diferentes e descontínuas, nós os rejeitamos; por exemplo, aí se inclui o trabalho com o tema da sexualidade no ambiente escolar. Sentimo-nos incomodados por tudo aquilo que ameaça os nossos costumes e tendemos a explicar os fatos diferentes, colocando-os dentro de padrões que nos parecem mais comuns, mais familiares. Há sempre uma “tensão” entre o familiar e o não familiar presentes em nossos “universos consensuais”.

Para Moscovici (1976 *apud* DUVEEN 2009, p. 21), a definição de representação social é:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientarem-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual.

Segundo Mazzotti (2008 p.22), o estudo de Moscovici sobre representações sociais se tornou “um novo paradigma na Psicologia Social” uma vez que, ao retomar o conceito de representação coletiva proposto por Durkheim, afasta-se de suas ideias sociologizantes, para fazer aprofundamentos conceituais e metodológicos, ligando a Sociologia à Psicologia, procurando “dialetrizar as relações entre indivíduo e sociedade” (*idem*). Na visão da referida autora, as ideias de representações sociais, apresentadas por Moscovici (1961), trazem uma identificação entre o universo externo e interno do indivíduo, afirmando que, ao representar um determinado objeto, ele não o reproduz de maneira passiva, mas o reconstrói e, ao fazê-lo, age como sujeito. O desafio do autor foi superar o enfoque individualista que era dado pela Psicologia ao fenômeno das representações e, por outro lado, o enfoque coletivista oferecido pela Sociologia e Antropologia, utilizando essas ciências como auxiliares na compreensão do conceito de representações sociais estabelecido por ele. Nesse sentido, considerou que o social só existe se existir um sujeito e que o sujeito só existe no social. Essa interação dialética entre ambos é que foi tomada por Moscovici (1961) como ponto de partida para a formulação da Teoria das Representações Sociais.

O que Moscovici (2012 p.45) propõe “é considerar como fenômeno o que era antes visto como conceito”. Enquanto Durkheim une a ideia de conhecimento e crença num mesmo

conceito, Moscovici afirma que se trata de conceitos distintos. Não podem, portanto, ser definidos como se tivessem as mesmas características.

Nas representações, toda imagem está ligada a uma ideia ou significado e vice versa. A linguagem que utilizamos para expressar ideias e nos comunicar está, na maioria das vezes, carregada de representações. Este parece ser um dos fenômenos mais importantes da contemporaneidade: a união entre linguagem e representação.

A linguagem como expressão de ideias e mecanismo de comunicação entre os sujeitos, uma vez disseminada entre a coletividade, cristaliza-se e “se comporta como força material”. (MOSCOVICI, 2012 p.48).

No século passado, a linguagem verbal era utilizada como meio de comunicação tanto de ideias do senso comum como de ideias relacionadas ao conhecimento teórico científico. Com a evolução tecnológica, dos dias atuais, a linguagem não verbal, de conteúdo lógico-matemático, “que se apropriou da esfera da ciência, substituiu signos por palavras e equações por proposições”. (MOSCOVICI, 2012 p.47). O mundo cotidiano se distanciou do mundo da ciência teórica. A preocupação da psicologia social com o estudo da linguagem, nos dias de hoje, deve-se à mudança nas formas de compreensão e interpretação dos fatos do nosso cotidiano e à utilização de outros símbolos como linguagem; um exemplo disso é a linguagem das novas tecnologias de informação.

Numa sociedade de pensadores, que lugar ocupam as representações? Segundo Moscovici (2012), antigamente esse lugar era ocupado pela diferenciação entre “esfera sagrada” e “esfera profana”. A “esfera sagrada” é digna de respeito e veneração e mantida longe das atividades humanas intencionais, enquanto a “esfera profana” se localiza onde são executadas as atividades de sentido trivial e utilitarista. Hoje essa separação foi substituída por termos novos como “universos consensuais” e “reificados”, que fazem parte de nossa cultura. No “universo consensual”, o grupo de pessoas, inserido na sociedade, é considerado igual e livre. Todos os que fazem parte desse grupo podem expressar suas opiniões, seus pontos de vista e construir as leis. O discurso ou as formas comunicativas criam uma base comum de significados entre eles. Esse tipo de organização está presente em clubes, associações, bares e outros. O pensar é construído no diálogo entre seus participantes e constitui o conhecimento de senso comum.

Em contrapartida, no “universo reificado”, a sociedade funciona como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Nesse tipo de organização, cada participante está determinado pela competência adquirida por méritos pessoais. Há uma forma

de linguagem adequada para um contexto determinado, as organizações sociais, dentro dos sistemas, contam com regulamentos e regras próprias que são estabelecidas previamente. Não há, nesse aspecto, acordos, nem compreensão recíproca. Todos os participantes estão presos ao que determina o sistema.

O que Moscovici (2012) propõe é estudar a realidade estabelecida no “universo consensual”, a partir das representações que os integrantes dos grupos sociais formam, com a autoridade conferida pelo senso comum. As representações estão ligadas a um consenso entre os nossos interesses individuais e a consciência coletiva, “a natureza específica das representações expressa a natureza específica do universo consensual”. (MOSCOVICI, 2012 p.53). Ao discutir como a ciência torna-se senso comum, considerando os aspectos do saber psicanalítico Moscovici reabilita tal conhecimento, enfatizando a necessidade de analisá-lo por meio de um olhar psicossocial comprometido, ao mesmo tempo, com o social e com o individual.

Neste sentido, o conceito de representação social é pertinente para a compreensão do campo educacional visto que permite focalizar o conjunto de significados psicológicos e sociais, presentes no processo educativo. A Teoria das Representações Sociais apresenta um importante suporte para análise dos conflitos produzidos no cotidiano escolar, sem desconsiderar aspectos oriundos da história e da cultura de uma sociedade. A psicologia social abre a possibilidade de estudo das relações sociais no contexto da escola, permitindo a compreensão do sujeito enquanto construtor de significados e de sua realidade. “Neste contexto, preparar o professor para as relações interpessoais significa prepará-lo para compreender as representações que se constroem nessa relação” (SOUSA e VILLAS BÔAS, 2011 p.277).

É nesse sentido que desenvolvemos esta pesquisa, buscando identificar, caracterizar e compreender as representações sociais que os professores estão construindo acerca da Orientação Sexual oferecida por eles na Educação Básica.

Considerando todos esses aspectos, pode-se indagar sobre como são criadas as representações no ambiente social. Para Moscovici (2012), elas são criadas através de imagens, ideias e controle. As imagens nascem no campo da subjetividade e se constituem distorções da realidade objetiva. As ideias ou ideologias surgem da necessidade de resolver “tensões” psíquicas e restaurar a estabilidade interna, enquanto o controle corresponde à manipulação do pensamento e da realidade na tentativa de estabelecer regras para enquadrar o comportamento humano. Todos esses aspectos promovem um ajustamento entre o que é familiar e o que não é, na tentativa de tornar comum e real o que é incomum. No estudo de

uma representação é importante detectar e explicitar qual foi o aspecto não familiar que a motivou, para compreendê-la melhor no campo social.

Para explicar como se processa a transformação de palavras e ideias não familiares em familiares, Moscovici (2012) apresenta dois processos geradores das representações sociais: a “ancoragem” e a “objetivação”.

Segundo ele, a função da “ancoragem” é tornar aquilo que nos parece estranho e nos perturba em algo comum, utilizando para isso os padrões da própria cultura. Na realidade, o objetivo da “ancoragem” é classificar e dar nome a alguma coisa, pois aquilo que não é classificado e não possui um nome é estranho; portanto, ameaçador. Quando classificamos uma pessoa ou objeto, nós os colocamos dentro de um padrão de comportamento e de regras que determinam o que é ou não é permitido em relação aos indivíduos ou objetos pertencentes a essa classe. Quando nós registramos como permitido, isso é considerado positivo e aceito; do contrário, nós o rejeitamos. Nesse aspecto, os preconceitos presentes na nossa sociedade só poderão “ser superados pela mudança de nossas representações sociais da cultura, da ‘natureza humana’ e assim por diante”. (MOSCOVICI, 2012 p.66).

Com o objetivo de aprofundar os seus estudos teóricos, Denise Jodelet (1990) assumiu a tarefa de sistematizar a teoria das representações sociais, procurando elucidar o conceito e os processos que formam tais representações. Ela define representações como uma forma de pensamento social, manifestado através do conhecimento ou do saber de senso comum, afirmando que “a marca social dos conteúdos ou dos processos se refere às condições e aos contextos nos quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam e às funções que elas servem na interação do sujeito com o mundo e com os outros” (JODELET 1990 *apud* MAZZOTTI, 2008 p.28). Para essa autora, a representação social diz respeito à forma como nós apreendemos os acontecimentos e as informações da vida cotidiana, ou seja, refere-se aos conhecimentos que acumulamos a partir de nossa experiência. Constitui-se de informações, saberes e modelos de pensamento que recebemos e transmitimos pela tradição, pela educação e pela comunicação social.

Com relação ao conceito de “ancoragem”, Jodelet (1990 *apud* MAZZOTTI, 2008 p.29) mostra a importância desse processo, apresentando as suas três funções básicas que se articulam entre si: função cognitiva de interação da novidade; função de interpretação da realidade e função das condutas e das relações sociais. Com o objetivo de aprofundar mais o estudo, a autora afirma que a “ancoragem” está relacionada ao jogo de significações externas que incidem sobre as relações estabelecidas entre os diferentes elementos da representação.

Assim é porque os conteúdos de uma representação estão ligados à significação que um fato, objeto ou fenômeno tem para determinados grupos sociais. Afirmo ainda que os elementos das representações não só exprimem relações sociais, mas também contribuem para construí-las, uma vez que a representação tecida em um grupo acaba servindo a seus agentes como instrumento referencial para comunicar e influenciar aqueles que compartilham do mesmo grupo.

Já para explicar o processo da “objetivação”, Moscovici (2012) liga a ideia do não familiar à realidade, indicando que esse processo é a materialização de um pensamento ou ideia abstrata. Essa ligação é transitória e pode deixar de existir em um determinado tempo histórico, enquanto outras representações são construídas. O que é considerado incomum ou não familiar para uma sociedade pode se tornar familiar em outra e vice versa. Quando comparamos Deus a um pai, transformamos o que era invisível e abstrato em algo concreto. Objetivar é, portanto, relacionar um conceito a uma imagem. Ao percebermos que as palavras estão vazias de significados, somos levados a ligá-las a algo concreto equivalente, representado, na maioria das vezes, por imagens. Essas imagens são essenciais para a comunicação e para a compreensão social, uma vez que elas fazem parte da realidade. Cada cultura tem seus próprios mecanismos e instrumentos para transformar suas representações em realidade. As representações sociais dos professores de Educação Básica em relação ao trabalho com o assunto da sexualidade humana em sala de aula, tema deste estudo, é um exemplo clássico, pois, através dela, são construídas inúmeras imagens que materializam ideias, linguagens e pensamentos a respeito de como os sujeitos a tratam e a compreendem numa dada sociedade e num período da história.

Em suma, “ancoragem” e “objetivação” são formas de lidar com a memória. Enquanto uma movimenta a memória para dentro, através da classificação de pessoas, objetos e acontecimentos, a outra direciona-se para o mundo exterior, tirando dele imagens e conceitos de coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. É a explicitação do elo existente entre “objetivação” e “ancoragem” que nos permite compreender determinados comportamentos sociais. Assim, no interior de uma comunidade, de acordo com suas experiências e tradições, as concepções acerca de objetos da realidade se tornam tão interiorizadas em todos os seus membros que os indivíduos são levados a se comportarem, diante desses objetos, segundo as representações atribuídas a eles, pelo próprio grupo.

Em seguida, o autor coloca que as representações sociais podem ser motivadas ou se relacionarem a dois tipos distintos de atitude do ser humano, ligadas a determinado fato, “uma relação de causa e efeito e uma relação de fins e meios” (MOSCOVICI, 2012 p.80).

Procuramos sempre uma causa que justifique um tipo qualquer de comportamento que não entendemos, ou o que motivou a atitude inesperada de uma pessoa em relação a um fato ocorrido com ela. Essa causa pode estar ligada a um motivo interior ou exterior ao sujeito. Em alguns casos, os fins são utilizados como causas, os meios como efeitos e as intenções como resultados. Toda explicação que procuramos dar a um fato social está relacionada à ideia que construímos de realidade. É essa ideia que governa nossas relações sociais. Tudo está ligado, em última instância, a um sistema de representações sociais que é construído pelos indivíduos, ao longo da história, numa determinada sociedade.

Para explicar a divisão de classes na nossa sociedade, por exemplo, podemos afirmar que há uma dualidade correspondente a classes dominantes e dominadas. Para a primeira, o sujeito é responsável por tudo o que lhe acontece, o foco está na responsabilidade individual, enquanto para a segunda os aspectos sociais é que determinam o que ocorre com o sujeito, ela acentua a reponsabilidade social, denunciando a injustiça e propondo soluções coletivas para problemas individuais.

De acordo com Moscovici (2012), as pesquisas que nortearam e embasaram a teoria das representações sociais apresentam quatro princípios metodológicos. O primeiro princípio refere-se às “conversações” normalmente usadas na sociedade, em que os indivíduos utilizam a interação para se familiarizarem com objetos e ideias. Elas se localizam no centro de nossos “universos consensuais”. O segundo considera as representações como meio de reconstruir a realidade, atribuindo novo referencial ao que já existe. O terceiro princípio destaca que o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise em que as pessoas estão motivadas por um desejo de entender o mundo cada vez mais perturbado e não familiar, elas se expressam com maior facilidade e o comportamento se torna mais espontâneo. Esse fato ocorre geralmente quando há novas descobertas científicas e estas se popularizam na linguagem e na consciência coletiva. Para discutir o quarto princípio, o autor refere-se às pessoas que elaboram tais representações, afirmando que elas se comportam como se fossem “professores” amadores, expressam pensamentos e ideias que se popularizam em diversos encontros sociais, formais e não formais.

2.1.1 A teoria das Representações Sociais no contexto escolar

A educação, num sentido amplo, constitui-se em um processo de relações culturais e sociais diversas. Sua abrangência está determinada pela complexidade. Para compreendê-la

melhor, é preciso situá-la num determinado local e espaço; nesse caso, a escola contemporânea.

Por constituir parte integrante da sociedade, a escola é formada de sujeitos que trazem de suas culturas e vivências diferentes representações. De acordo com Sousa e Villas Bôas (2011), essas representações determinam as relações interpessoais presentes no cotidiano escolar. No entanto esse procedimento ocorre de forma dinâmica. Ao mesmo tempo em que os indivíduos pesam e agem movidos por suas representações, estão também construindo e reconstruindo novas representações. Todo esse movimento caracteriza os processos comunicativos e de inter-relações dentro da escola. É importante considerar que nada está determinado no processo educativo, tudo pode e deve ser repensado pelos sujeitos que dele fazem parte. Essa possibilidade de repensar a educação na escola tem nos movido enquanto educadores, no sentido de buscar diversos caminhos de ensinar e aprender. Este estudo, como já colocado, parte dessa inquietação.

Segundo Moscovici (2012), toda representação social está ligada a aspectos de inter-relações e comunicação. Ele considera, por meio de seus estudos, que as representações sociais são sempre um produto da interação e comunicação entre os sujeitos. A transição para a modernidade é caracterizada pelo papel central de novas formas de comunicação que gerou também novas possibilidades para a circulação de ideias e trouxe grupos sociais mais amplos para o processo de produção psicossocial do conhecimento.

Nesse sentido, a escola passou a receber, em seu universo, diversos estilos de pensamentos, ideias e valores, originados dos diferentes modos de vida dos sujeitos que hoje a constituem. O ambiente escolar está povoado por inúmeras diversidades culturais. A maioria dos sujeitos que a compõem pertence às classes populares, são trabalhadores assalariados, como todos nós educadores. O grande desafio do sistema escolar contemporâneo tem sido possibilitar a construção do conhecimento, respeitando toda essa diversidade cultural e ainda promover a formação integral do indivíduo, fazendo com que ele seja capaz de pensar e agir de forma consciente, participando ativamente da vida política e social do nosso país. Esse desafio tem constituído, na maioria das vezes, tarefa não muito fácil para os docentes conscientes de sua responsabilidade. Acreditamos que a valorização da cultural e do saber popular podem promover a conscientização e possibilitar transformações sociais. No entanto, descobrir caminhos para tal empreendimento tem sido desafiador para todos nós educadores.

A propalada intenção de propiciar acesso ao conhecimento e, com isso promover mudanças sociais através da educação exige antes que se compreendam os processos simbólicos que ocorrem na interação educativa, dentro do espaço escolar. Considerando esse

aspecto, para que a pesquisa educacional possa ter maior impacto sobre a prática educativa, ela precisa adotar, segundo Moscovici(2012), “um olhar psicossocial” na relação interativa do sujeito individual com o mundo social.

O estudo das representações sociais parece ser um caminho promissor para atingir esses propósitos, visto que investiga, justamente, como se formam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Além do mais, por estarem em constante relação com a linguagem, o imaginário social e a ideologia, promovendo a orientação de condutas e práticas sociais, as representações sociais constituem elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia ou ineficiência do processo educativo.

Objetivando contextualizar as sete escolas públicas municipais e quatro estaduais eleitas para este estudo, faz-se necessário salientar que a escolha de cada uma delas respeitou dois critérios básicos: o primeiro, justificado anteriormente, diz respeito à maneira como está organizada a distribuição das turmas do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental nas escolas públicas municipais e estaduais da cidade de Uberaba/MG; enquanto o segundo abrange às diferentes localizações dessas escolas no perímetro urbano do município. As escolas municipais e estaduais escolhidas pertencem aos diversos bairros centrais e periféricos. A cidade de Uberaba é conhecida historicamente por estar localizada entre sete colinas. Conscientes disso, procuramos eleger, para este estudo, escolas que se localizam nos bairros que correspondem ao centro e a cada uma das sete colinas.

Ponderando tais aspectos e a diversidade de pensamentos e valores culturais presentes nas onze escolas escolhidas para o desenvolvimento da pesquisa, procuramos conjugar objetivos, métodos e técnicas que possibilitassem maior facilidade e clareza nas análises dos questionários que foram aplicados aos professores dessas escolas.

Por essas razões, elegemos os referenciais teórico-metodológicos da Teoria das Representações Sociais e da Subteoria do Núcleo Central para subsidiar os caminhos percorridos neste estudo.

2.2 A SUBTEORIA DO NÚCLEO CENTRAL

Segundo SÁ (2002, p. 36), para discutir a Subteoria do Núcleo Central, Abric (1976) faz referência, em primeiro lugar à Teoria das Representações Sociais, considerando-a como uma “grande teoria”, dentro da qual, está inserida, numa abordagem complementar, a Teoria

do Núcleo Central. Em relação à definição de Representações Sociais, Abric (idem) afirma ser “o produto e o processo de uma atividade mental pela qual um indivíduo ou um grupo reconstitui o real com que se confronta e lhe atribui uma significação específica”. Em 1994, Abric retoma este conceito e sistematiza as finalidades das representações sociais, atribuindo-lhes quatro funções essenciais, assim descritas:

Funções de saber: elas permitem compreender e explicar a realidade [...] Funções identitárias: elas definem a identidade e permitem a salvaguarda da especificidade dos grupos [...] Funções de orientação: elas guiam os comportamentos e as práticas [...] Funções justificatórias: elas permitem justificar a posteriori as tomadas de posição e os comportamentos (ABRIC, 1994 *apud* SÁ 2002 p.44).

Com o objetivo de situar a organização interna das representações sociais, ou mais especificamente, o “núcleo central” delas, Abric (1994) faz algumas considerações importantes. Segundo ele, toda representação social é organizada em torno de um “núcleo central”, que unifica e dá sentido ao conjunto de uma representação e de alguns “elementos periféricos”, que permitem certa flexibilidade a ela. Para esse autor, o “núcleo central” se refere àquelas representações construídas a partir de condições históricas, sociológicas e ideológicas particulares de um determinado grupo social, isto é, representações construídas pelo grupo em função do sistema de normas ao qual o próprio grupo está sujeito. O sistema central é estável, coerente, consensual e historicamente definido. Segundo Abric (1994), o Núcleo Central “será na representação o elemento que mais vai resistir à mudança. [...] toda modificação no núcleo central conduz a uma transformação completa da representação.” (ABRIC 1994 *apud* SÁ 2002 p.70). Acrescenta ainda que é a definição ou a identificação do núcleo central de uma representação que possibilita o estudo comparativo entre duas ou mais representações.

Nesse aspecto, para Abric (1994), o núcleo central pode apresentar duas dimensões diferentes; uma “funcional” e outra “normativa”. A “dimensão funcional” está ligada à realização de tarefas. Nessa dimensão, os elementos mais importantes do núcleo central estarão voltados para uma “finalidade operatória”, serão denominados de “elementos periféricos”. Já na “dimensão normativa”, o elemento central da representação estará determinado por uma “norma”, um “estereótipo” e se relacionará a dimensões “sociais ou ideológicas”.

Os “elementos periféricos” dizem respeito às adaptações individuais dessas representações, em função da história de vida de cada membro do grupo. Constituem o complemento indispensável do sistema central do qual dependem. São flexíveis e suportam as

contradições. Enquanto o sistema central é essencialmente “normativo”, orientado para a avaliação ou julgamento, o sistema periférico, é “funcional”, isto é, está ligado à ação; o que significa dizer que é em consequência dele que a representação pode se “ancorar” na realidade do momento. Sua função principal é a “concretização” do sistema central com o objetivo de tomada de posição, sendo determinado pelas características do “contexto imediato”. Tal fato significa que o sistema periférico é mais sensível ao momento presente, é ele que vai captar os novos dados ou acontecimentos capazes de colocar em questão o núcleo central, bem como permitir através de sua elasticidade, a integração das variantes individuais, ligadas às experiências pessoais vividas pelo sujeito. O núcleo central está assim constituído por determinações absolutas ou incondicionais, enquanto os elementos periféricos envolvem determinações condicionais.

Ao afirmar que a Teoria do Núcleo Central é uma proposta complementar à Teoria das Representações Sociais, Abric (1994) indica que ela está ligada sistematicamente à prática experimental; o que proporciona uma objetividade à teoria original de Moscovici e determina a sua organização.

A Teoria do Núcleo Central nasceu, segundo Abric, de uma hipótese a respeito justamente da organização interna das representações sociais, defendida por ele em 1976. Esta hipótese se constitui na relação entre representações sociais e comportamento humano, observados através de experimentos realizados em laboratório, em que se pôde constatar que a representação do sujeito “oponente” era organizada em torno de um “componente central” que apresentava uma característica de comportamento denominada por ele de “reatividade”. Segundo afirmações do referido autor, o “elemento de reatividade” determina o núcleo central de uma representação “na medida em que ele torna a interação significativa, estrutura como a situação é representada e em consequência determina o comportamento dos sujeitos”(ABRIC 1984 *apud* SÁ 2002 p.63).

Apesar de reconhecer que a ideia de núcleo central não é nova, Abric (1994) oferece uma versão diferente dessa centralidade no campo das representações, afirmando que, nos “processos de percepção social”, podem aparecer “elementos centrais” que possibilitam a ordenação e a compreensão da realidade social vivida pelos sujeitos ou pelos grupos sociais aos quais eles estão vinculados. Para esse autor, o núcleo central apresenta-se como um “subconjunto da representação”, podendo se compor de um ou mais elementos que, uma vez ausentes, causariam a desestruturação da representação ou lhe provocariam, em última instância, diferentes significações.

Para concluir seus pressupostos, Abric (2000) indica, ainda, que o reconhecimento do núcleo central de uma representação é significativamente importante para conhecer o seu próprio objeto e para identificar o que, na verdade, está sendo representado.

2.2.1 Subteoria do Núcleo Central: contribuições metodológicas e complementares à Teoria das Representações Sociais.

A Teoria do Núcleo Central contribui metodologicamente, orientando pesquisas em representações sociais, já que oferece maior segurança metodológica aos pesquisadores. Segundo Sá (2002 p.106), a escolha da metodologia e dos procedimentos de coleta e análise dos dados na pesquisa em representações sociais é fundamental para a construção do próprio objeto da pesquisa. Para comprovar tal afirmação, o autor coloca em evidência alguns termos utilizados por Abric (1994) quando estabelece os objetivos gerais de sua pesquisa em representações sociais em consonância com as disposições metodológicas utilizadas. Nesse sentido, Sá (2002) afirma que a perspectiva teórica de Abric (1994) está definida por dois elementos: conteúdo, que, segundo ele, é composto de informações e atitudes, e organização, isto é, a estrutura interna da representação identificada por uma hierarquia entre seus componentes, determinada pelo que ele chama de núcleo central. A partir daí, Sá (2002 p.107,108) esclarece que a teoria do núcleo central apresenta uma especificidade metodológica plena quando faz o balizamento e a identificação dos elementos presentes na organização interna da representação.

Considerando tal aspecto, ele introduz algumas considerações de Moliner (1994 *apud* SÁ, 2002) referentes às diversas propriedades teóricas atribuídas ao núcleo central e os métodos específicos utilizados para colocar em evidência essas propriedades. Sá (2002) evidencia quatro propriedades distintas atribuídas por Moliner (1994 *apud* SÁ, 2002) às cognições centrais: duas delas são de natureza qualitativa e descritas por “seu valor simbólico” e “seu poder associativo”, enquanto as outras duas apresentam caráter quantitativo, sendo representadas por “sua saliência” e por “sua forte conexidade na estrutura”. Essas duas últimas propriedades aparecem, segundo o autor, em consequência das duas primeiras. Ao evidenciar a propriedade da “saliência”, Moliner (1994 *apud* SÁ, 2002) assim se expressa:

[...] em todo estudo de representação, constata-se que certas cognições, designadas por seu rótulo verbal, aparecem mais

frequentemente do que outras no discurso dos sujeitos. Esse fenômeno de saliência, que aparece geralmente associado ao status central de certas cognições, não deve surpreender. É uma consequência esperada da teoria. Mais precisamente, a saliência é uma consequência do valor simbólico das cognições centrais. (MOLINER, 1994, p.208-209 *apud* SÁ, 2002, p.113)

Em outras palavras, o que Moliner (1994 *apud* SÁ, 2002) afirma é que as propriedades qualitativas emergem da própria teoria das representações sociais em consonância com as proposições originais apresentadas por Moscovici (1961). Ele enfatiza, ainda, que a frequência das palavras evocadas indica seu forte poder associativo, manifestando-se também de maneira quantitativa.

Segundo Sá (2002), após estabelecer diferenças entre propriedades qualitativas e quantitativas, Moliner (1994 *apud* SÁ, 2002) propõe uma classificação dos métodos de pesquisa do núcleo central, subdividindo-os em dois grupos: “métodos de levantamento” dos possíveis elementos que irão compor o núcleo central e “métodos de identificação” dos elementos efetivos do núcleo central. Esses métodos, de acordo com Sá (2002), serão analisados à luz das classificações metodológicas proporcionadas por Abric (1994) e por Moliner (1994 *apud* SÁ, 2002).

Para o levantamento do núcleo central de uma representação, levando em consideração a propriedade de “saliência”, são apresentados três métodos: a evocação ou associação livre, a hierarquização de itens e a indução por cenário ambíguo.

A técnica de evocação ou associação livre explicitada por Abric (1994) e utilizada também neste trabalho “consiste em se pedir aos sujeitos que, a partir de um termo indutor [...] apresentado pelo pesquisador, digam as palavras ou expressões que lhe tenham vindo imediatamente à lembrança”.(SÁ 2002, p.115)

Para se referir à organização das palavras evocadas a partir de um termo indutor, Sá (2002) busca explicações nos estudos de Vergès (1992), que utilizou uma estratégia metodológica de acesso ao núcleo central, combinando o cálculo da ordem média de evocação de cada palavra com a média das ordens em que ela foi evocada pelos sujeitos da pesquisa. Essa combinação de frequência e ordem média de evocação de cada palavra possibilita o levantamento daquelas palavras que provavelmente pertençam ao núcleo central da representação. A partir disso, Sá (2002, p. 117) explica que Vergès (1992 *apud* SÁ, 2002) definiu quatro quadrantes que atribuem diversos graus de centralidade às palavras que os compõem. No quadrante superior esquerdo, estão relacionadas as cognições mais suscetíveis

de compor o núcleo central, pois são aquelas mais frequentes e imediatamente evocadas pelos sujeitos. Já nos quadrantes inferiores, podem estar os esquemas periféricos, isto é, aquelas cognições que foram evocados secundariamente e obtiveram menor frequência, ou nas palavras de Moliner (1994 *apud* SÁ, 2002), tiveram pouca saliência. Esses quadrantes são identificados por meio do Software EVOC, um instrumento informatizado, composto por um conjunto de programas ordenados que processam metodologicamente a análise matemática de evocações de palavras.

Destacamos a seguir o percurso metodológico utilizado neste estudo. Nele estão evidenciados o instrumento, a coleta e a análise dos dados.

2.3 PERCURSO METODOLÓGICO

2.3.1 Instrumento, coleta e análise dos dados

Após estudos envolvendo a Teoria das Representações Sociais, Subteoria do Núcleo Central, Parâmetros Curriculares Nacionais e referenciais teóricos de diversos autores que discutem o tema da *Orientação Sexual*, objeto de estudo desta pesquisa, partimos para a organização e elaboração do questionário (APÊNDICE A) que contém questões abertas e fechadas e serviu de instrumento para análise das hipóteses levantadas. Como já mencionado no início deste estudo, Gil (1987, p.124) define o questionário como uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

O questionário foi encaminhado a 3 (três) professores de Educação Básica e uma professora doutora, responsável pelo Ensino Superior, para leitura e apreciação. Esses professores apresentaram algumas sugestões no sentido de tornarem mais claras e objetivas as questões. Tais sugestões foram acatadas, o questionário foi reelaborado, contando com 22 questões que se subdividiram em três partes:

- A) perfil – cinco questões fechadas e seis questões abertas – objetiva caracterizar os sujeitos da pesquisa;
- B) realização da Orientação Sexual – oito questões fechadas e duas abertas – objetiva caracterizar a realização da Orientação Sexual na escola;
- C) técnica de associação livre de palavras – uma questão aberta que objetiva colher dados para a identificação do Núcleo Central e Sistema Periférico das Representações

Sociais dos professores sobre a Orientação Sexual realizada por eles em sala de aula, utilizando para isso o Software EVOC.

Após isso, o questionário foi submetido à avaliação do Comitê de Ética da Universidade de Uberaba, que o aprovou.

Uma vez aprovado, o referido instrumento foi aplicado a 162(cento e sessenta e dois) professores das turmas do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, mediante autorização, que se deu por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE (APÊDICE B). Na ocasião, os professores receberam esclarecimentos sobre os termos do TCLE, em que constam os objetivos deste trabalho, sendo esclarecidos quanto à liberdade em participar ou não da pesquisa, bem como do sigilo quanto à identidade deles e às informações coletadas. Mesmo assim, apenas 87(oitenta e sete) professores devolveram os questionários respondidos. O restante alegou sobrecarga de trabalho e falta de tempo para o responderem.

Para transcrição e análise dos dados coletados, estabeleceu-se o seguinte critério:

1-Na identificação das respostas dos professores participantes das sete escolas municipais, foram utilizadas as letras “B, C, D, E, F, G e H”, seguidas da letra “m” (municipal) e do número do sujeito da pesquisa, de 01 a 60.

2-Já para identificar as respostas dos professores das quatro escolas estaduais foram empregadas as letras “I, J, K e L”, seguidas da letra “e” (estadual) e do número do sujeito da pesquisa, de 61 a 87.

Na primeira parte (A) dos questionários aplicados, o objetivo era buscar conhecer o perfil dos professores, tentando identificar como as características sócio-econômico-culturais influenciam a construção de suas Representações Sociais sobre a Orientação Sexual trabalhada em sala de aula.

Os dados coletados foram analisados com o auxílio da Subteoria do Núcleo Central (ABRIC, 2000), tratados pelo *software* EVOC (*Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse de Évoctions*), e com os pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (1979), complementados por Minayo (2013). A análise de conteúdo é conceituada por Bardim (1979) como sendo “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 33), que, em outras palavras, significa a possibilidade de analisar determinados dados coletados no instrumento de pesquisa, levando em consideração a descrição e interpretação das opiniões, ideias, representações, estereótipos e outros tipos de mecanismos comunicativos que vão influenciar os resultados de uma pesquisa. Segundo essa autora, todas as análises feitas deverão obedecer a certa objetividade para não comprometer os resultados.

Outro aspecto importante destacado por ela é a sistematização e quantificação desses mesmos dados para a garantia do alcance dos objetivos pretendidos ao final da investigação científica.

A análise de conteúdo permite ainda verificar qual a origem dos saberes presentes em alguns dados pesquisados, se são de natureza histórica, psicológica, sociológica, econômica e outras. Para a autora, a descrição, a objetividade e a sistematização dos dados coletados constituem características importantes, que devem ser perseguidas pelo investigador.

Considerando tais aspectos, Bardin (1979 p.44) define, assim, com maior propriedade, a análise de conteúdo como sendo:

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

De acordo com essa definição, a análise de conteúdo procura conhecer e colocar em evidência tudo aquilo que está implícito nas palavras ou mensagens coletadas.

Ainda segundo Minayo (2013), há dois modelos, no plano epistemológico, referentes à comunicação, que se contrapõem. Para o primeiro modelo, denominado por ela de “instrumental”, o mais importante, numa comunicação, é o que ela expressa, levando em consideração o contexto e as circunstâncias em que ocorre. A ênfase dada nesse modelo está ligada à análise qualitativa. Já o segundo modelo, designado “representacional”, procura priorizar o conteúdo lexical do discurso, isto é, a análise se volta para a quantidade e o sentido das palavras. Nesse contexto, a autora faz referência aos recursos da informática e da semiótica, que, de acordo com ela, vêm influenciando significativamente as análises de tratamento quantitativo dos dados de comunicação, com a utilização de diversos *softwares*. Minayo (2013) conclui, então, que todo esse arcabouço teórico, ora baseado na lógica quantitativa ora na qualitativa, tem o objetivo de ultrapassar a interpretação subjetivista e de senso comum que podem comprometer os resultados de um trabalho científico.

A escolha do “software” EVOC – *Ensemble de Programmes Permettant l’Analyse de Évoctions* - como um dos instrumentos de coleta e análise de dados, utilizado neste trabalho, está determinada por sua familiaridade com a Teoria das Representações Sociais que constituem referencial teórico metodológico deste estudo e pelas vantagens que ele apresenta na agilidade, eficiência e confiabilidade dos resultados.

Segundo Sarubbi Junior (2013) e seus colaboradores, as técnicas apresentadas por esse “software” “são valiosas para a pesquisa de abordagem qualitativa no sentido de permitir uma maior objetividade dos resultados, aumentando sua validade...”(p.23)

Dentre as vantagens enumeradas pelo referido autor, estão a economia de tempo, a facilitação do processo de codificação dos dados coletados e a capacidade de realizar diferentes tarefas como ordenar, estruturar, recuperar e visualizar tais dados. A eficácia do “software” EVOC se deve à sua técnica que, de acordo com Sarubbi Junior (2013), possibilita a identificação da frequência e da ordem média de evocações de palavras, facilitando a aproximação dos elementos de uma representação, permitindo ainda entender as distâncias situadas entre as representações.

Considerando as afirmações de Sá (2002), referentes ao Quadrante descrito por Vèrges (1992), identifica-se que o EVOC é um conjunto de programas ordenados, que permite o processamento e a análise lexicográfica, de cunho matemático, das evocações. Esse “software” é um instrumento técnico, informatizado, que gera dados quantitativos que possibilitam a representação figurativa do Quadrante de Vèrges, propiciando ao pesquisador a análise e discussão dos resultados ancorados à Teoria do Núcleo Central (ABRIC, 1994; SÁ, 2002). Os dados gerados auxiliam também o processo de analisar e inferir a maneira como se organiza a disposição das representações sociais investigadas.

Sá (2002) esclarece que, ao estudar as representações sociais de um determinado grupo, Abric (1976) sustentou a hipótese de que essas representações determinam as ações dos indivíduos por meio de uma interação significativa e propôs, então, um modelo de investigação que ele denominou de “Núcleo Central das Representações Sociais”, que permite demonstrar, através de esquemas teórico-epistemológicos, como são estruturadas as representações sociais de cada grupo estudado. Cabe observar que a Teoria do Núcleo central defende a ideia de um sistema central ligado a um sistema periférico. O sistema central distingue-se do sistema periférico ao apresentar maior homogeneidade, coesão e rigidez. Enquanto o Núcleo Central da representação é estável, portanto mais difícil de apresentar mudanças, a periferia é flexível, instável e sensível ao contexto imediato. Com esse estudo, Abric (1976) propõe uma metodologia de análise das representações sociais, criando o método associativo de palavras e a prova de triagens hierárquicas sucessivas.

Partindo dos estudos de Abric, Vergés (2002) desenvolve o EVOC, que, como já enfatizado anteriormente, possibilita a criação de um banco de dados a partir de palavras evocadas pelos sujeitos investigados. Esse sistema toma o Núcleo Central e os elementos

periféricos como objetos de pesquisa, permitindo, através do método de associação livre de palavras, a criação de um novo esquema de apresentação das representações, em forma de quadrantes, que combinam a frequência das evocações com a ordem e a média em que elas aparecem. A coleta dos dados para o EVOC consiste em oferecer ao sujeito da pesquisa um termo indutor e solicitar-lhe outros termos que lhe venham à mente imediatamente ao termo indutor, destacando aquele termo que considerar mais importante em relação ao tema.

Nesse sentido, Sarubbi Junior (2013 p.37) coloca que:

Ao processar dados matemáticos, o EVOC se torna um importante instrumento de auxílio para a visualização da disposição das representações sociais, possibilitando ao pesquisador maior objetividade na análise inferencial das representações investigadas.

O referido “software” é composto por um conjunto de 14 programas, que tem a finalidade de analisar as evocações construídas pelos sujeitos de uma pesquisa. Essas evocações são inseridas no Excel, colocando-se um asterisco (*) na frente da evocação considerada de maior importância por parte do participante da pesquisa. Os 14 programas do EVOC (*Ensemble de Programmes Permettant l' Analyse de Évoctions*) realizam diversas funções. Porém, utilizamos no cômputo de nossa pesquisa, apenas alguns desses programas, que são: *Lexique*, *Trievoc*, *Rangmot*, *Listevoc*, *Aidecat* e *Rangfrq*.

O *Lexique* (léxico) é responsável pela organização dos dados inseridos e, após sua execução, o “software” informa o número total de sujeitos, evidenciado pela quantidade de linhas. O número de evocações totais é calculado por meio da multiplicação entre o número de sujeitos e a quantidade de colunas.

O *Trievoc* realiza a triagem do banco de dados, apresentando os números de registros de entrada e de saída, com base no total de palavras que foram inseridas.

No programa *Rangmot*, é calculada a Ordem Média de Evocação a partir da frequência. Dessa forma, é informada a frequência como parâmetro de análise, ou seja, a partir daquele índice, a palavra é listada. Após esse procedimento, é gerada uma lista com a média, enfatizando o número de vezes que essa palavra foi evocada e a constância na qual ela assume determinada posição. Ainda nesse programa, é possível analisarmos o número de palavras evocadas e com qual frequência elas foram evocadas por meio da consulta das linhas da lista, sendo que, na primeira linha, é indicado quantas vezes aparecem as palavras menos frequentes. Entretanto, na última linha, estão dispostas as palavras que surgem com mais frequência.

O *Listevoc* lista as evocações, permitindo ao usuário visualizar com quais outras evocações a evocação em evidência aparece associada.

O *Aidecat* faz a análise das palavras mais frequentes.

O último programa utilizado neste estudo é o *Rangfrq*. Ele mostra o quadro das quatro casas – o quadro de nível X frequência – ranque das mais para menos frequentes e a OME (Ordem Média de Evocações).

Para entender melhor essas informações faz-se necessário atrelá-las aos resultados encontrados neste estudo. Nesse sentido, procuramos fazer, no capítulo seguinte, a análise detalhada dos dados coletados do questionário que foi aplicado aos professores, destacando, inicialmente, o perfil dos participantes. Em seguida verificamos as respostas desses professores, referentes ao tema da Orientação Sexual, fazendo inferências sobre possíveis representações edificadas por eles a cerca do trabalho, em sala de aula, com o referido tema. Finalizando, registramos os resultados oferecidos pelo Software EVOC alusivo às evocações do Núcleo Central e Sistema Periférico das Representações Sociais dos participantes que foram obtidos por meio da técnica de associação livre de palavras.

CAPÍTULO 3 - A ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: O QUE MOSTRAM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Neste capítulo, estão presentes os resultados e a análise dos dados coletados dos questionários aplicados aos oitenta e sete professores da Educação Básica, sendo sessenta de escolas municipais e vinte e sete de escolas estaduais, como já registrados em capítulo anterior.

As análises estão organizadas em três itens. São eles: *Perfil dos participantes*; *Orientação Sexual: o que dizem os professores*; *O Núcleo Central das representações: a técnica de associação livre de palavras*. O conteúdo dessas análises nos permite identificar as Representações Sociais que esse grupo de docentes está construindo sobre a Orientação Sexual nas escolas. Dito de outra forma, estamos em busca da familiarização de fenômenos ainda desconhecidos.

Nesse aspecto, voltamos a considerar as afirmações de Moscovici (2012) sobre a constituição das Representações Sociais quando elucida que tais representações possuem duas funções. A primeira localiza e convencionam, em uma determinada categoria, objetos, pessoas ou acontecimentos; e a segunda descreve a realidade tal como ela é, está ligada aos fatos que nos antecedem. Elas determinam uma cultura e um tipo de vida num espaço e tempo em que ocorrem. Estão presentes na sociedade da qual fazemos parte e existem mesmo que não tenhamos consciência delas. Essas duas funções têm por objetivo mostrar que as representações se constituem em um ambiente real, concreto; nesse caso, a escola e a sala de aula.

As representações sociais, como já dissemos, só existem nas relações interpessoais e sociais, elas são expressões de manifestações humanas e podem se constituir tanto naquilo que parece familiar como no não familiar. Nesse estudo, vamos identificá-las nas justificativas dos professores, transcritas no questionário. Se a finalidade das representações é transformar o que não é familiar em algo familiarizado, como afirma Moscovici (2012), a conscientização e a compreensão do que é familiar serve, então, como referência para identificar o que não é comum e não é familiar. Retomando o que afirmamos anteriormente, há sempre uma “tensão” entre o familiar e o não familiar presentes em nossos “universos consensuais”. Objetivando compreender tais afirmações e vinculá-las aos resultados deste estudo, passamos, agora, para a análise do perfil dos professores que participaram desta pesquisa.

3.1 O PERFIL DOS PARTICIPANTES

Para compreender as Representações Sociais que os professores de Educação Básica estão construindo em relação à Orientação Sexual trabalhada por eles em sala de aula, fez-se necessário delinear o perfil dos sujeitos pesquisados. Para tanto, foi oportuno caracterizar a quantidade das escolas e dos participantes deste estudo. Como já foi dito na introdução desta pesquisa, contamos com participação de 11 (onze) escolas públicas da cidade de Uberaba-MG, sendo 7 (sete) pertencentes à rede municipal e 4 (quatro) da rede estadual de ensino. Todos os diretores dessas escolas assinaram o termo de autorização (APÊNDICE C), concordando com a realização da pesquisa junto aos professores das turmas de 5º ao 9º ano, que se deu por meio da aplicação de questionário.

O delineamento do perfil permitiu conhecer o sujeito pesquisado, qual o seu sexo, idade, graduações e pós-graduações cursadas até o momento, os motivos que o levaram a escolher a docência, o tempo de docência, o que utiliza para manter-se informado, se participa de atividades de formação continuada, e, por fim, declarações acerca do que é ser professor hoje, na Educação Básica.

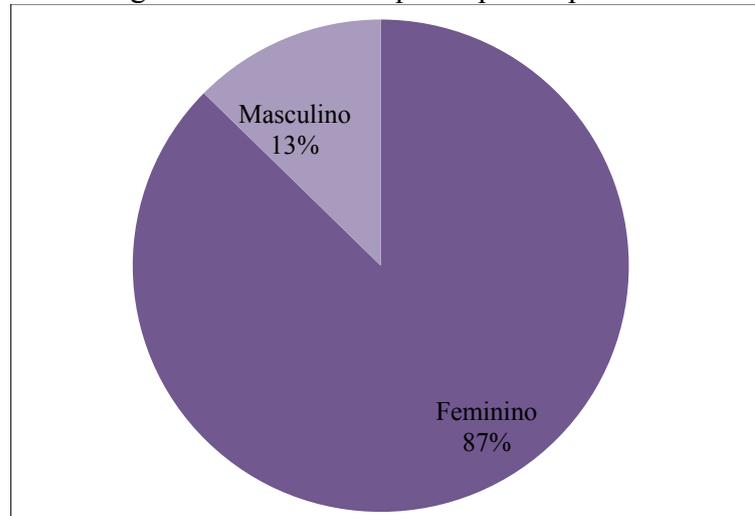
Ao explorar o perfil de determinado grupo na pesquisa em Representações Sociais, aprofundam-se questões a respeito de como as pessoas vivem, qual o tipo de cultura e o que pensam no quadro social ao qual pertencem. Todos esses elementos interferem no tipo de representação que essas pessoas constroem.

Segundo Moscovici (2012, p.41), as representações são criadas por pessoas e grupos durante o processo de comunicação e de cooperação - o que significa dizer que as representações não são criadas por um indivíduo de maneira isolada. Elas são expressões sociais, organizadas e articuladas por grupos.

Com relação ao perfil dos participantes, embora os dados quantitativos apareçam de modo predominante, eles são utilizados com o intuito de complementar as análises de cunho qualitativo.

A figura 1 diz respeito ao sexo dos professores. Nela é possível verificar uma acentuada discrepância entre o número de docentes do sexo feminino em relação ao sexo masculino. A maioria deles, 87% (oitenta e sete por cento), é do sexo feminino, enquanto uma parcela pequena, 13% (treze por cento), corresponde ao sexo masculino. Por que isso ocorre? Que determinantes históricos e sociais têm contribuído para a concretização dessa realidade? Enfim, que Representações Sociais estão sendo edificadas nesse contexto?

Figura 1 – Número de participantes por sexo



Fonte: dados da pesquisa

Essa realidade, segundo Louro (2012), começa a se delinear no Brasil a partir do século XIX e apresenta algumas características próprias; dentre elas, o processo de urbanização acompanhado por um novo estatuto de escola que institui o magistério como uma atividade indicada para mulheres. As qualidades maternas tradicionalmente associadas às mulheres, como o cuidado, a dedicação, a sensibilidade, o amor e outros vão fazer parte do processo de feminização da profissão docente. Os cursos de formação de professores passaram por uma reestruturação curricular significativa, nessa época, com a implantação da Psicologia, Puericultura e Higiene, disciplinas que atendem aos novos discursos científicos, voltados para a infância. Nesse particular, a ideia do magistério, que tem como alvo o ensino voltado para crianças, passa por uma representação feminina. Nesse aspecto, Louro (2012, p.102) coloca que

[...] as representações de professoras e professores dizem algo sobre esse sujeito, delineiam seus modos e traços, definem seus contornos, caracterizam suas práticas, permitem-nos, enfim, afirmar se um indivíduo pode ou não ser identificado como pertencente a esse grupo. Como formas culturais de nos referirmos aos sujeitos (e a nós mesmos), as representações nos dão sentido e certamente se transformam e se distinguem – histórica e socialmente.

Para a autora, as representações do magistério feminino foram instituídas e legitimadas muito mais pelos homens do que pelas mulheres. O papel social das mulheres, nessas representações, tem sido, muitas vezes, de objeto e não de sujeito. Para que as atividades

femininas não fossem perturbadas, instituiu-se um tipo de trabalho fora de casa, coerente com as funções domésticas, ou do lar. A princípio, quem exercia a função de professora era a mulher solteirona, aquela que não constituiu um lar e nem foi mãe. Dessa maneira, o magistério lhe caía muito bem, pois representava a substituição da maternidade, uma atividade que exigia, por sua vez, um exercício constante de doação e de amor. Por outro lado, ela era rigorosamente vigiada; suas roupas e o modo de portar-se deveriam ser quase que assexuados. Sem contar a vida pessoal, que necessitava ser discreta e bem reservada. Louro (2012) destaca ainda que, tanto no passado como hoje, as representações construídas de professoras e professores homens delineiam caminhos distintos. A figura do professor parece estar mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto a da professora se atrela “ao cuidado e ao apoio ‘maternal’ à aprendizagem dos alunos” (p.111), em especial, às crianças. Chega-se, muitas vezes, a “infantilizar” os cursos de formação de professores e até as atividades docentes destinadas ao Ensino Fundamental, que é o foco deste estudo. O magistério destinado aos homens está, de certa maneira, voltado mais para o curso superior, envolvendo cursos e conteúdos das ciências exatas. Todo esse arranjo determina também a valorização profissional e o tipo de salário percebido por cada categoria sexual. Esse dado é importante porque pode interferir nos resultados da pesquisa.

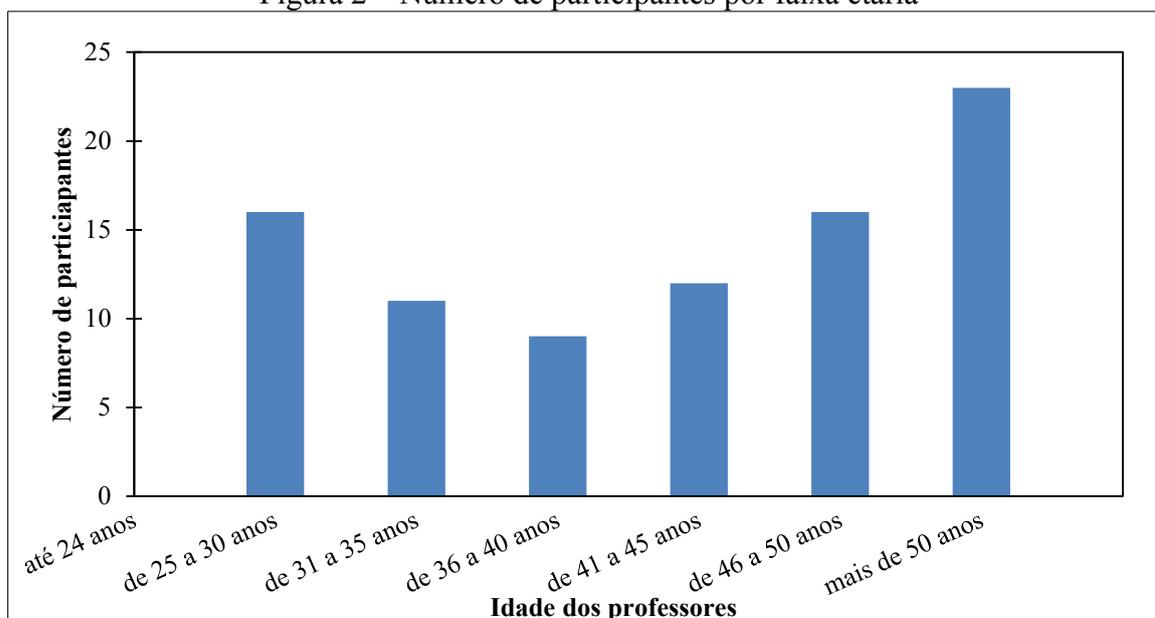
Outro aspecto analisado, com relação ao perfil, foi o tempo de serviço dedicado à profissão docente e a faixa etária dos professores participantes.

Verificamos a seguir, nas figuras 2 e 3, que representam, respectivamente, a faixa etária e o tempo de docência na Educação Básica, que 45% dos participantes apresentam idade acima de 46 (quarenta e seis) anos. Dessa porcentagem, 27% têm acima de 50 (cinquenta anos). Esses resultados podem indicar que os professores das escolas pesquisadas estão numa faixa de idade mais avançada para o exercício da profissão, isto é, próximos de conseguirem o consentimento para se aposentarem. Por outro lado, aparece um grupo menor, de professores iniciantes na carreira do magistério, em torno de 18%, que corresponde à faixa etária de 25 (vinte e cinco) a 30 (trinta) anos de idade - o que pode sugerir um perfil mais jovem de docentes começando sua carreira profissional na Educação Básica dessas escolas. Já a faixa etária intermediária, que está entre 36 (trinta e seis) e 40 (quarenta) anos de idade, obteve o número menor de participantes, correspondendo a apenas 10%.

Quanto ao tempo de docência, representado pela figura 3, há certa equivalência de dados com a figura 2, no que se refere à proximidade de final de carreira, uma vez que, dos professores participantes, 33% têm mais de 20 anos no exercício na profissão. No entanto, se

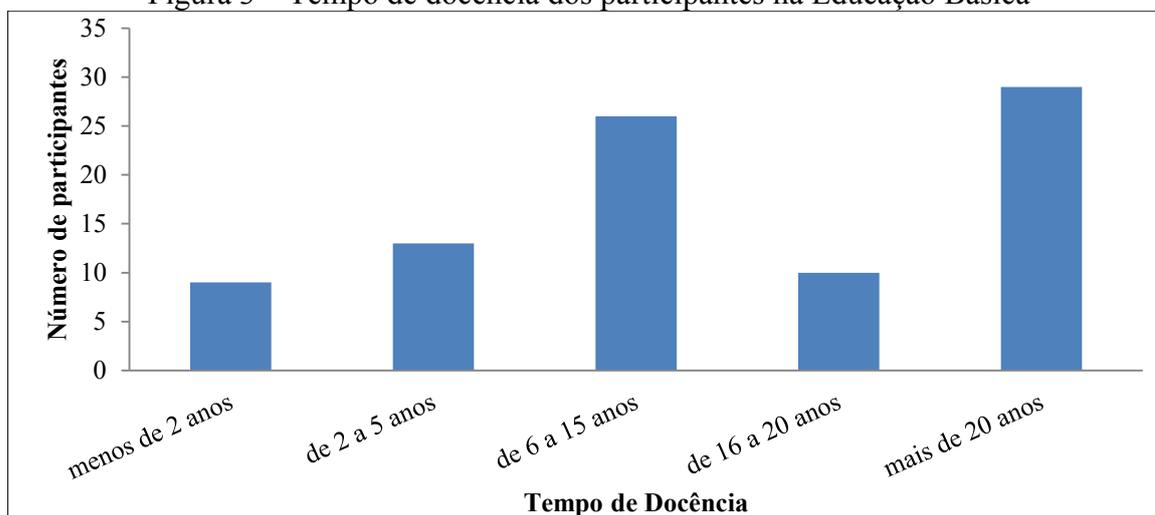
somarmos o total de professores que estão no início da carreira do magistério com os que estão no período intermediário de docência de 6 (seis) a 15 (quinze) anos, obtemos o resultado de 55%. Tal evidência pode indicar um número considerável de professores que permanecerão na docência por um período aproximado de 10 (dez) anos ou mais.

Figura 2 – Número de participantes por faixa etária



Fonte: dados da pesquisa

Figura 3 – Tempo de docência dos participantes na Educação Básica



Fonte: dados da pesquisa

Ainda com relação ao tempo de docência, recorremos a Huberman (2007), que ao longo de vários anos, estudou os ciclos de vida profissional dos professores.

Segundo Huberman (2007), o ciclo profissional docente constitui-se em um processo complexo. O desenvolvimento da carreira docente para alguns professores pode acontecer de modo tranquilo, mas para outros pode estar permeado de dúvidas, angústias, regressões. Em

seus estudos, o autor classificou o desenvolvimento da carreira do professor em uma sequência de fases, de acordo com os anos de carreira como disposto no Quadro 1 abaixo, lembrando que essas não devem ser tomadas como etapas estáticas ou lineares, mas concebidas por meio de uma relação dialética.

Tabela 2 – Ciclo de vida dos professores

Anos de carreira	Fases / temas
1 a 3 anos	Entrada na carreira, tateamento
4 a 6 anos	Estabilização, consolidação de um repertório pedagógico
7 a 25 anos	Diversificação, ativismo
25 a 35 anos	Serenidade e distanciamento afetivo
35 a 40 anos	Desinvestimento

Fonte: Nóvoa (2007, p. 47).

Fazendo uma ligação entre a Teoria desenvolvida por Huberman e os resultados encontrados nesta pesquisa, observamos que a maioria dos professores participantes está na fase da *diversificação, ativismo*, que corresponde ao tempo de carreira intermediário de 7 a 25 anos. Nessa fase, de acordo com Huberman (2007), o professor encontra-se num estágio de experimentação e diversificação, de motivação, de buscas de desafios. Experimenta novas práticas e diversifica métodos de ensino; o que pode contribuir para a elaboração e a execução de atividades diferenciadas em sala de aula. Nesse aspecto, a escola e seus dirigentes podem investir em uma formação continuada mais dinâmica, com temas variados, dentre eles a própria *Orientação Sexual*, que é o foco deste estudo e que, de acordo com a fala da maioria dos professores entrevistados, representa importante trabalho a ser desenvolvido junto aos alunos.

Quanto à opção pela docência na Educação Básica, a maioria dos professores, 56%, disse que tal fato se deve ao desejo de ser educador nessa modalidade de ensino; 23% vincularam sua opção à realização profissional; 12% afirmaram ser a formação acadêmica que foi possível; 5% destacaram o mercado de trabalho como fator motivador de sua escolha; 3%, asseguraram que sua opção foi por influência familiar e apenas 1% afirmou ser outro o motivo além das apresentadas.

Quando questionados se repetiriam essa escolha, 82% dos professores afirmaram que sim, pois se identificam com a docência na Educação Básica. Apenas 18% deles não se

sentem realizados no magistério e, se tivessem nova oportunidade, escolheriam outra profissão.

No item que se refere à formação docente, foi possível verificar que todos os professores, participantes deste estudo, possuem graduação de nível superior em uma ou mais áreas do conhecimento; o que evidencia concordância com o que está determinado no Art. 62º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira nº 9394/96, que trata da formação de docentes para atuar na Educação Básica. De acordo com o referido artigo, essa formação deverá ser em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, oferecida em Universidades ou Institutos superiores de educação.

Em relação à formação continuada dos professores, incluímos questões para identificar os cursos concluídos em nível de Pós-graduação, oferecidos pelas instituições formadoras de ensino superior e os cursos ou atividades de estudos oportunizados pela própria escola em que os docentes atuam denominados, neste trabalho científico, de Formação Continuada em Serviço.

No que se refere à realização de Pós-Graduação em instituições de curso superior, 56% dos professores afirmaram já ter concluído. Esse número pode indicar interesse dos educadores pela continuidade dos estudos em busca de um aperfeiçoamento profissional.

Em contrapartida, constatamos que apenas 7% deles possuem o curso de Mestrado e somente 1% assegurou ter feito Doutorado, enquanto nenhum dos participantes fez Pós-doutorado. Os demais, 36%, afirmaram não terem cursado nenhum tipo de curso em nível de Pós-graduação.

No entanto, quando questionados em relação à participação em cursos ou atividades de estudos promovidos pela própria escola em que trabalham ou por instituições vinculadas a ela, denominados aqui de Formação Continuada em Serviço, a maioria dos participantes, em torno de 76%, afirmou que participa.

Para compreender melhor as questões que envolvem a formação inicial e continuada dos professores, reportamo-nos à Nóvoa (2009), quando este elucida sobre o quanto seria importante se a formação de professores fosse organizada “em torno de situações concretas, de insucesso escolar, de problemas escolares ou de programas de ação educativa.” (p.34). E, nesse sentido, o autor propõe uma formação de professores edificada no interior da atividade profissional, que valorize as dimensões pessoais e profissionais desses indivíduos. Nóvoa (2009) indica, ainda, dois aspectos importantes, que colaboram para a concretização dessas ideias.

O primeiro aspecto está ligado ao fato de se eleger o espaço escolar como lugar de formação para análise compartilhada das práticas dos professores. Já o segundo vai além do campo de conhecimento. Ele enfatiza a importância do desenvolvimento de princípios éticos por parte do grupo de docentes. Essa ética profissional será construída, de acordo com o autor, através do diálogo entre os envolvidos no processo educativo. É de suma importância que os educadores se ajudem mutuamente. O trabalho cooperativo, entre eles, contribui para a consolidação de parcerias no interior do mundo profissional que irão reforçar a prática pedagógica e a resolução dos dilemas que se apresentam cotidianamente, na escola, em decorrência da diversidade de culturas e valores.

Nesse sentido, consideramos também as afirmações de Garcia (1999) que, ao estabelecer o conceito de formação, conclui que ela é um fenômeno complexo que envolve uma dimensão pessoal de desenvolvimento humano, atrelada à vontade do indivíduo e a uma dimensão didática, visto que exige a união das disposições teóricas com as propostas de interferência prática. Segundo o autor, esse processo não indica que a formação seja necessariamente autônoma, uma vez que ele constata que é justamente “através da interformação que os sujeitos - nesse caso, os professores podem encontrar contextos de aprendizagem que favoreçam a procura de metas de aperfeiçoamento pessoal e profissional.”(p.22)

Como é possível perceber, existe um componente pessoal marcante no processo de formação que se vincula a outro elemento delimitado pela interação entre os sujeitos. Para compreender essa concepção de formação, Garcia (1999) faz distinção entre três concepções: *autoformação*, *heteroformação*, e *interformação*. O autor coloca que, na *autoformação*, o indivíduo, de modo independente, participa, tem sob sua responsabilidade, os processos e os fins da própria formação. Já na *heteroformação*, há a interferência de diversas teorias e especialistas, sem maior envolvimento do sujeito que dela participa. Por sua vez, a *interformação*, que já citamos acima, é entendida como uma interação educativa, entre os professores, para o aprimoramento de conhecimentos.

Dentro desse quadro epistemológico, Garcia (1999) defende ainda oito princípios para a formação de professores. No primeiro deles está a concepção de formação como um ato contínuo. O segundo e o terceiro princípios indicam respectivamente que a formação deve estar ligada ao desenvolvimento curricular de ensino e ao processo organizacional da escola. Já o quarto, o quinto e o sexto princípios se referem aos procedimentos de integração entre conteúdos disciplinares e formação pedagógica, teoria e prática, bem como maior

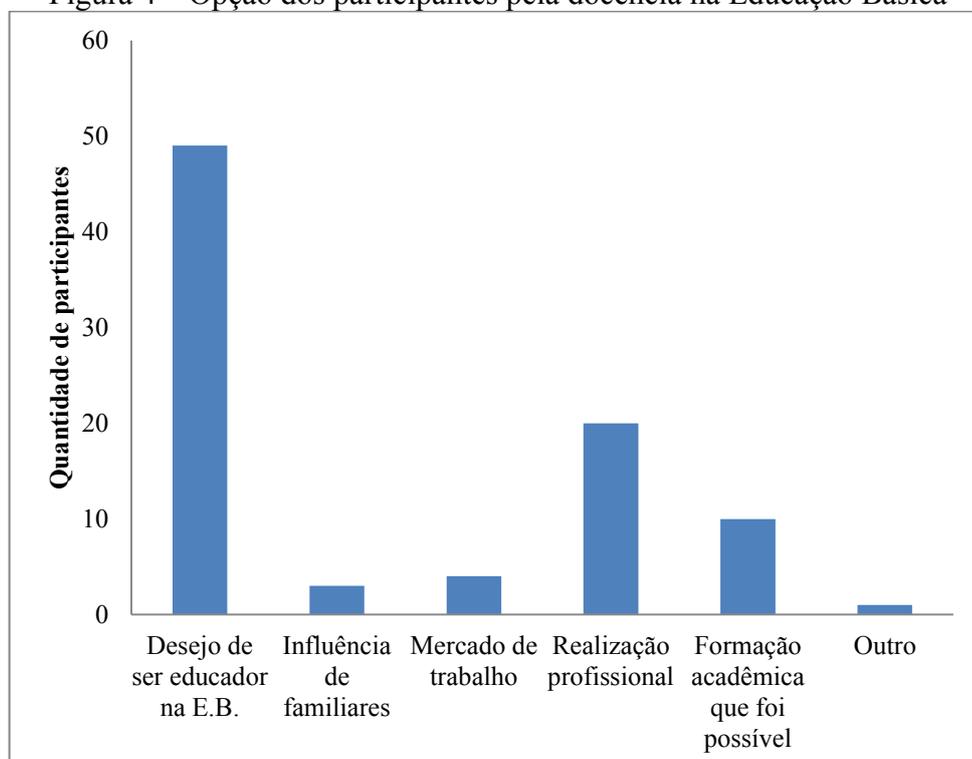
aproximação entre a formação recebida e o tipo de educação que será desenvolvida. O sétimo princípio defende a ideia de individualização, isto é, uma formação de professores baseada nas necessidades e interesses dos participantes. O oitavo e último princípio estabelece que a formação deve promover a reflexão e o questionamento sobre crenças e práticas dos próprios educadores.

Também, para Nóvoa (2009), é fundamental que se estabeleçam programas de formação dentro do ambiente escolar, que propiciem a reflexão coletiva, pois, segundo ele, é ela que dá sentido ao *desenvolvimento profissional* dos professores.

Fazendo um elo entre a profissão e o profissional docente, verificamos, nos resultados deste estudo, que um número expressivo de professores, 92%, dedica-se exclusivamente ao magistério. Somente 8% deles afirmaram exercer outro tipo de atividade profissional, dentre as quais, destaca-se a de advogado, quitandeira, comerciante, técnico em radiologia, técnico em enfermagem e pesquisadora. Os resultados apresentados parecem indicar que a maioria dos professores participantes fez uma escolha profissional coerente com suas aspirações e tem se dedicado unicamente à realização dessa tarefa.

As causas que justificam a opção pela carreira do magistério estão bem delineadas na apresentação da figura 4:

Figura 4 – Opção dos participantes pela docência na Educação Básica



Fonte: dados da pesquisa

Ao analisar a figura 4, que corresponde à opção pela docência na Educação Básica, representado acima, verificamos que uma porcentagem significativa dos professores, num total de 56%, optou pela docência em decorrência do *desejo de ser educador na Educação Básica*, seguido pela *realização profissional* que, de certa maneira, entrelaça-se ao desejo de ser educador e corresponde a um percentual de 23% dos participantes. Esse fato indica que a maioria deles, 79%, está na carreira do magistério por escolha individual. Interessante destacar que apenas 3% dos participantes assinalaram a opção *por influência de familiares*. Ora, a história registra que no passado brasileiro as famílias eram organizadas no sistema patriarcal, em que as profissões dos filhos e das filhas deveriam ser escolhidas ou determinadas pelos pais. Na atualidade, devido ao processo de democratização da sociedade, parece que as famílias têm interferido menos nessas escolhas; o que contribui muito para a realização pessoal de seus membros.

Quando questionados se repetiriam essa escolha, a maioria deles, em torno de 82%, afirmou que “sim”. Destacamos, nesse caso, algumas das justificativas positivas dos participantes em relação a esse item, que foram transcritas dos questionários aplicados:

³Sim, pois tive experiências proveitosas. (Bm21)

Sim, porque continuo acreditando na formação do cidadão a partir da educação. (Dm32)

Sim. Exige dedicação, porém é gratificante. (Cm28)

Sim. Apesar dos problemas enfrentados, me sinto realizada com o meu trabalho. (Je74)

Sim. Acredito no que faço. Com meu trabalho contribuo para a educação e para o país. (Ie70)

Em contrapartida, os que se manifestaram negativamente, apesar de serem a minoria, 18%, apresentaram justificativas contundentes, que nos instigam a refletir sobre tal descontentamento, uma vez que esse fato pode interferir no trabalho, em sala de aula, realizado por esses professores. Dentre elas, destacamos:

³ As falas dos sujeitos, nas respostas do questionário, serão transcritas, neste texto, em itálico e na forma de citação direta. Para preservar a identidade dos participantes, eles foram nomeados por uma letra maiúscula, relacionada à escola de origem, seguida de “m” quando a escola for municipal e “e” quando for estadual e de um número de 1 a 87.

Não. Os salários são muito baixos e falta respeito ao profissional. (Gm53)

Não. É uma profissão desvalorizada e muito desgastante. (Em37)

Não. Falta valorização profissional. (Ie68)

Não. O professor está sendo muito desvalorizado pela sociedade. (Je75)

Partindo da questão que procurou investigar sobre o que representa para esses educadores ser professor hoje na Educação Básica, encontramos respostas que evidenciam certo desabafo em relação ao exercício da profissão. Na maioria dessas respostas aparecem as palavras *desafio, diversas atribuições e responsabilidades, dificuldades e falta de valorização profissional*.

Ao analisar tais questões, deparamo-nos novamente com as ideias de Nóvoa (2009) quando afirma que a educação contemporânea “vive um tempo de grandes incertezas e de muitas perplexidades” (p.27); o que significa, na visão desse autor, que é possível perceber a necessidade de mudança, mas, nem sempre, conseguimos identificar os rumos que devemos seguir. Há, segundo ele, um *excesso de discursos*, muitas vezes, repetitivos, mas, em contrapartida, vivencia-se uma *pobreza de práticas*. A maioria dos discursos referentes à organização do processo educativo e definição de suas competências parte das organizações políticas internacionais e nacionais, isto é, pensa-se sobre a prática, bem longe dela.

Quando os professores participantes deste estudo afirmam que a profissão docente dos dias atuais é um constante *desafio* e impõe *diversas atribuições e responsabilidades*, estão de acordo com as colocações de Nóvoa (2009) ao dizer que a realidade da escola hoje nos obriga a ir além dela, isto é, a ultrapassar fronteiras.

Nesse sentido, o autor indica cinco disposições que caracterizam o trabalho docente nas sociedades contemporâneas, a saber: **o conhecimento** daquilo que vai ser ensinado, **a cultura profissional** que se adquire no diálogo com outros professores e na reflexão sobre o trabalho, **o tato pedagógico** que é a capacidade de relação e de comunicação para o cumprimento do ato de educar, **o trabalho em equipe** que promove dimensões colaborativas para a intervenção coletiva nos projetos da escola e, por fim, **o compromisso social** que integra o desenvolvimento de princípios e valores para a inclusão social e o respeito à diversidade cultural.

Para justificar tais colocações, apresentamos alguns registros dos docentes participantes, sobre essa questão, transcritos dos questionários:

Hoje, além de transmitir o saber científico, o professor deve estar atento às questões relacionadas com valores, ética, cidadania, relações interpessoais. O que é um grande desafio. (Bm02)

Aprender a lidar com diversas dificuldades em termos de estrutura, comportamento, sistema educacional e ainda manter o gosto pelo trabalho. Procurar incentivar crianças e jovens para o estudo e o conhecimento utilizando formas criativas e inovadoras. (Bm11)

Para mim é um grande desafio, pois recebemos alunos em diferentes etapas de aprendizagem, sendo necessário um trabalho diferenciado e contínuo. (Cm27)

É ser mãe, enfermeira, educadora, norteadora de conhecimentos, conselheira, orientadora. Hoje, nós somos muito mais do que meros professores. (Dm33)

Ser professor na Educação Básica é ir além da profissão ou do que ela exige. É preciso gostar do que se faz. Enxergar mais longe e procurar intermediar a formação de cidadãos críticos e plenos. (Dm34)

É desafiador, porque os alunos tem uma infinidade de informações e atrativos fora da escola. Isso faz as aulas se tornarem mais dinâmicas se quisermos sucesso na aprendizagem. (Hm57)

Um desafio, de ensinar e aprender a todo momento. (Ke78)

Nos dias atuais, o professor é um mediador não apenas de conhecimentos sistêmicos, mas, de valores, de educação informal, exercendo assim vários papéis dentro da sala de aula. (Le83)

É trabalhar a favor do conhecimento e do crescimento sociocultural e afetivo do aluno. (Le86)

Destacamos acima algumas colocações mais relacionadas às palavras *desafio*, *muitas atribuições e responsabilidades*. A seguir, evidenciamos alguns registros argumentativos, referentes à *falta de valorização profissional* e ao enfrentamento de *dificuldades*, também transcritos dos questionários:

Acredito ser uma profissão muito bonita, que ajuda na construção de um mundo melhor. Porém, é mal valorizada e as condições de trabalho são péssimas. (Bm01)

Um mediador que é desafiado constantemente. É pouco valorizado em vários aspectos, contudo, é extremamente necessário. (Bm07)

Hoje, considero sacrificante. No passado, ser professor exercia em mim um grande fascínio. Agora me sinto frustrada e de mãos atadas, pois, a sociedade, os pais e principalmente os alunos, nos desvalorizam. (Bm13)

Uma profissão de extrema importância e um desafio diante da falta de condições de trabalho e má remuneração. Hoje, assumimos muitas responsabilidades além de ensinar e não somos valorizados. (Cm25)

É ser um profissional que enfrenta muitas dificuldades no trabalho, mas, que possui grande importância social apesar de ser desvalorizado pela sociedade atual. (Le81)

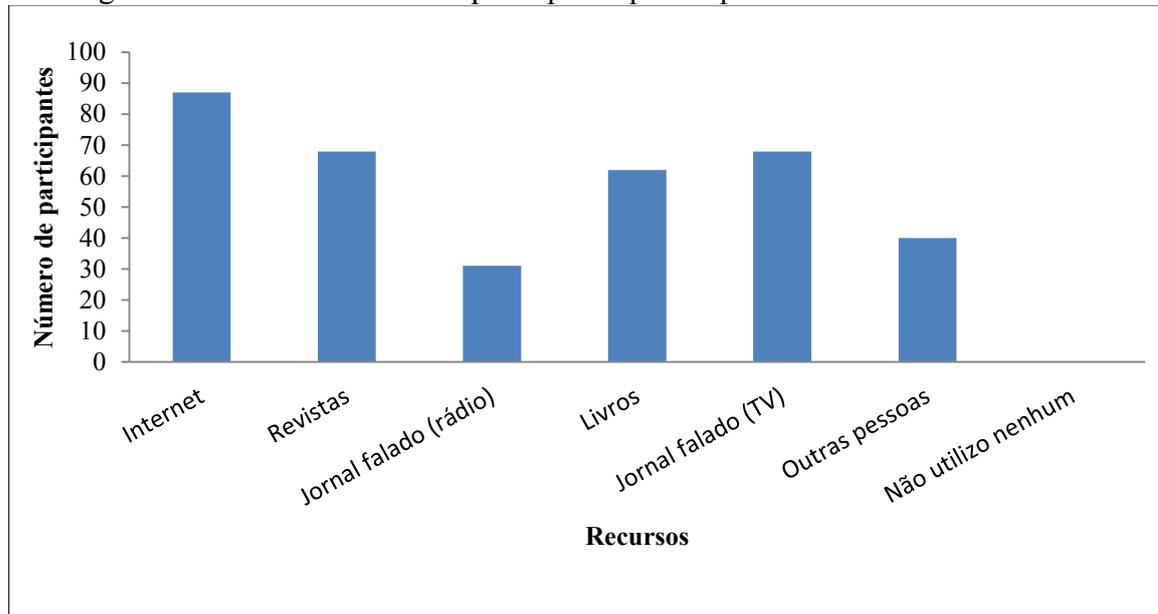
Sabe-se que, no exercício da profissão docente, é primordial manter-se informado. O professor que não se informa sobre assuntos que correspondentes ao conteúdo trabalhado e a conhecimentos diversos, poderá perder seu espaço no ambiente escolar como um todo e, mais especificamente, na sala de aula, junto aos alunos.

Nesse sentido, pontuamos a necessidade de acesso à informação e aos conhecimentos científicos disponíveis, por parte do professor que se propõe ao trabalho educativo com o tema da sexualidade. É importante que esse docente atualize seus conhecimentos através de leituras teóricas e científicas, participe de discussões entre seus pares para compartilhar avanços ou dificuldades encontradas no decorrer do seu trabalho. Considerando que o conhecimento existente hoje na sociedade se encontra inacabado e está passível de transformações como tudo na vida humana, toda atitude que envolve pesquisa é positiva.

Para que o professor possa compreender melhor a diversidade de abordagens que envolvem o tema da *Orientação Sexual*, é possível ainda contar com a colaboração, em regime de parceria, de outros profissionais que também se dedicam ao estudo e à prática educativa do referido tema.

Foi com a intenção de verificar tal aspecto que este trabalho de pesquisa incluiu o item correspondente ao levantamento de recursos utilizados pelos professores para se manterem informados. O resultado desse levantamento está expresso na figura 5.

Figura 5 – Recursos utilizados pelos participantes para manterem-se informados



Fonte: dados da pesquisa

Ficou claro, nessa figura, que a “internet” é o recurso mais utilizado pelos docentes, participantes desta pesquisa, uma vez que todos eles assinalaram esse item. Nessa questão, o sujeito poderia optar por mais de um recurso, indicando sempre aquele ou aqueles que correspondessem à utilização concreta e real, para obtenção de informações. Na tabulação final dos resultados, verificamos, por meio da figura 5, que os recursos “revistas e jornal falado (TV)” ficaram empatados, recebendo 78% cada um deles. Em seguida, obedecendo à ordem decrescente, aparecem os “livros” com 71% e “outras pessoas” com 46%. Por último, com 36%, está o “jornal falado (rádio)”.

A utilização da internet por 100% dos professores indica que os recursos tecnológicos da informática estão sendo valorizados e foram incorporados ao processo de busca e apropriação dos conhecimentos, fazendo parte integrante do cotidiano deles. Se no passado havia certa resistência em relação à utilização desse recurso por parte dos educadores, atualmente isso parece ter sido superado. Acreditamos que tal fato representa certa evolução na maneira de pensar e agir desses profissionais. Entretanto, é importante prestar atenção e analisar com cuidado as informações disponibilizadas nesses recursos, pois muitas delas não correspondem às disposições científicas adequadas; o que pode comprometer o trabalho desenvolvido em sala.

Em síntese, com relação ao perfil dos docentes participantes desta pesquisa, podemos dizer que esse grupo é composto por 76 mulheres e 11 homens, todos eles professores de Educação Básica das turmas de 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas da cidade de Uberaba/MG. A maioria deles, 59%, tem idade superior a 40 anos. Todos possuem

curso em nível superior, sendo que grande parte, 56%, são pós graduados. Um número expressivo, 92%, tem se dedicado exclusivamente ao magistério. Do total, 79% afirmaram que optaram pela carreira docente por escolha individual e 75% estão nessa profissão há mais de seis anos. 82% asseguraram que repetiriam essa escolha. Todos eles garantiram que utilizam a internet para manterem-se informados enquanto 78% utilizam também livros e revistas. No que se refere aos cursos de formação continuada, 76% deles afiançaram que participam de um ou mais cursos nesse sentido.

Foi esse grupo de docentes que possibilitou a análise da segunda parte desse trabalho representada pelo estudo dos aspectos que envolvem a *Orientação Sexual* trabalhada por eles em sala de aula.

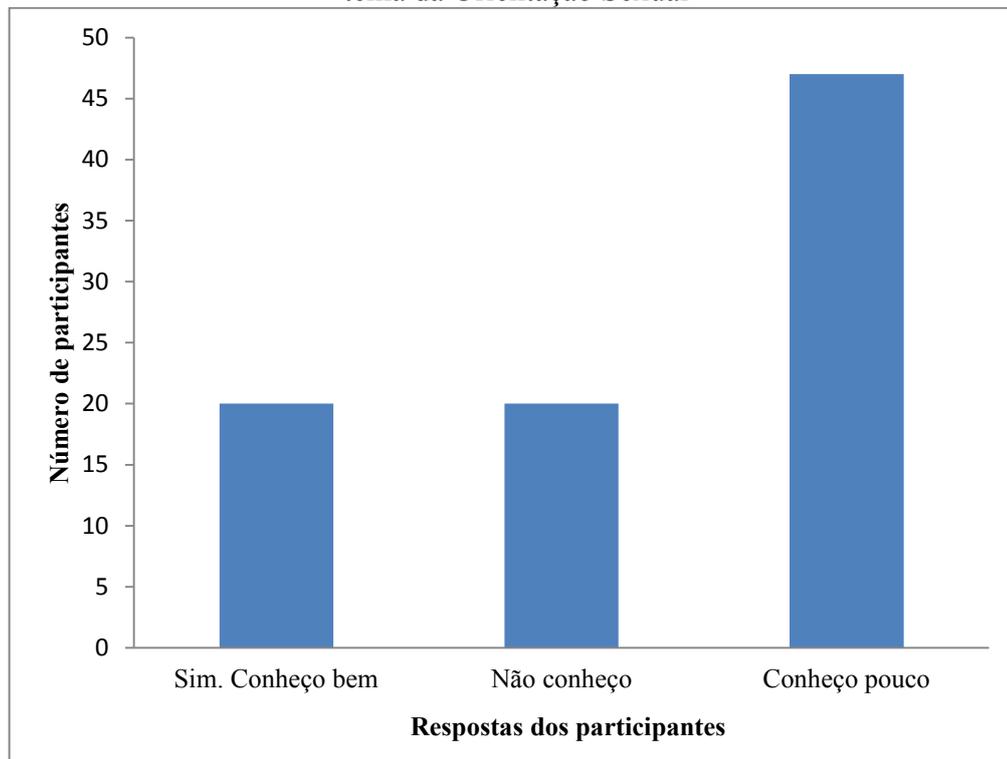
3.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL: O QUE DIZEM OS PROFESSORES

A segunda parte (B) deste trabalho está voltada para a investigação sobre a *Orientação Sexual*, objeto de estudo desta pesquisa, trabalhada ou não pelos professores em sala de aula.

Numa primeira etapa, o objetivo foi coletar informações com o propósito de identificar se os professores participantes conheciam a proposta dos PCN referente ao trabalho em sala de aula com o tema da *Orientação Sexual*.

Nesse sentido, foi possível constatar, como indicado na figura seguinte, que apenas 23% deles conhecem bem a referida proposta. A maioria, 54%, afirmou conhecer pouco, enquanto o restante, 23%, assegurou que não conhece nada sobre o assunto.

Figura 6 – Conhecimento dos participantes sobre as propostas dos PCN para o trabalho com o tema da Orientação Sexual



Fonte: dados da pesquisa

Em seguida, procurou-se investigar se esses docentes realizavam o trabalho transversal de *Orientação Sexual* junto a seus alunos, como sugere os PCN (1998). Os itens apresentados continham as alternativas “sim”, “não” e “às vezes”. Se o professor entrevistado optasse pela alternativa correspondente ao “sim”, ele deveria descrever como é realizado esse trabalho. Se a opção fosse pelo item referente ao “não”, ele teria que justificar por que não realiza. No entanto, se optasse pela alternativa “às vezes”, a proposta era que ele explicitasse quando e como é realizado esse trabalho.

Nesse item, verificou-se que houve predomínio de respostas da alternativa “às vezes”, indicando um percentual de 54%, enquanto 30% deles afirmaram que “não” realizam esse tipo de atividade com seus alunos. Apenas 16% garantiram que trabalham com o tema em sala de aula. Há, assim, uma correspondência com o item anterior em que a maioria dos professores afirmou conhecer pouco ou nada sobre o tema transversal da *Orientação Sexual*, abordado nos PCN (1998). Esse fato parece indicar que o pouco conhecimento, por parte do grupo de professores, sobre o assunto envolvendo a sexualidade, está determinando a realização ou não dessa atividade em sala de aula.

Dentre as respostas apresentadas pelos docentes, destacamos algumas transcrições que justificam tais análises:

Às vezes. Sempre que surge o assunto converso com os alunos enfatizando o respeito que devemos ter conosco e com os outros. Discutimos que a vida se realiza por etapas, da infância até a idade adulta com o amadurecimento do corpo e da mente. (Bm02)

Às vezes. É realizado quando surge algum assunto ou dúvidas por parte dos alunos ou ainda quando o conteúdo possibilita minha intervenção. (Cm25)

Às vezes. Tento aproveitar situações onde o tema surge e procuro desenvolvê-lo de forma natural, sem preconceitos, informando da melhor maneira possível. (Fm40)

Às vezes. É realizado em continuidade ao conteúdo de sistema reprodutor ou quando surge algum questionamento sobre o tema. (Gm50)

Às vezes. Durante as aulas sobre sistema reprodutor, conversando e tirando dúvidas dos alunos. (Ie63)

Às vezes. Quando tem oportunidade ou quando há uma dúvida. (Ke79)

Às vezes. Realizo quando as curiosidades dos alunos vão surgindo. (Le83)

Não. Por falta de oportunidade e de prática com o tema, deixo sempre para as áreas afins. (Bm03)

Não. Por não me achar preparada para realizá-lo. (Cm24)

Não. Devido a uma falta de formação e de orientação sobre o tema. (Hm54)

Não. Não sei como tratar esse tema nos dias de hoje. (Je73)

Não. Minha aula é de Matemática, deixo para os professores de Ciências trabalharem o tema. (Je75)

Sim. Fazemos cartazes com os temas, ouvimos palestras com profissionais convidados e mesas de debate. Lemos livros paradidáticos e discutimos o assunto em grupos. (Bm01)

Sim. Como não trabalho com Ciências aproveito todas as oportunidades para trabalhar o assunto priorizando o uso de preservativos e doenças sexualmente transmissíveis. (Dm33)

Sim. Procuero atender aos questionamentos dos alunos dentro das suas necessidades e também dentro do conteúdo proposto.
(Ie62)

Considerando as respostas dos participantes, transcritas acima, podemos recorrer, mais uma vez, aos PCN (1998) quando preconizam que o reconhecimento por parte dos professores sobre suas dificuldades em relação à abordagem do assunto da sexualidade em sala de aula, pode instigá-los à busca desses conhecimentos, por meio de leituras diversas que tratam da temática, compartilhadas com seus pares. Se possível, vale contar com uma assessoria especializada, aproveitando momentos de formação. Tal formação, de acordo com esse documento, deverá ser contínua e sistematizada, com discussões e reflexões sobre valores e preconceitos presentes no pensamento e nas atitudes do próprio grupo de educadores. Quando os professores e técnicos em educação colocam em constante debate suas dúvidas e angústias em relação ao trabalho com o tema da sexualidade na escola, refletem sobre seus valores e conflitos, questionam tabus e preconceitos, habilitam-se com maior segurança à realização dessa atividade junto aos alunos de diferentes faixas etárias e distintas classes sociais.

Este estudo investigou ainda se a escola tem oportunizado aos seus educadores esse espaço de reflexão sobre o tema da *Orientação Sexual*. O resultado obtido registra 46% de “às vezes”, que somados aos 24% de “não”, representam um total de 70%. Esse índice nos parece elevado, pois pode indicar que as escolas participantes deste estudo, não têm priorizado o trabalho transversal com o assunto da sexualidade, apesar de conviver cotidianamente com ele. Tal fato pode também estar, de alguma maneira, influenciando o rendimento escolar adequado de seus alunos.

Outro fator detectado se refere à questão que procurou averiguar se o tema da *Orientação Sexual* está presente no PPP da escola. Grande parte dos professores participantes, 67%, alegou que “sim”. Entretanto, quando questionados, em outro item, sobre como é realizado o trabalho de *Orientação Sexual* na escola em que atuam, 29% afirmaram que o professor define e executa individualmente o seu trabalho em sala de aula, enquanto 26% indicaram que esse tema está previsto no PPP da escola. Nesse caso, foi possível detectar certa indefinição nos resultados apresentados, uma vez que aparecem informações semelhantes nas duas questões, e os valores não se confirmam. Se o trabalho com o referido tema está previsto no PPP da escola, possivelmente não foi o professor, de maneira individual, que o definiu, uma vez que a proposta do PPP está vinculada a uma construção coletiva, envolvendo toda a comunidade escolar e os profissionais que nela atuam. Quando se

referem ao trabalho de *Orientação Sexual* constante no PPP da escola, os PCN (1998) enfatizam que “a opção por esse trabalho precisa mobilizar toda a comunidade escolar no processo de definição das propostas e das prioridades a serem eleitas para o seu desenvolvimento.”(p.31)

Esses argumentos têm o propósito de indicar que é fundamental a participação de todos os envolvidos no processo educativo, alunos, professores, funcionários e pais, na definição de princípios comuns para a realização desse tipo de atividade. Nesse aspecto, é importante que a equipe dirigente da escola crie condições facilitadoras do trabalho colaborativo entre todos os membros da comunidade escolar, promovendo situações favoráveis à comunicação, ao debate e à reflexão.

A ideia que confirma a realização de um trabalho individual por parte da maioria dos participantes está presente também no item que procurou identificar como os professores lidam, em sala de aula, com situações envolvendo questões ligadas à sexualidade. A maioria deles, 71%, afirmou que procura resolver a questão. As afirmativas que compunham esse item enfatizavam também aspectos colaborativos de resolução da questão; no entanto, novamente, um grande número dos docentes optou por uma resposta com prerrogativa de ação individual.

Quando questionados se a escola tem oportunizado espaço de reflexão quanto ao tema da sexualidade, uma grande parte dos professores, 46%, afirmou que às vezes, 24% afirmaram que não e somente 30% asseguraram que sim. Se forem somados os valores, 46% (às vezes) e 24% (não) obtêm-se 70%. Esse número indica que a maioria desses professores recebe pouco ou nenhuma orientação acerca do trabalho envolvendo o tema da sexualidade; o que pode estar comprometendo o desenvolvimento desse assunto junto aos alunos. Na falta de um trabalho sistemático de discussão e reflexão sobre o tema da *Orientação Sexual*, todo o trabalho de prevenção, cuidados com a saúde do corpo, respeito às diferenças e valorização de si e do outro poderão estar comprometidos.

Em contrapartida, 54% dos professores participantes da pesquisa consideram importante o trabalho com a *Orientação Sexual* em sala de aula, porque, segundo eles, esse assunto envolve questões de relações humanas, e 46% acreditam que esse tipo de atividade é muito importante porque o desenvolvimento da sexualidade interfere no desempenho escolar dos alunos. Todos os professores destacaram a importância do trabalho, em sala, com o tema da sexualidade. 41% deles afirmaram que quando esse trabalho acontece, seus alunos demonstram curiosidade e 45% registraram que os alunos solicitam maiores esclarecimentos, pois se identificam com o tema. No entanto o trabalho de *Orientação Sexual* está sendo abordado, segundo 77% dos participantes, somente quando é possível aproveitar as

oportunidades que ocorrem em sala. Tal fato pode ser considerado positivo, uma vez que apresenta coerência com os registros de que os alunos manifestam interesse e solicitam maiores esclarecimentos sobre o referido tema. Continuando nossa análise, registramos que 10% dos professores participantes afirmaram que nunca falam desse assunto em sala, 7% afirmaram que intercalam o tema com algum conteúdo e apenas 4% utilizam um planejamento para a realização dessa atividade. Intercalar o tema da sexualidade com outros conteúdos também representa fator de positividade, pois indica que esse assunto tem caráter dinâmico e se relaciona à totalidade do sujeito.

Outra questão do questionário procurou averiguar se, na opinião dos professores, a Orientação Sexual trabalhada em sala de aula favorece o bom desempenho escolar dos alunos. A maioria, 55%, garantiu que sim, 38% afirmaram que às vezes e somente 7% afiançaram que não.

O conteúdo transcrito dos questionários aplicados, referente à opinião de alguns dos professores que participaram da pesquisa sobre essa questão apresenta-se assim:

Sim. Quando os alunos compreendem o tema, eles se concentram mais nas outras atividades. Quando eles estão com curiosidade não prestam atenção em nada e ficam o tempo todo tentando descobrir o que querem saber. Se sentem mais seguros e confiantes quando estão sem dúvidas. (Bm01)

Sim. A sexualidade interfere no desenvolvimento do ser humano. Em sala de aula onde as relações interpessoais devem ser positivas, faz-se necessário trabalhar sexualidade, valores humanos e ouvir as necessidades de cada educando, para melhorar as relações e o aprendizado. (Bm08)

Sim. Há uma abordagem equivocada do sexo na mídia e culturalmente temos absorvido muitos conceitos errados. Isso causa um interesse precoce por esse assunto sem, contudo, orientar corretamente a questão da sexualidade, o que interfere no bom desempenho escolar dos alunos. (Cm24)

Sim. Pois a escola exerce uma função muito importante para a formação do cidadão. Uma criança ou adolescente que não estiver bem com sua sexualidade poderá apresentar problemas futuros na sociedade. (Dm31)

Sim. Porque os alunos dessa geração estão com o sexo a 'flor da pele', e a maioria dos pais tem dificuldade para orientar corretamente seus filhos sobre esse assunto. Então cabe à

escola e aos professores a tarefa de mediar o ensino e a orientação sexual. (Em36)

Sim. Quando trabalhamos com orientação sexual em sala de aula, estamos lidando com um tema de interesse comum entre os jovens, muitas vezes pouco falado em casa. Este trabalho é uma oportunidade que permite ao aluno se expressar livremente por meio de questionamentos, aproximando-o mais do professor, estabelecendo um elo de confiança que se reflete no desempenho escolar. (Gm50)

Sim. Uma vez que tudo tem haver com a autoestima e com o bom relacionamento social, o trabalho com o tema da sexualidade favorece o crescimento geral do ser humano. (Le64)

Sim. Porque acho que a falta de informação adequada sobre esse tema interfere não só no desempenho escolar dos alunos, mas também na sua vida pessoal. (Le80)

Sim. A orientação sexual está relacionada à saúde física, mental e social do ser humano. (Le86)

Às vezes. Determinado assunto abordado na hora certa com o conhecimento do professor sobre o tema pode conseguir esclarecer dúvidas e instigar o aluno a pesquisar mais a respeito do mesmo. (Bm16)

Às vezes. Há diversas situações que devem ser analisadas. Quando os alunos se interessam pelo tema, devemos buscar estratégias para aliar essa curiosidade ao processo de ensino-aprendizagem. (Em37)

Às vezes. Porque os alunos ficam muito interessados e sentem prazer em realizar atividades relacionadas ao tema. Dessa forma pesquisam mais e realizam atividades com maior eficiência. (Gm46)

Às vezes. Pois se identifica com a realidade vivenciada pelos alunos, o que torna o assunto tratado em sala mais próximo deles. (Le81)

Não. Não sei se favorece, pois, nunca trabalhei com esse assunto. (Bm20)

Não. Não trabalho esse assunto na sala de aula. (Dm32)

Como abordado anteriormente, as questões que compõem o bloco (B) do questionário têm o propósito de verificar a hipótese levantada sobre como está sendo realizado o trabalho

de Orientação Sexual em sala de aula por parte dos professores e se essa orientação tem contribuído para a melhoria do desempenho escolar dos alunos.

Analisando as respostas dos participantes, é possível inferir que há grande interesse, por parte dos alunos das turmas de 5º ao 9º ano das escolas pesquisadas, com referência ao conhecimento dos aspectos que envolvem o estudo da sua sexualidade. De acordo com as colocações dos professores, esses alunos apresentam curiosidade sobre o assunto, querendo saber sempre mais. Os professores também consideram importante o trabalho com essa temática. Entretanto, a escola tem dado pouca relevância ao estudo desse assunto, deixando quase que exclusivamente para o professor a responsabilidade do desenvolvimento do tema em sala de aula. Parece estar faltando maior apoio ao professor na resolução de questões que ocorrem no cotidiano da sala, voltadas para o assunto da sexualidade e maior envolvimento de todos os segmentos da escola com o estudo do referido tema. Sem o apoio adequado de toda a equipe da escola, o professor parece estar se sentindo inseguro na abordagem desse assunto; o que pode comprometer a realização de um bom trabalho de Orientação Sexual junto aos alunos. Todos esses entraves, por sua vez, poderão também comprometer o bom desempenho escolar dos alunos, já que a maioria dos professores participantes deste estudo indicou a necessidade desse tipo de trabalho em sala de aula.

Nesse sentido, recorreremos novamente aos PCN (1998) quando esclarecem sobre a necessidade de “que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema.” (p.303)

Apesar de não se constituir em receita pronta e acabada, em vários aspectos deste estudo concordamos com as ponderações contidas nos PCN (1998). Quando se refere às questões de formação continuada de professores, por exemplo, o referido documento enfatiza a necessidade do contato permanente com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diversas abordagens, que são imprescindíveis à intervenção prática junto aos alunos. Para isso, indica que o professor deverá participar de uma formação sistemática e continuada, que propicie a reflexão e a produção de conhecimentos a partir dessa prática, em um espaço grupal de todos os envolvidos com o trabalho de *Orientação Sexual* na escola. Tudo isso para que o professor possa reconhecer os valores que norteiam seu comportamento e sua visão de mundo, bem como respeitar e considerar legítimos os valores e comportamentos diferentes do seu. O trabalho coletivo da equipe escolar junto aos alunos e

seus familiares, na definição de princípios educativos norteadores das atividades escolares, ajudará muito na edificação dessa postura ética.

Sintetizando, com relação ao que pensam os professores sobre a *Orientação Sexual* nas escolas, podemos dizer que, para esse grupo de participantes, o trabalho com o referido tema foi considerado importante porque envolve questões de relações humanas e pode favorecer o bom desempenho escolar de seus alunos. Os próprios alunos demonstram curiosidade e solicitam maiores esclarecimentos, pois se identificam com o assunto. Esse fato representa um aspecto positivo desta pesquisa. No entanto, ficou evidenciado que a maioria desses professores conhece pouco a proposta dos PCN (1998) quanto a esse assunto porque, segundo grande parte deles, a escola tem oportunizado poucos momentos de reflexão e estudo sobre o tema. Em consequência disso, parece não haver um trabalho sistematizado, nas onze escolas pesquisadas, envolvendo o tema da *Orientação Sexual*. O assunto da sexualidade é abordado somente quando surge alguma oportunidade em sala.

Por outro lado, a maioria dos professores participantes afirmou que, quando aparece alguma situação em sala, envolvendo questões ligadas aos aspectos sexuais, eles procuram resolvê-la individualmente, deixando de solicitar a contribuição de algum membro da equipe escolar ou mesmo dos familiares dos envolvidos.

Os resultados encontrados, após análise dos questionários, parecem evidenciar que, apesar de os professores constatarem a importância de um trabalho sistemático com o tema da *Orientação Sexual* na sala de aula, ele de fato não tem ocorrido uma vez que estão faltando, na escola, momentos de formação e estudo sobre o assunto, que assegurem a efetividade desse trabalho. Em consequência disso, o professor parece estar se sentindo inseguro na abordagem do assunto junto aos alunos.

Vale ressaltar, mais uma vez, que todo conhecimento disponível sobre o referido assunto é passível de crítica e está em constante transformação. Como afirmado anteriormente, as análises evidenciadas no momento atual da nossa história referentes ao estudo da sexualidade humana, refletem as representações e as ideologias da organização social vigente. As discussões levantadas neste estudo não tem o propósito de definir caminhos, pretende abrir espaços a novas e significativas investigações.

A terceira parte do questionário procurou verificar o Núcleo Central e o Sistema Periférico das Representações Sociais, por meio da técnica de associação livre de palavras, realizada pelo EVOC, que, como já dissemos, é um “software” desenvolvido por Vergés (2002) que possibilita a criação de um banco de dados a partir de palavras evocadas pelos sujeitos investigados. Esse sistema toma o Núcleo Central e os elementos periféricos como

objetos de pesquisa, permitindo a criação de um novo esquema de apresentação das representações em forma de quadrantes que combinam a frequência das evocações com a ordem e a média em que elas aparecem. É o que se vê a seguir.

3.3 O NÚCLEO CENTRAL DAS REPRESENTAÇÕES: A TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

Como já mencionado anteriormente, a Subteoria do Núcleo Central, proposta por Abric (1994), foi um dos recursos teóricos metodológicos utilizados neste estudo com o objetivo de identificar e analisar as Representações Sociais dos professores das turmas do 5º ao 9º ano de onze escolas públicas da cidade de Uberaba/MG, sobre a Orientação Sexual trabalhada por eles em sala de aula.

Para tanto, utilizamos a técnica de associação livre de palavras, que foi analisada pelo EVOC, para a identificação do Núcleo Central e Sistema Periférico das Representações Sociais dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Nesse capítulo são apresentados os resultados e as análises dos dados da pesquisa, fundamentados no “software” EVOC e na Análise de Conteúdo de Bardin (2011). O “software” EVOC - *Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse de Évoctions* é uma ferramenta que auxilia nas pesquisas, cuja linha metodológica são, principalmente, as Representações Sociais. Ele se constitui de um conjunto de programas que são organizados com a finalidade de processamento e análise das evocações. Como já se sabe, esse “software” processa, por intermédio de vários programas, uma análise lexical das evocações feitas no momento da coleta de dados.

Segundo Abric (1994), o Núcleo Central e Sistema Periférico são fundamentais na identificação das Representações Sociais construídas pelos sujeitos. Eles são elaborados a partir do método associativo de palavras e da prova de triagens hierárquicas sucessivas. Dessa forma, o EVOC foi utilizado, neste estudo, como um instrumento informatizado, que quantifica e organiza, num banco de dados, as evocações dos participantes. A frequência com que as palavras evocadas aparecem, resulta na OME (Ordem Média de Evocações), que, de acordo com Vergés (2002), constitui-se em uma forma quantificada de tratamento e análise dos dados. Tal fato nos permite dizer que esse “software” oferece uma maior eficiência à pesquisa qualitativa.

A Teoria das Representações Sociais, conforme já foi discutido, procura tornar familiar o que não é familiar. Considerando tal aspecto ligado ao nosso objeto de pesquisa, que são as Representações Sociais dos professores de Educação Básica de escolas públicas de Uberaba/MG sobre a Orientação Sexual trabalhada por eles em sala de aula, o software EVOC vem auxiliar, por meio de programas que desempenham funções variadas, a análise dos dados coletados.

Para proceder a coleta de dados e analisá-los pelo EVOC, fez-se necessária a formulação de uma pergunta aos sujeitos participantes da pesquisa contendo um termo indutor. Esse termo teve como propósito estimular os sujeitos a manifestarem suas representações sociais sobre o objeto de estudo em questão.

Nesta pesquisa, os sujeitos foram convidados a escreverem quatro palavras que lhes viessem à mente ao ler a frase em destaque: *A Orientação Sexual que realizo na sala de aula*. Em seguida, foi solicitado que eles assinalassem a palavra que, na consideração deles próprios, apresentasse maior importância. A orientação contida no questionário foi realizada da seguinte forma:

Figura 7 – Instruções para coleta de dados do EVOC

TÉCNICA DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS	
22. a) Escreva 4 (quatro) palavras que lhe vêm à mente ao ler a frase em destaque:	
<div style="border: 1px solid black; padding: 5px; width: fit-content; margin: 0 auto;"> A Orientação Sexual que realizo na sala de aula </div>	
1.	_____
2.	_____
3.	_____
4.	_____
b) Das palavras que escreveu, assinale a que você considera mais importante.	
c) Justifique a sua escolha.	
d) Dê o significado (sinônimo) das outras três palavras:	

Fonte: dados do questionário apresentado aos participantes

A pergunta foi estruturada objetivando despertar uma reação espontânea nos entrevistados, conforme orienta o EVOC. A partir disso, é possível fazer uma associação das palavras evocadas pelos sujeitos. São essas evocações que formaram o banco de dados do EVOC que, por sua vez, estabelecerá uma relação matemática entre elas.

De acordo com a teoria e técnica da associação livre de palavras, as evocações devem ser escritas na ordem em que foram relatadas por se tratar de uma soma matemática, ligada a uma abordagem psicológica. Tal abordagem dá relevância à primeira palavra, considerando que ela tem maior força de ligação com o estímulo oferecido. Em relação à ordem das palavras, o referido “software” vai interpretar a primeira evocação com Peso 1, a segunda com Peso 2 e assim sucessivamente. Essa codificação da ordem de manifestação das evocações transforma o dado qualitativo em referência quantitativa. Segundo Sarubbi Junior (2013, p.44), o EVOC gera uma ordem média de evocações (OME), concluindo o processo de quantificação dos dados. Como já afirmado anteriormente, a OME se constitui em uma média ponderada dos dados analisados.

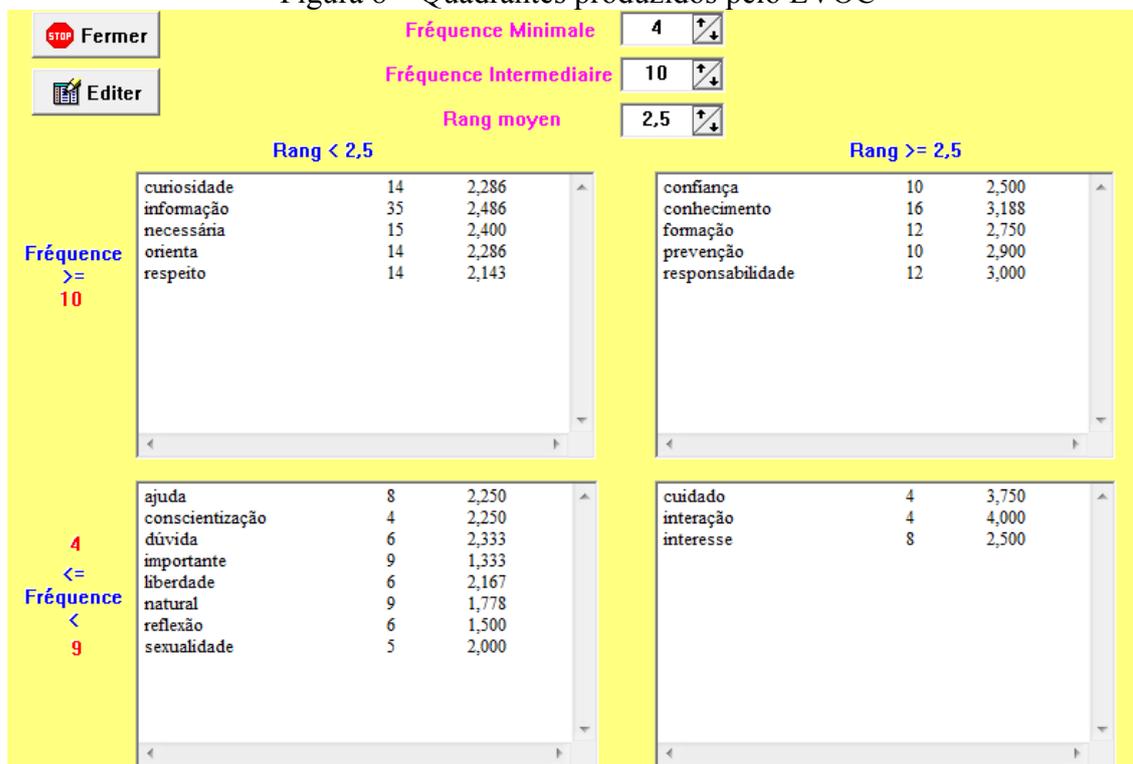
Segundo o banco de dados elaborado pelo EVOC, é preciso que se contabilize o número de evocações feitas, multiplicadas pelo número de sujeitos que participaram da pesquisa. Neste estudo, foram contabilizados 87 sujeitos participantes, mas, como o enunciado apontava a condição “*se você trabalha com a Orientação Sexual em sala de aula*”, 9 sujeitos deixaram de respondê-la, pois afirmaram não trabalharem em sala de aula com o tema apresentado. Nesse caso, 78 sujeitos se dispuseram a registrar 4 palavras cada um. No total, foram contabilizadas 312 evocações. Cada palavra citada pelos sujeitos é analisada pelo “software”, considerando quantas vezes apareceu em primeiro lugar, quantas vezes apareceu em segundo lugar e assim sucessivamente. Essa frequência de aparecimento é multiplicada pelo peso (o lugar em que apareceu) e, posteriormente, essas frequências são somadas entre si e divididas pelo número de vezes que a palavra apareceu no total. A etapa que operacionaliza essa fase do “software” recebe a denominação de *Rang*.

Logo após escrever as palavras, foram solicitados aos participantes escolherem e marcarem, entre elas, a que eles considerassem de maior importância, e, em seguida, foi pedido que apresentassem uma justificativa para a essa escolha.

Dando continuidade ao processo, foi solicitado também que registrassem o significado (sinônimo) das outras três palavras citadas.

A partir desses dados, iniciou-se o processo de análise. O EVOC recebeu as informações referentes a 312 evocações e, após tratá-las, por meio dos diversos programas, foi possível identificar os quadrantes seguintes:

Figura 8 – Quadrantes produzidos pelo EVOC



Fonte: dados da pesquisa

É importante registrar, para início de análise, o significado dos primeiros dados que aparecem na figura acima. No item *Frequência Mínima* (fréquence minimale) observamos que o número trabalhado foi 4, na *Frequência Intermediária* (fréquence intermediaire) foi 10 e a Ordem Média de Evocações geral do léxico, identificada como *Rang Moyen*, foi ajustada pelo programa em 2,5. Esse fato indica que o programa fará a inclusão de palavras com OME menor que 2,5. Após essas elucidacões, faremos a análise dos quadrantes.

Encontramos, no primeiro quadrante acima e à esquerda, as evocações que tiveram alta frequência e baixa OME (Ordem Média de Evocações). Nesse quadrante, estão presentes as palavras que foram citadas por um número maior de sujeitos e que, quando evocadas, apareceram nas primeiras posições. De acordo com o que foi esclarecido anteriormente, trata-se de evocações que foram escritas a partir das primeiras palavras que vêm à mente dos sujeitos. Possivelmente representam o Núcleo Central das Representações construídas pelos professores de Educação Básica das turmas de 5º ao 9º ano de escolas públicas de Uberaba/MG, acerca da Orientação Sexual trabalhada por eles em sala de aula.

Segundo o que afirma Abric (1994), o Núcleo Central apresenta uma perspectiva de coesão, estabilidade e coerência, sendo menos sensível ao contexto imediato devido à alta consensualidade que possui. Relaciona-se à memória coletiva e à vivência do grupo pesquisado, representando certa homogeneidade de comportamento e percepção desse grupo. De acordo com os resultados registrados pelo EVOC neste estudo, o Núcleo Central é determinado através das palavras “*curiosidade, informação, necessária, orienta e respeito*”.

Considerando o que foi registrado pelos participantes quando justificaram essas evocações, encontramos descrições como: *sede por conhecimento, querer saber, vontade de saber, busca de conhecimento*, para definir a palavra *curiosidade*. *Explicação, esclarecimento, adverte sobre riscos, tira dúvidas*, para a definição de *informação*. *Importante, oportuna, indispensável, é preciso que ocorra na escola, ensina, auxilia na compreensão dos aspectos da vida humana*, para a definição das palavras *necessária e orienta*. *Promove o respeito a si e ao outro, compreende a diversidade de escolhas, reflete*, para a definição de *respeito*. Com o objetivo de ampliar a compreensão dos sentidos e significados de tais evocações destacamos abaixo alguns registros dos professores que participaram desta pesquisa:

A função da escola, nos dias de hoje, com tantos perigos, tantas doenças e uma quantidade grande de informações inadequadas vindas das diversas mídias, é levar o máximo de conhecimento e informação correta aos alunos. (Bm01)

Com as informações corretas o aluno tende a desenvolver uma sexualidade natural e saudável, desfrutando de forma correta as suas descobertas íntimas. (Bm05)

Com as orientações corretas o aluno poderá ter uma visão adequada da sexualidade, rompendo mitos e vivendo melhor. (Bm06)

Os adolescentes necessitam urgentemente de orientação para alertar sobre as responsabilidades que cada um deve ter com a saúde, prevenindo doenças e gravidez precoce. (Dm33)

Os alunos têm muitas dúvidas e a informação adequada conscientiza e esclarece os fatos. (Fm43)

Muitas vezes os jovens não conversam com os pais sobre sexualidade, então é através da aula que o professor pode oferecer as informações que eles necessitam para se prevenirem. (Gm46)

Ao abordarmos a assunto da sexualidade estaremos contribuindo para a conscientização e a formação da vida sexual do aluno. (Hm58)

Há muitas informações disponíveis para os alunos, mas, a maioria não é confiável. Por isso o professor é um elo importante para o esclarecimento adequado do assunto levando em consideração o nível de conhecimento da turma. (Ie62)

Atualmente, os jovens são bombardeados com apelos eróticos (filmes, músicas, internet), porém esses recursos não informam adequadamente sobre o assunto. Cabe à escola fazer esse papel de informar com responsabilidade, contribuindo para a formação dos alunos. (Je71)

*A ausência da informação é geradora de falta de compreensão, preconceitos e outras dificuldades de relacionamento. (Le81)
Muitos alunos não sabem lidar com a sexualidade. Eles têm dúvidas, sentem vergonha, e precisam ser orientados para evitar uma situação indesejada na vida. (Le82)*

A orientação sexual está relacionada à saúde física, mental e social do ser humano. (Le86)

Prosseguindo nossa análise, verificamos que ainda restam três quadrantes. Esses quadrantes representam a zona periférica. Trata-se, de evocações flexíveis, instáveis, modificáveis, sensíveis ao contexto imediato, de acordo com anotações anteriores, referendadas por Abric (1994). Consistem, nesse caso, em evocações registradas por um número menor de sujeitos, apresentando, também, baixa frequência, isto é, têm pouca representatividade.

Encontramos, no quadrante acima e à direita, as palavras que possuem frequência mais alta, mas foram evocadas nas últimas posições. Isso significa que os termos *confiança*, *conhecimento*, *formação*, *prevenção* e *responsabilidade* têm alta OME. Para o sentido da palavra *confiança*, destacamos alguns registros dos professores que podem esclarecer e facilitar nossa análise:

A confiança faz com que tenhamos uma relação harmoniosa e de respeito com os alunos facilitando a interação e a transmissão de informação. (Fm40)

Quando há confiança os alunos têm a oportunidade de perguntar sobre assuntos que não conversam diretamente com a família. (Gm53)

Há muitas informações disponíveis para os alunos, mas, a maioria não é confiável. Por isso o professor é importante. Ele promove o esclarecimento adequado do assunto levando sempre em consideração o nível de conhecimento da turma. (Ie62)

A confiança e o respeito são valores capazes de mover todo tipo de relação. (Ie64)

Quanto às evocações *conhecimento, formação, prevenção e responsabilidade*, verificamos que elas se complementam, uma vez que, de acordo com o registro dos sujeitos, o conhecimento adequado sobre o processo de desenvolvimento sexual ajuda na prevenção contra doenças e gravidez indesejada, promove o senso de responsabilidade consigo mesmo e com o outro, além de favorecer a construção de um ambiente de harmonia no relacionamento entre os alunos; aspectos considerados importantes na formação integral do indivíduo. Essas evidências podem ser confirmadas através da análise dos seguintes registros:

A partir do momento que o tema é discutido e esclarecido, os alunos passam a ter maior esclarecimento e também maior responsabilidade diante dos seus atos e escolhas. Isso propicia a obtenção de uma boa saúde, relações melhores e escolhas conscientes. A responsabilidade nos mostra, também, direitos e deveres. (Bm11).

Prevenir torna a vida mais segura, sem o risco de doenças ou gravidez indesejada. (Bm09).

Todos os aspectos da vida dependem do conhecimento. Uma sociedade que tem acesso à educação previne a violência, é saudável e busca a igualdade social. A educação possibilita uma melhor compreensão de mundo e sociedade. Ela forma o cidadão. (Cm25).

Uma educação bem desenvolvida e voltada para o conhecimento possibilita uma melhor compreensão de mundo e de sociedade. (Cm27).

É papel da escola e do professor formar alunos críticos e desafiadores, preparados para enfrentar a sociedade. Devemos trabalhar sem tabu o tema da orientação sexual para que eles conheçam e aceitem sua sexualidade de forma natural. (Dm31).

O conhecimento do corpo gera o respeito, leva a melhores cuidados e pode prevenir uma gravidez indesejada. (Dm34).

A implantação da orientação sexual como prática na sala de aula contribuirá para a reflexão e o conhecimento. (Hm54).

*Ao abordarmos a assunto estamos contribuindo para o conhecimento e a formação da vida sexual do aluno. (Hm58).
Para prevenir, é necessário ensinar alguns cuidados com a saúde para os alunos, a fim de evitar acontecimentos indesejados. (Ie61).*

A falta de esclarecimentos quanto às doenças sexuais e como preveni-las, vem aumentando gradativamente as contaminações. (Je75).

Com relação à análise do quadrante abaixo, à esquerda, vale ressaltar que ele é denominado de zona de contraste. Assim é porque, embora as palavras tenham sido evocadas por um número menor de sujeitos, quando o foram, apareceram nas primeiras posições. Podem se contrapor às ideias entre pequeno e grande grupo, uma vez que uma minoria evoca termos que têm uma importante posição. São evocações que aparecem em primeira posição, porém em baixa frequência. A importância desse quadro é que, embora ele agrupe palavras que foram citadas menos vezes, essas estão nas primeiras posições. Para o pesquisador que trabalha com a Teoria das Representações Sociais, esse contraste pode ter relevância na interpretação. As palavras *ajuda, conscientização, dúvida, importante, liberdade, natural, reflexão e sexualidade* foram as evocações indicadas nesse quadro. Significa dizer que essas palavras confirmam as ideias registradas nos argumentos justificativos dos professores, pois fazem parte do vocabulário utilizado por eles na definição das evocações presentes no Núcleo Central.

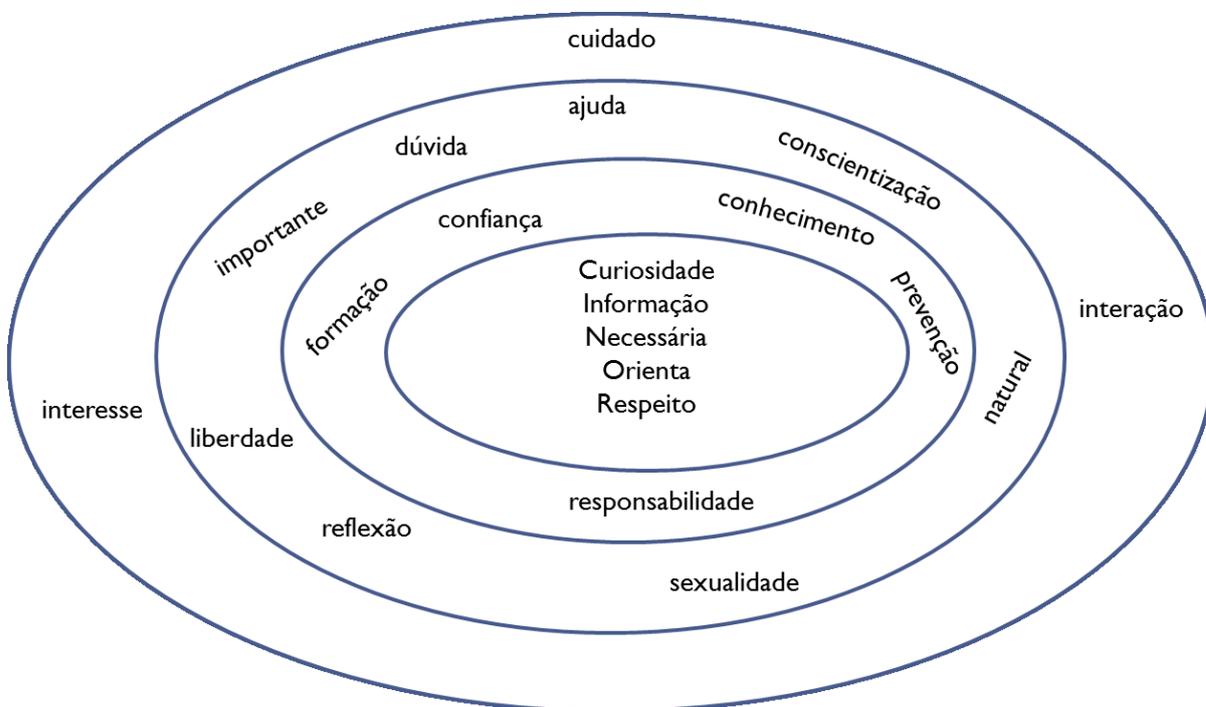
O quadrante abaixo e à direita traz os termos que foram evocados com menor frequência e com alta OME. Significa que foram termos evocados por um pequeno número de sujeitos e, ainda, localizados nas últimas posições. Se comparado com os demais, esse quadro pode parecer menos importante. Porém, seus termos podem funcionar como complemento e auxiliar a análise uma vez que integram o Sistema Periférico das Representações Sociais pesquisadas. Com referência a esse estudo, apresentam-se as palavras: *cuidado, interação, interesse*.

Na análise do sentido atribuído a essas evocações, destacamos que tais palavras estão diretamente ligadas às evocadas nos quadrantes anteriores, confirmando assim os seus significados. A palavra *interesse*, por exemplo, está reafirmando o sentido dado à palavra *curiosidade*, presente no quadrante alusivo ao Núcleo Central das Representações Sociais,

enquanto *interação e cuidado* se ligam ao sentido de *informação, necessária, orienta e respeito*.

A figura 9, representada abaixo, procura ilustrar com maior clareza a organização das palavras alusivas às evocações dos professores que participaram deste estudo. Nela estão evidenciadas as evocações pertencentes ao Núcleo Central e Sistema Periférico das Representações Sociais dos sujeitos investigados que foram obtidas após utilização da técnica de associação livre de palavras analisadas pelo EVOC.

Figura 9 – Núcleo Central e Sistema Periférico das representações: a técnica de associação livre de palavras -EVOC



Fonte: dados da pesquisa

Considerando tais evocações e os dados analisados no decurso deste estudo, verificamos a confirmação da hipótese levantada de que o trabalho do professor da Educação Básica com o tema da Orientação Sexual em sala de aula favorece o desempenho escolar dos alunos. Ficou evidenciada, ainda, a importância que os participantes atribuem a esse tipo de trabalho, ao justificarem que ele corresponde às expectativas e às curiosidades dos alunos. De acordo com 86% dos professores que participaram desta pesquisa quando o assunto da sexualidade é abordado em sala, os alunos demonstram curiosidade e solicitam maiores esclarecimentos, pois se identificam com o tema. Esse resultado apresenta caráter positivo uma vez que confirma o que está proposto em um dos nossos objetivos.

Entretanto, quando questionados se a escola tem oportunizado espaço de estudo e reflexão quanto ao tema da sexualidade, grande parte dos participantes, 46%, respondeu que “às vezes” e 24% afirmaram que “não”. Somados os dois valores, encontramos um total de 70%, isto é, a maioria deles destacou que a escola não tem dado a devida importância ao estudo e à discussão do citado assunto. Significa dizer que, embora os professores reconheçam a importância do trabalho com o tema da Orientação Sexual em sala de aula, na maioria das escolas investigadas, esse trabalho, quando se realiza, é por iniciativa individual dos docentes. Esse fato representa aspecto negativo, pois parece estar comprometendo o desempenho escolar adequado dos alunos e, conseqüentemente, o desenvolvimento integral do indivíduo, com prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de traçar algumas considerações sobre este estudo, julgamos conveniente retomar alguns pontos que nortearam a trajetória desta investigação, considerados por nós relevantes.

A escola, de acordo com determinação da LDB/1996, é responsável pela educação e formação integral do indivíduo. Como já colocado anteriormente, a Orientação Sexual faz parte desse processo uma vez que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998/2001) a instituíram como “tema transversal” por reconhecerem que a sexualidade interfere significativamente no desenvolvimento do ser humano, é uma necessidade básica, influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações.

Considerando esses aspectos, destacamos que o trabalho com o tema da Orientação Sexual em sala de aula, foco deste estudo, pode constituir-se num fator importante para o desempenho escolar dos alunos como apontam os PCN (1998/2001). Nesta pesquisa, propusemo-nos a investigar quais as Representações Sociais construídas pelos professores de Educação Básica de escolas públicas da cidade de Uberaba/MG sobre a Orientação Sexual trabalhada por eles em sala de aula.

O objetivo foi responder à inquietação maior que motivou este estudo, a saber: na opinião dos professores, o trabalho com a Orientação Sexual em sala de aula tem contribuído para a melhoria do desempenho escolar de seus alunos?

Para compreender e analisar essa questão problema, foi realizada a coleta de dados, com a utilização de questionário e um teste de associação livre de palavras. De posse das análises dos dados coletados e contando ainda com o auxílio da Teoria das Representações Sociais, Subteoria do Núcleo Central, “software” EVOC (*Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse de Évoctions*) e Análise de Conteúdo, procuramos responder a tal questão, buscando conhecer as Representações Sociais que esses professores têm construído durante o desenvolvimento dessa atividade junto aos alunos.

De acordo com os resultados encontrados, verificamos a confirmação da hipótese levantada de que o trabalho do professor da Educação Básica com o tema da Orientação Sexual em sala de aula favorece o desempenho escolar dos alunos. Outro aspecto constatado foi a importância que os professores participantes atribuíram a esse tipo de trabalho, justificando que ele corresponde às expectativas e às curiosidades dos alunos. Segundo a maioria desses professores, que, neste estudo, corresponde a 86%, quando o assunto da

sexualidade é abordado em sala, os alunos demonstram curiosidade e solicitam maiores esclarecimentos, pois se identificam com o tema. Significa dizer que esse resultado apresenta caráter de positividade uma vez que confirma o que está proposto em um dos objetivos desta pesquisa, baseado em questões norteadoras.

Essas constatações foram possibilitadas, principalmente, após análise dos termos *curiosidade, informação, necessária, orienta e respeito*, que, segundo o EVOC, compõem o Núcleo Central das representações dos sujeitos investigados. A Análise de Conteúdo também contribuiu para tal diagnóstico uma vez que, de acordo com Bardin (1979 p.33), trata-se de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, o que significa, a possibilidade de analisar determinados dados coletados no instrumento de pesquisa, levando em consideração a descrição e interpretação das opiniões, ideias, representações, estereótipos e outros tipos de mecanismos comunicativos que vão influenciar os resultados de uma pesquisa. Nesse sentido, as colocações dos participantes aqui transcritas confirmam as inferências efetivadas acima:

A função da escola, nos dias de hoje, com tantos perigos, tantas doenças e uma quantidade grande de informações inadequadas vindas das diversas mídias, é levar o máximo de conhecimento e informação correta aos alunos. (Bm01)

Atualmente, os jovens são bombardeados com apelos eróticos (filmes, músicas, internet), porém esses recursos não informam adequadamente sobre o assunto. Cabe à escola fazer esse papel de informar com responsabilidade, contribuindo para a formação dos alunos. (Je71).

No contexto dessas análises, estão presentes dois processos geradores das Representações Sociais, a “ancoragem” e a “objetivação”, identificados por Moscovici (2012), para explicar como ocorre a transformação de palavras e ideias não familiares em familiares. Segundo ele, a função da “ancoragem” é tornar aquilo que nos parece estranho e que nos perturba em algo comum, utilizando para isso os padrões da própria cultura. Moscovici (2012) ensina também que, no processo de “objetivação” das Representações Sociais, os sujeitos transformam em concreto algo que é abstrato. De acordo com ele, objetivar é relacionar um conceito a uma imagem.

Como evidenciado anteriormente, a representação social do trabalho do professor em sala de aula, com o tema da sexualidade, pode servir de exemplo, pois através desse recurso são construídas inúmeras imagens que materializam ideias, linguagens e pensamentos a respeito de como os sujeitos tratam e compreendem tal assunto numa determinada sociedade e

num período da história. No caso deste estudo, os professores a compreenderam como um processo ancorado e objetivado na *necessária informação*, motivada pela *curiosidade* de seus alunos, que *orienta* e promove o *respeito* a si e ao outro. Essas evocações que integram o Núcleo Central das Representações Sociais construídas pelos participantes da pesquisa apresentam significado estável e coerente. Com o auxílio da Análise de Conteúdo e dos dados quantitativos, pudemos identificá-las como sendo a manifestação tangível e concreta dos professores de Educação Básica das onze escolas públicas de Uberaba-MG, com relação à Orientação Sexual trabalhada por eles em sala de aula.

Incluem-se, nessa análise, os dados que compuseram a identificação do Perfil dos sujeitos e sua influência na construção das Representações Sociais. A maioria dos participantes, 87%, é do sexo feminino; portanto, as representações identificadas expressam um conteúdo com predominância feminina. Quanto à faixa etária, 59% têm acima de 41 anos de idade. A maioria, 75%, trabalha na docência há mais de seis anos. Essa evidência indica que grande parte dos professores participantes deste estudo é composta de um grupo mais amadurecido em relação à idade e com alguma experiência na gestão da sala de aula. Todos eles são graduados em cursos superiores de educação, sendo que 56% possuem habilitações variadas de Pós-graduação em nível de Especialização e, 92% deles estão na docência com dedicação exclusiva ao magistério. Quando questionados sobre a opção pela docência na Educação Básica, a maioria, 79%, afirmou que fez essa escolha pelo desejo de ser educador e pela realização profissional. Grande parte dos participantes, 82%, parece estar satisfeita com a profissão, pois garantiu que repetiria tal escolha. Todos eles registraram que se mantêm informados, utilizando os recursos da internet. É, portanto, um grupo que conhece e valoriza os mecanismos de informação disponíveis nas redes sociais de comunicação. A maioria, 76%, afirmou que faz um ou mais cursos de formação continuada - o que pode significar que grande parte desse grupo parece estar interessada no aprimoramento de seus conhecimentos, podendo exercer influência no conjunto das evocações, particularmente com relação à análise da zona periférica mais próxima ao Núcleo Central das Representações Sociais.

Nesse espaço, estão as palavras que possuem frequência mais alta, mas foram evocadas nas últimas posições. Tal ocorrência significa que os termos *confiança*, *conhecimento*, *formação*, *prevenção* e *responsabilidade* têm alta OME (Ordem Média de Evocações) e podem estar incluídas no Núcleo Central se forem observadas as ideias implícitas, contidas nas respostas dadas pelo grupo de professores participantes desta pesquisa, quando esclarecem que a escola não tem oportunizado momentos de *formação*

priorizando o tema da Orientação Sexual. Foi possível inferir, a partir desse contexto, que as Representações Sociais desses professores parecem estar ancoradas em sentimentos de insegurança na efetivação de tal trabalho em sala de aula, pois ele tem sido realizado pelo professor, de modo individualizado, sem o devido apoio da escola e Órgãos públicos responsáveis pela Educação Básica. Apesar de objetivarem a *necessidade* do desenvolvimento dessa atividade em sala de aula, os participantes demonstraram dificuldades nesse aspecto, justificando a complexidade de tal abordagem, a falta de *conhecimento* referente ao assunto e o despreparo para discuti-lo junto aos alunos.

Nesse caso, se o conhecimento dos aspectos que envolvem a sexualidade humana estiver presente nos encontros de formação de professores, estes poderão apresentar maior confiança e responsabilidade na abordagem do assunto em sala de aula. Em consequência desse fato, os alunos serão mais bem orientados e estarão mais aptos a se prevenirem contra doenças e gravidez indesejada. Além disso, considerando o que elucidam os PCN (1998 p.300), os momentos de estudo e reflexão do referido tema, na escola, proporcionam informações atualizadas do ponto de vista científico, explicitando e debatendo os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilitando ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Segundo os PCN (1998), escolas que realizam esse tipo de trabalho apontam alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar e ampliação da solidariedade e do respeito entre os alunos. No caso dos adolescentes, as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para se tornarem assunto de reflexão.

Sobre a importância que a Orientação Sexual tem na formação dos educandos, esta pesquisa nos mostrou que os professores percebem esse aspecto. Tal percepção pode ser identificada nas evocações do Sistema Periférico, em que aparecem as palavras *ajuda, conscientização, dúvida, importante, liberdade, natural, reflexão e sexualidade*. Ainda, com o auxílio da Análise de Conteúdo das questões abertas, podemos dizer que os objetivos estabelecidos nos PCN (1998) foram identificados pelos professores e que podem ter interferido na construção de suas Representações Sociais; como é o caso do registro a seguir: *É papel da escola e do professor formar alunos críticos e desafiadores, preparados para enfrentar a sociedade. Devemos trabalhar sem tabu o tema da orientação sexual para que eles conheçam e aceitem sua sexualidade de forma natural.* (Dm31).

Quanto ao Núcleo Periférico das Representações Sociais construídas pelos professores, podemos afirmar que ele é composto por evocações que complementam a análise do Núcleo Central. O processo de ancoragem e objetivação desses sujeitos é compreendido quando eles nomeiam o trabalho com a Orientação Sexual em sala de aula com significações de *interesse*, reforçando e complementando, portanto, o sentido da evocação *curiosidade*, e *interação* e *cuidado*, reafirmando o sentido de *informação*, *necessária*, *orienta* e *respeito*.

Por último, as evocações *ajuda*, *conscientização*, *dúvida*, *importante*, *liberdade*, *natural*, *reflexão* e *sexualidade*, indicadas no terceiro quadrante, confirmam as ideias registradas nos argumentos justificativos dos professores, uma vez que elas fazem parte do vocabulário utilizado por eles na definição das palavras apresentadas no Núcleo Central.

Assim, ao identificarmos as possíveis Representações Sociais construídas pelos professores da Educação Básica de onze escolas públicas da cidade de Uberaba/MG, sobre a Orientação Sexual trabalhada por eles nas turmas do 5º ao 9º ano, podemos dizer que eles a consideraram como uma informação necessária, que é motivada pela curiosidade dos alunos em relação ao conhecimento de aspectos vinculados ao desenvolvimento de sua sexualidade. Nesse sentido, acreditam que é papel da escola orientar adequadamente seus alunos, respeitando sua individualidade. Diante disso, é possível dizer, com o amparo da Teoria das Representações Sociais, que, na opinião da maioria dos professores, o trabalho com a Orientação Sexual em sala é necessário e favorece o desempenho escolar dos alunos uma vez que envolve questões de relações humanas.

Analisando esses resultados, propomo-nos a cumprir, com o cuidado devido, o último objetivo deste estudo que se constitui em apresentar sugestões que possam auxiliar o professor na realização dessa atividade em sala de aula.

Ponderando o que foi registrado pela maioria dos professores participantes da pesquisa, em respostas dadas às questões apresentadas no questionário, verificamos que a escola tem oferecido poucos momentos de formação continuada dedicados ao tema da sexualidade, embora eles julguem *necessário* o desenvolvimento desse tipo de trabalho junto aos alunos. Considerando tal aspecto, a primeira proposta nossa é que a escola insira, em seu cronograma de atividades de formação continuada para os educadores que dela fazem parte, o tema da Orientação Sexual.

Vinculada a essa proposta, sugerimos também que os dirigentes escolares e seus colaboradores oportunizem momentos de reflexão sobre o referido assunto, solicitando a participação de toda a comunidade escolar. É importante ressaltar, no entanto, que o tema da

sexualidade não deve se restringir a raros momentos de reuniões. Impõe-se, como já enfatizado, que seja discutido no ambiente escolar, durante todo o ano letivo.

Acreditamos ainda que pode haver um intercâmbio entre as escolas e as Universidades, utilizando-se o regime de parcerias, para que a discussão sobre o tema da sexualidade seja ampla e a mais significativa possível.

Outra sugestão apresentada, por nós, reside em que sejam oportunizados encontros de formação entre os profissionais das diversas escolas, para a troca de experiências, valorizando o conhecimento e a prática profissional dos docentes que lidam cotidianamente com questões, apresentadas pelos alunos, envolvendo aspectos da sexualidade humana. Os alunos e seus familiares também podem participar desses encontros, dando opiniões e sugerindo assuntos que representam suas dúvidas ou têm maior significado para eles.

Esperamos que os resultados apresentados nesta pesquisa contribuam para a consolidação de políticas públicas que ofereçam suporte ao trabalho do professor, em sala de aula, com o tema da sexualidade.

O presente trabalho parece elucidar, ainda, que a forma como os professores de Educação Básica das onze escolas públicas de Uberaba/MG compreendem e constroem Representações Sociais, presentes no trabalho com a Orientação Sexual, influencia o desenvolvimento dessa atividade em sala de aula.

Consideramos, por fim, que a pesquisa realizada não esgotou o assunto em destaque, trouxe, na verdade, novas demandas e questionamentos. Sendo assim, muito há para ser investigado e outras contribuições podem ser trazidas ao tema. Uma investigação relativa às Representações Sociais, sobre a organização dos conhecimentos científicos e pedagógicos, acerca da sexualidade, indispensáveis à formação dos professores de Educação Básica, por exemplo, seria oportuna e mereceria ser empreendida. Constitui esse contexto um desafio que coloco a mim, enquanto pesquisadora iniciante, mas que descobriu, através deste estudo, a paixão pela pesquisa e pelo conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J.C. A Abordagem Estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A.S.P. e OLIVEIRA (orgs). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. 2. ed. Goiânia: AB Editora, 2000, p. 27-38.
- ALTMANN, H. **Orientação sexual em uma escola**: recortes de corpo e de gênero, *Cadernos pagu* (21) (pp.281-315). Rio de Janeiro, 2003.
- ALVES-MAZZOTTI, A.J. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação, *Revista Múltiplas Leituras*, v.1, n.1, p. 18-43, jan./jun. 2008.
- ANTUNES, R.; POCHMANN, M. A desconstrução do trabalho e a explosão do desemprego estrutural e da pobreza no Brasil. In: CIMADAMORE, Alberto d. **Produção de pobreza e desigualdade na América Latina**/ Alberto D. Cimadamore... [et al.]; organizadores: Antonio David Cattani, Alberto D. Cimadamore; tradução: Ernani Só. – Porto Alegre: Tomo Editorial/Clacso, 2007.
- AQUINO, J.G. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 6. ed.- São Paulo: Summus, 1997.
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Revista Psicologia & Sociedade*; 23 (1): 24-34, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1>. Acesso em 22 de janeiro de 2014.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BOCK, A. M. B. **A adolescência como construção social**: estudo sobre livros destinados a pais e educadores – Adolescência como uma construção social. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*. Volume 11 Número 1 Janeiro/Junho 2007.
- BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BRASIL, **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/ Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. PCN – **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural: orientação sexual/Volume 10. Secretaria de Educação Fundamental, 3. ed., Brasília, 2001.
- CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.pppeduc.com/revistadafaeeba/anteriores/numero30.pdf>. Acesso em 04/08/2013.

CUNHA, M. I. da. **Lugares de formação: tensões entre a academia e o trabalho docente.** In: **XV Endipe** – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte. 2010, p. 129-149. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/endipe/publicacoes>. Acesso em: 04/07/2013.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Sexualidade, cristianismo e poder.** Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 10, n.3, p. 700-728, 3º quadrimestre de 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a05.pdf>. Acesso em 15/12/2014.

DIAS, E. O. **Relendo a psicanálise com Loparic.** São Paulo: DWW Editorial, 2012.

DOTTA, L. T. **Representações Sociais do Ser Professor.** Campinas, SP: Alínea, 2006.

DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de pesquisa.* São Paulo, v.42, n. 146, p. 351-367, maio/agosto, 2012.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social.* 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DUVEEN, G.O. O Poder das ideias. In: MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigação em psicologia social.** Petrópolis: Vozes 2009, p. 8-21.

EGYPTO, A.C. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante.** 2. ed.- São Paulo: Cortez, 2012.

ENS, R.T; VILLAS BÔAS, L. P. S; BEHRENS, M. A. (Orgs). **Representações Sociais: fronteiras, interfaces e conceitos.** Curitiba: Champagnat, Editora; São Paulo: Fundação Carlos Chagas. 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 1. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** 1996. Disponível em <www.sabotagem.revolt.org> Acesso em 15/09/2013.

GARCIA, C.M. **Formação de professores: para uma mudança educativa.** Trad. Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1995.

GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. (Org.), **As representações Sociais**, (pp. 321- 341). Rio de Janeiro: Ed Uerj 2001.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real.** Trad. Roberto Cataldo Costa. 2. ed. – Porto Alegre: Penso, 2012.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio (org.) **Vida de professores.** 2 ed. Porto: Porto Editora, 2007, p. 31- 61.

JODELET, D. Representação sociais: um domínio em expansão. In: _____ (Org) **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001, p. 17-44.

LOPARIC, Z. Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. **Nat. hum. v.7 n.2 São Paulo dez. 2005. Disponível em:** http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S151724302005000300001&script=sci_arttext **Acesso em 25 de janeiro de 2015.**

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 14. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 8. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. **A pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, L. B; ANICETO, R.A. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 345-364, abr./jun. 2010.

MAMPRIN, A. M. P. **A importância da educação sexual na escola para prevenção de conflitos gerados por questões de gênero.** Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1940-8.pdf>. Acesso em 03 de outubro de 2013.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Representações Sociais: Aspectos Teóricos Aplicados à Educação. Revista Múltiplas Leituras, v. 1, n. 1, p. 18-43, jan./jun.2008. Disponível em: <<https://www.medodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/.../1181> > Acesso em 04/10/13.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ:

MOREIRA, A. S. P; CAMARGO, B. V. (Orgs). **Contribuições para a Teoria e o Método de Estudo das Representações Sociais.** João Pessoa. Editora Universitária da UFPB, 2007.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações Sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Representações sociais:** investigações em psicologia social; editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NICOLINO, A. S.; LEITE, J.O.; WANDERLEY, L. **Educação sexual em Goiás.** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2013.

NÓVOA, A. **Professores imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009. Disponível em: <<http://www.etepb.com.br/arq-news/2012texto-professores-imagens-do-futuro-presente.pdf> >. Acesso em 28 de julho de 2014.

OLIVEIRA, D. C; CAMPOS, P. H. F. (Orgs). **Representações Sociais: uma teoria sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Museu da República. 2005.

P. (Org.). **O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia**. Vozes, 1999.

SÁ, C. P. **Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria**. In: SPINK, Mary Jane social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. **A construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdUFSCar, 1998.

SANDIN ESTEBAN, M. P. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Trad. Miguel Cabrera. – Porto Alegre: AMGH, 2010.

SPINK, P. (2003). Pesquisa de campo em Psicologia Social: Uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia e Sociedade**, 15(2), 18-42.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Trad. Karla Reis. – Porto Alegre: Penso, 2011.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Trad. Luciene de Oliveira da Rocha. 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRINDADE, Z. A; SANTOS, M. F. S; ALMEIDA, A. M. O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: _____ (Orgs). **Teorias das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 101-121.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VICENTE S. J. (et al). **Tecnologias computacionais para o auxílio em Pesquisa Qualitativa - Software EVOC**. São Paulo. Schoba, 2013.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO

ORIENTAÇÃO SEXUAL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA DE ESCOLAS PÚBLICAS DE UBERABA/MG.

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

Sujeito:	Nº

Prezado(a) Professor(a)

Este questionário tem como objetivo coletar informações para uma pesquisa que estamos realizando no Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba. Esta pesquisa integra um projeto maior "A Orientação Sexual na perspectiva dos alunos da Educação Básica: um estudo em Representações Sociais" com apoio financeiro da FAPEMIG/CAPES em atendimento ao Edital FAPEMIG 13/2012.

Os dados coletados permitirão analisar as Representações Sociais que os professores da Educação Básica de escolas públicas de Uberaba/MG estão construindo sobre a orientação sexual oferecida ao alunos.

Responda as questões com liberdade, não sendo necessário identificar-se.

Agradecemos a sua colaboração.

Atenciosamente,

Orientanda: Maria Teresinha Leite Sene Araújo
Orientadora: Profª. Drª. Vânia Maria de Oliveira Vieira

A) PERFIL

1. Sexo

a. feminino b. masculino

2. Idade

a. até 24 anos b. de 25 a 30 anos
c. de 30 a 35 anos d. de 35 a 40 anos
e. de 40 a 45 anos f. de 45 a 50 anos
g. mais de 50 anos

3. Cursou alguma graduação: Sim Não

Se sim, qual(is)?

4. Possui pós-graduação? Em caso afirmativo, especifique nível e área. A Não

b. Especialização. Área: _____

c. Mestrado. Área: _____

d. Doutorado. Área: _____

e. Pós doutorado. Área: _____

5. Você exerce outra atividade profissional que não a da docência? Qual (ais)? _____

6. Sua opção pela docência na Educação Básica se deve:

ao desejo de ser educador na Educação Básica

a influência de familiares

ao mercado de trabalho

a realização profissional

a formação acadêmica que foi possível

Outro: _____

7. Há quanto tempo você trabalha como docente na Educação Básica?

Menos de 2 anos De 2 a 5 anos

De 6 a 15 anos De 16 a 20 anos

Mais de 20 anos

8. Você repetiria essa escolha? Por que? _____

9. Para manter-se informado sobre acontecimentos atuais você utiliza:

- a. Internet b. revistas
c. jornal falado (rádio) d. livros
e. jornal falado (TV) f. outras pessoas
g. não utilizo nenhum

10. Participa de cursos e/ou atividades de formação continuada? Não Sim

Em caso afirmativo, especifique:

Qual(is) _____

Carga horária: _____

11. O que é, para você, ser professor hoje na Educação Básica? _____

B) COM RELAÇÃO A ORIENTAÇÃO SEXUAL REALIZADA NA ESCOLA

12. Você conhece a proposta de trabalho em sala de aula sugerida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais com referência ao tema da Orientação Sexual?

- Sim, conheço bem
 Não conheço
 Conheço pouco

13. Você realiza o trabalho transversal de Orientação Sexual junto aos seus alunos, como sugere os PCNs?

- Sim Não Às vezes

a) Se sim, como é realizado esse trabalho?

b) Se não, justifique por que não realiza:

c) Se às vezes, quando e como é realizado esse trabalho? _____

14. Como você lida com situações que ocorrem em sala de aula envolvendo questões ligadas à sexualidade?

- ignora o assunto
 passo a questão para a equipe técnica da escola resolver
 chamo os responsáveis dos envolvidos para ajudarem a resolver a questão
 procuro resolver a questão
 outro _____

15. O tema da Orientação Sexual está presente no Projeto Político Pedagógico de sua escola?

- sim não
a) Se não, você considera necessário a inclusão de um projeto de Orientação Sexual no PPP da sua escola?
 sim não

16. Como é definido o trabalho de Orientação Sexual na sua escola?

- está previsto no Projeto Político Pedagógico.
 a equipe técnica e professores definem juntos o trabalho que será realizado
 o professor define e executa individualmente o seu trabalho em sala
 a escola orienta o trabalho transversalmente, como sugere os PCNs
 não há trabalho de Orientação Sexual realizado na escola

17. A escola tem oportunizado espaço de reflexão quanto ao tema da sexualidade considerando-o como parte do processo educativo de todos os envolvidos, como sugere os PCNs?

- sim não às vezes

18. Como você vê o trabalho com a Orientação Sexual?

- não é importante
 não deve ser realizado na escola, é tarefa da família
 é importante porque envolve questões de relações humanas
 é muito importante porque o desenvolvimento adequado da sexualidade interfere no desempenho escolar dos alunos e na formação de sua personalidade

APÊDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do sujeito da pesquisa _____

Identificação (RG) sujeito da pesquisa _____

Identificação (RG) do responsável: M 1411948

Título do projeto: **Orientação Sexual: Representações Sociais dos Professores da Educação Básica de Escolas Públicas de Uberaba/MG.**

Instituição onde será realizado: Universidade de Uberaba

Pesquisador Responsável: Vania Maria de Oliveira Vieira

vaniacamila@uol.com.br

Identificação (conselho), telefone e e-mail:

CEP-UNIUBE: Av. Nenê Sabino, 1801 – Bairro: Universitário – CEP: 38055-500-Uberaba/MG, tel: 34-3319-8959 e-mail: cep@uniube.br

Você, _____

(colocar o nome) está sendo convidado para participar da pesquisa, *Orientação Sexual: Representações Sociais dos Professores de Educação Básica de Escolas Públicas de Uberaba/MG*, de responsabilidade da professora Dra. Vania Maria de Oliveira Vieira, desenvolvido na **Universidade de Uberaba**.

A escola exerce papel fundamental na formação integral do indivíduo e a orientação sexual, que há algum tempo atrás, ficava a cargo da família passou a fazer parte do currículo escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, promulgada em dezembro de 1996 determina que a orientação sexual de crianças e jovens será trabalhada no ensino fundamental e médio, dentro dos conteúdos escolares a partir dos "temas transversais", estruturados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. As propostas desses parâmetros reconhecem que a sexualidade interfere significativamente no desenvolvimento do ser humano - é uma necessidade básica, influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações. Nesse sentido, a orientação sexual pode constituir-se num fator importante para o desempenho escolar dos alunos, considerando que esta questão envolve relações interpessoais mais saudáveis e o aumento da autoestima. Esta pesquisa tem como objetivo identificar e caracterizar o conteúdo das possíveis Representações Sociais construídas pelos professores da Educação Básica de escolas públicas da cidade de Uberaba-MG sobre orientação sexual, e investigar, na perspectiva desses professores, se a realização dessa atividade em sala de aula, tem se constituído em fatores que auxiliam o desempenho escolar dos alunos.

Se aceitar participar desse estudo, você irá responder a um questionário contendo questões abertas e fechadas. E caso haja necessidade de complementar os dados do questionário, e, se for selecionado a partir de um sorteio aleatório, você participará, também, de uma entrevista de Grupo Focal. A entrevista ocorrerá em um sala adequada na própria instituição de ensino e serão utilizados gravadores. Todos os seus dados serão mantidos em sigilo e serão utilizados apenas com fins científicos, tais como apresentações em congressos e publicação de artigos científicos. Seu nome e sua voz ou qualquer outra identificação, jamais aparecerá.

Pela sua participação no estudo, você não receberá nenhum pagamento, e também não terá nenhum custo. Você pode deixar de participar a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo para você. Sinta-se à vontade para solicitar, a qualquer momento, os esclarecimentos que julgar necessários. Caso decida-se por não participar, nenhuma penalidade lhe será imposta.

Você receberá uma cópia desse termo, assinada pelo pesquisador responsável, em que consta a sua identificação e os seus contatos, caso você queira entrar em contato com ele.

Nome do sujeito da pesquisa

Vania Maria de Oliveira Vieira – pesquisador responsável

APÊNDICE C – AUTORIZAÇÃO DAS ESCOLAS



Uberaba, 24 de março de 2014.

Ilma. Sra.

Diretora da Escola Municipal

Digníssima Diretora

Eu, Maria Teresinha Leite Sene Araújo, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado da Uniube e minha orientadora Prof^ª. Dra. Vânia Maria de Oliveira Vieira, nos propusemos a desenvolver um projeto de pesquisa, encaminhado à CAPES/FAPEMIG, intitulado, Orientação Sexual: Representações Sociais dos Professores de Educação Básica de Escolas Públicas de Uberaba/MG.

Esta pesquisa, caracterizada por uma abordagem quali-quantitativa, propõe investigar, na perspectiva dos professores, se a realização da educação sexual trabalhada em sala de aula, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais, tem se constituído em fator que auxilia o desempenho escolar dos alunos da educação básica de escolas públicas de Uberaba/MG. Para isso pretendemos identificar e caracterizar o conteúdo das possíveis representações sociais construídas por esses professores sobre orientação sexual.

Assim, solicitamos a vossa senhoria autorização para a efetivação do referido estudo junto aos professores que atuam nas turmas de quinto ao nono ano dessa escola.

Esclarecemos que:

- os dados obtidos serão utilizados somente para a pesquisa à qual se vinculam;
- não existem riscos ou desconfortos associados com essa pesquisa, isto é, não há probabilidade de que o professor ou a Instituição sofram algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo;
- ficam garantidos aos sujeitos da pesquisa a confidencialidade, a privacidade e o sigilo das informações individuais obtidas;
- os resultados deste estudo poderão ser publicados em artigos e/ou livros científicos ou apresentados em congressos da área da educação. As informações pessoais que possam identificar o indivíduo serão mantidas em sigilo.

Sobre os benefícios para a Instituição, esperamos que a realização desta pesquisa possa oferecer informações sobre como tem sido realizado, pelos professores, o trabalho de orientação sexual em sala de aula. Ademais, pretendemos verificar se esse trabalho tem-se constituído em fator que auxilia o desempenho escolar dos alunos da educação básica e a partir disso contribuir com discussões, reflexões e sugestões que possam auxiliar na realização desta atividade em sala de aula.

Antecipadamente, agradecemos a atenção que V. S^a dispensar a esse pedido.

Maria Teresinha Leite Sene Araújo

Orientanda

Vania Maria de Oliveira Vieira

Orientadora

De acordo: _____

Uberaba, 24 de março de 2014.
Ilma. Sra
Diretora da Escola Estadual
Digníssima Diretora

Eu, Maria Teresinha Leite Sene Araújo, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado da Uniube e minha orientadora Profª. Dra. Vânia Maria de Oliveira Vieira, nos propusemos a desenvolver um projeto de pesquisa, encaminhado à CAPES/FAPEMIG, intitulado, Orientação Sexual: Representações Sociais dos Professores de Educação Básica de Escolas Públicas de Uberaba/MG.

Esta pesquisa, caracterizada por uma abordagem quali quantitativa, propõe investigar, na perspectiva dos professores, se a realização da educação sexual trabalhada em sala de aula, como sugerem os Parâmetros Curriculares Nacionais, tem se constituído em fator que auxilia o desempenho escolar dos alunos da educação básica de escolas públicas de Uberaba/MG. Para isso pretendemos identificar e caracterizar o conteúdo das possíveis representações sociais construídas por esses professores sobre orientação sexual.

Assim, solicitamos a vossa senhoria autorização para a efetivação do referido estudo junto aos professores que atuam nas turmas de quinto ao nono ano dessa escola.

Esclarecemos que:

- os dados obtidos serão utilizados somente para a pesquisa à qual se vinculam;
- não existem riscos ou desconfortos associados com essa pesquisa, isto é, não há probabilidade de que o professor ou a Instituição sofram algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo;
- ficam garantidos aos sujeitos da pesquisa a confidencialidade, a privacidade e o sigilo das informações individuais obtidas;
- os resultados deste estudo poderão ser publicados em artigos e/ou livros científicos ou apresentados em congressos da área da educação. As informações pessoais que possam identificar o indivíduo serão mantidas em sigilo.

Sobre os benefícios para a Instituição, esperamos que a realização desta pesquisa possa oferecer informações sobre como tem sido realizado, pelos professores, o trabalho de orientação sexual em sala de aula. Ademais, pretendemos verificar se esse trabalho tem-se constituído em fator que auxilia o desempenho escolar dos alunos da educação básica e a partir disso contribuir com discussões, reflexões e sugestões que possam auxiliar na realização desta atividade em sala de aula.

Antecipadamente, agradecemos a atenção que V. S^a dispensar a esse pedido.

Maria Teresinha Leite Sene Araújo
Orientanda
Vania Maria de Oliveira Vieira
Orientadora

De acordo:

APÊNDICE D – DADOS DO QUESTIONÁRIO

B)COM RELAÇÃO À ORIENTAÇÃO SEXUAL	%
12) VOCÊ CONHECE A PROPOSTA DOS PCN REFERENTE AO TEMA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL?	
Sim. Conheço bem	23%
Não conheço	23%
Conheço pouco	54%
13) VOCÊ REALIZA O TRABALHO TRANSVERSAL DE ORIENTAÇÃO SEXUAL JUNTO AOS SEUS ALUNOS?	
Sim	16%
Não	30%
Às vezes	54%
14) COMO VOCÊ LIDA COM SITUAÇÕES EM SALA ENVOLVENDO QUESTÕES LIGADAS À SEXUALIDADE?	
Ignoro o assunto	2%
Passo a questão para a Equipe Técnica da escola resolver	20%
Chamo os responsáveis dos envolvidos para ajudarem a resolver a questão	5%
Procuro resolver a questão	71%
Outro	2%
15) O TEMA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL ESTÁ PRESENTE NO PPP DE SUA ESCOLA?	
Sim	67%
Não	33%
a)Se não, você considera necessário a inclusão de um projeto de O.S. no PPP?	
Sim	86%
Não	14%
16) COMO É DEFINIDO O TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NA SUA ESCOLA?	
Está previsto no Projeto Político Pedagógico	26%
Equipe Técnica e professores definem junto o trabalho que será realizado	14%
O professor define e executa individualmente o seu trabalho em sala	29%
A escola orienta o trabalho transversalmente como sugere os PCN	21%
Não há trabalho de Orientação Sexual realizado na escola	10%
17) A ESCOLA TEM OPORTUNIZADO ESPAÇO DE REFLEXÃO QUANTO AO TEMA DA SEXUALIDADE COMO SUGERE OS PCN?	
Sim	30%
Não	24%
Às vezes	46%
18) COMO VOCÊ VÊ O TRABALHO COM A ORIENTAÇÃO SEXUAL?	
Não é importante	0
Não deve ser realizado na escola, é tarefa da família	0
É importante porque envolve questões de relações humanas	54%
É muito importante porque o desenvolvimento adequado da sexualidade interfere no desempenho escolar dos alunos	46%

19) COMO VOCÊ ABORDA O TEMA DA SEXUALIDADE EM SALA DE AULA?	
Utiliza um planejamento	4%
Aproveita oportunidades que ocorrem em sala	77%
Intercala com algum conteúdo	7%
Nunca fala desse assunto em sala	10%
Expõe o assunto em sala, mas sem planejamento	2%
20) SE VOCÊ TRABALHA A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA SUA SALA COMO SEUS ALUNOS REAGEM?	
Não se interessam pelo assunto	1%
Apresentam atitude de passividade	1%
Demonstram curiosidade	41%
Solicitam maiores esclarecimentos, pois se identificam com o tema	45%
Não trabalho o assunto	12%
21) NA SUA OPINIÃO, A ORIENTAÇÃO SEXUAL TRABALHADA EM SALA FAVORECE O BOM DESEMPENHO ESCOLAR DOS ALUNOS?	
Sim	55%
Não	7%
Às vezes	38%

APÊNDICE E – RELATÓRIO DO EVOC

fichier initial : EVOC TEv.CSV

fin de la transformation

nombre de lignes du fichier initial : 78

nombre de lignes du fichier final : 78

fichier initial : C:\Users\Uniube\Desktop\MTLSA\EVOC TEv.TXT

Fin creation mots

nombre de ligne en entree : 78

nombre de mots : 313

Fichier Initial : C:\Users\Uniube\Desktop\MTLSA\EVOC TEv.tm1

NOUS ALLONS MAINTENANT TRIER LE FICHER

FIN TRI SANS PROBLEME

Nombre d enregistrements en entree : 313

Nombre d enregistrements en sortie : 31

Fichier Initial : C:\Users\Uniube\Desktop\MTLSA\EVOC TEv.tm2

Nous avons en entree le fichier :

C:\Users\Uniube\Desktop\MTLSA\EVOC TEv.tm2

LISTE DES MOTS DANS LEUR CONTEXTE

MOT : acalma

1acalma 2informação 3cuidado 4*prevenção

MOT : aceitável

1*natura

1 2curiosidade 3satisfatória 4aceitável

MOT : ajuda

1necessária 2*informação 3confiança 4ajuda

1ajuda 2informação 3desperta 4*orienta

1*informação 2orienta 3ajuda 4medo

1informação 2correto 3ajuda 4*orienta

1orienta 2ajuda 3*informação 4conversa

1orienta 2fortalece 3ajuda 4*conhecimento

1ajuda 2conscientização 3*informação 4orienta

1*ajuda 2informação 3dúvida 4contribui

MOT : amizade

1respeito 2*amizade 3confiança 4informação

1liberdade 2*respeito 3confiança 4amizade

MOT : aprendizagem

1formação 2aprendizagem 3*conhecimento 4responsabilidade

MOT : atual

1conhecimento 2atual 3sensibilidade 4*responsabilidade

MOT : aula

1*orienta 2realiza 3local 4aula

MOT : auto

1*respeito 2disciplina 3conhecimento 4auto respeito

MOT : boa

1boa 2informação 3contribui 4*orienta

MOT : bonita

1importante 2necessária 3*bonita 4conhecimento

MOT : bullying

1*formação 2sexualidade 3bullying 4curiosidade

1*bullying 2respeito 3informação 4formação

MOT : científica

1natural 2*responsabilidade 3conhecimento 4científica

1*científica 2prevenção 3interesse 4curiosidade

MOT : complementar

1importante 2informação 3complementar 4*necessária

MOT : confiança

1necessária 2*informação 3confiança 4ajuda

1confiança 2responsabilidade 3saúde 4*informação

1*interesse 2conhecimento 3liberdade 4confiança

1respeito 2*amizade 3confiança 4informação

1confiança 2*interesse 3curiosidade 4interação

1respeito 2*confiança 3liberdade 4responsabilidade

1realidade 2humana 3*liberdade 4confiança

1liberdade 2*respeito 3confiança 4amizade

1respeito 2*confiança 3escolha 4consequência

1*respeito 2confiança 3orienta 4conhecimento

MOT : conhecimento

1*formação 2prevenção 3responsabilidade 4conhecimento
 1conhecimento 2atual 3sensibilidade 4*responsabilidade.
 1curiosidade 2conhecimento 3*socialização 4relacionamento
 1*respeito 2disciplina 3conhecimento 4auto respeito
 1importante 2necessária 3*bonita 4conhecimento
 1orienta 2fortalece 3ajuda 4*conhecimento
 1*interesse 2conhecimento 3liberdade 4confiança
 1*conscientização 2timidez 3conhecimento 4maturidade
 1informação 2*debates 3slides 4conhecimento
 1formação 2aprendizagem 3*conhecimento 4responsabilidade
 1natural 2*responsabilidade 3conhecimento 4científica
 1liberdade 2*responsabilidade 3conhecimento 4maturidade
 1corpo 2necessária 3*conhecimento 4cuidado
 1necessária 2*prevenção 3informação 4conhecimento
 1*respeito 2confiança 3orienta 4conhecimento
 1reflexão 2*maternal 3insegurança 4conhecimento
 MOT : conscientização
 1*conscientização 2timidez 3conhecimento 4 maturidade
 1reflexão 2despertar 3*conscientização 4respeito
 1ensino 2escola 3*conscientização 4sexualidade
 1ajuda 2conscientização 3*informação 4orienta
 MOT : consequência
 1respeito 2*confiança 3escolha 4consequência
 MOT : contribuí
 1boa 2informação 3contribui 4*orienta
 1*ajuda 2informação 3dúvida 4contribui
 MOT : conversa
 1orienta 2ajuda 3*informação 4conversa
 1*orienta 2informação 3conversa 4interação
 MOT : corpo
 1corpo 2necessária 3*conhecimento 4cuidado
 MOT : correto
 1informação 2correto 3ajuda 4*orienta
 MOT : critérios

1critérios 2desafio 3orienta 4*formação

MOT : cuidado

1acalma 2informação 3cuidado 4*prevenção

1insuficiente 2momento 3*natural 4cuidado

1*gravidez 2doenças 3homossexualidade 4cuidado

1corpo 2necessária 3*conhecimento 4cuidado

MOT : curiosidade

1curiosidade 2necessária 3preconceito,4 *formação

1*reflexão 2procura 3curiosidade 4informação

1curiosidade 2informação 3*formação 4interação

1curiosidade 2conhecimento 3*socialização 4relacionamento

1*formação 2sexualidade 3bullying 4curiosidade

1curiosidade 2interesse 3*questionamento 4dúvida

1*natural 2curiosidade 3satisfatória 4aceitável

1confiança 2*interesse 3curiosidade 4interação

1*curiosidade 2dúvida 3informação 4interes

1*científica 2prevenção 3interesse 4curiosidade

1*curiosidade 2vida 3informação 4natural

1dúvida 2*prevenção 3curiosidade 4formação

1*respeito 2diferença 3individualidade 4curiosidade

1interesse 2dúvida 3*curiosidade 4questionamento

MOT : debates

1informação 2*debates 3slides 4conhecimento

MOT : desafio

1critérios 2desafio 3orienta 4*formação

MOT : desenvolvimento

1*informação 2orienta 3formação 4desenvolvimento

MOT : desperta

1ajuda 2informação 3desperta 4*orienta

MOT : despertar

1reflexão 2despertar 3*conscientização 4respeito

MOT : despretenciosa

1natural 2*reflexão 3informação 4despretenciosa

MOT : diferença

1*respeito 2diferença 3individualidade 4curiosidade

MOT : disciplina

1*respeito 2disciplina 3conhecimento 4auto respeito

MOT : doenças

1*gravidez 2doenças 3homossexualidade 4cuidado

1sexualidade 2prevenção 3gravidez 4*doenças

MOT : dúvida

1curiosidade 2interesse 3*questionamento 4dúvida

1*ajuda 2informação 3dúvida 4contribui

1*curiosidade 2dúvida 3informação 4interesse

1reflexão 2*dúvida 3informação 4interação

1dúvida 2*prevenção 3curiosidade 4formaçã

1interesse 2dúvida 3*curiosidade 4questionamento

MOT : eficaz

1importante 2*informação 3eficaz 4necessária

MOT : ensino

1ensino 2formação 3*necessária 4falta

1ensino 2escola 3*conscientização 4sexualidade

MOT : escola

1*informação 2questiona 3reflexão 4escola

1*ori

enta 2sexualidade 3realizar 4escola

1ensino 2escola 3*conscientização 4sexualidade

MOT : escolha

1respeito 2*confiança 3escolha 4consequência

MOT : falha

1*necessária 2falha 3interesse 4informação

MOT : falta

1ensino 2formação 3*necessária 4falta

MOT : feminino

1masculino 2feminino 3*homossexualidade 4heterossexualidade

MOT : fomação

1*fomação 2prevenção 3responsabilidade 4conhecimento

MOT : formação

1formação 2importante 3responsabilidade 4*informação
 1curiosidade 2necessária 3preconceito, 4*formação
 1curiosidade 2informação 3*formação 4interação
 1sexualidade 2*formação 3prevenção 4respeito
 1formação 2aprendizagem 3*conhecimento 4responsabilidade

1*formação 2sexualidade 3bullying 4curiosidade

1ensino 2formação 3*necessária 4falta

1natural 2liberdade 3*maturidade 4formação

1*bullying 2respeito 3informação 4formação

1dúvida 2*prevenção 3curiosidade 4formação

1critérios 2desafio 3orienta 4*formação

1*informação 2orienta 3formação 4desenvolvimento

MOT : fortalece

1orienta 2fortalece 3ajuda 4*conhecimento

MOT : gravidez

1*gravidez 2doenças 3homossexualidade 4cuidado

1sexualidade 2prevenção 3gravidez 4*doenças

MOT : heterossexualidade

1masculino

2feminino 3*homossexualidade 4heterossexualidade

MOT : homossexualidade

1masculino 2feminino 3*homossexualidade 4heterossexualidade

1*gravidez 2doenças 3homossexualidade 4cuidado

MOT : humana

1realidade 2humana 3*liberdade 4confiança

MOT : importante

1importante 2necessária 3*bonita 4conhecimento

1* importante 2informação 3necessária 4interesse

1insuficiente 2importante 3*necessária 4urgente

1formação 2importante 3responsabilidade 4*informação

1importante 2natural 3*responsabilidade 4prevenção

1importante 2*informação 3eficaz 4necessária

1importante 2informação 3complementar 4*necessária

1*necessária 2importante 3informação 4prevenção

1*importante 2satisfatória 3informação 4necessária
 MOT : individualidade
 1*respeito 2diferença 3individualidade 4curiosidade
 MOT : informação
 1ajuda 2informação 3desperta 4*orienta
 1acalma 2informação 3cuidado 4*prevenção
 1*reflexão 2procura 3curiosidade 4informação
 1*informação 2questiona 3reflexão 4escola
 1*necessária 2falha 3interesse 4informação
 1curiosidade 2informação 3*formação 4interação
 1insuficiente 2*necessária 3sincera 4informação
 1*informação 2orienta 3ajuda 4medo
 1necessária 2*informação 3confiança 4ajuda
 1informação 2correto 3ajuda 4*orienta
 1formação 2importante 3responsabilidade 4*informação
 1* importante 2informação 3necessária 4interesse
 1orienta 2ajuda 3*informação 4conversa
 1informação 2*preconceito 3respeito 4verdade
 1boa 2informação 3contribui 4*orienta
 1importante 2*informação 3eficaz 4necessária
 1importante 2informação 3complementar 4*necessária
 1informação 2*debates 3slides 4conhecimento
 1confiança 2responsabilidade 3saúde 4*informação
 1*responsabilidade 2informação 3mediadora 4sensibilidade
 1respeito 2*amizade 3confiança 4informação
 1natural 2*reflexão 3informação 4despretenciosa
 1*ajuda 2informação 3dúvida 4contribui
 1*curiosidade 2dúvida 3informação 4interesse
 1natural 2*vida 3informação 4respeito
 1*orienta 2informação 3conversa 4interação
 1*necessária 2importante 3informação 4prevenção
 1*curiosidade 2vida 3informação 4natural
 1*bullying 2respeito 3informação 4formação
 1reflexão 2*dúvida 3informação 4interação

1ajuda 2conscientização 3*informação 4orienta
 1respeito 2informação 3seriedade 4*responsabilidade
 1*importante 2satisfatória 3informação 4necessária
 1necessária 2*prevenção 3informação 4conhecimento
 1*informação 2orienta 3formação 4desenvolvimento

MOT : insegurança

1reflexão 2*maternal 3insegurança 4conhecimento

MOT : insuficiente

1insuficiente 2momento 3*natural 4cuidado

1insuficiente 2*necessária 3sincera 4informação

1insuficiente 2importante 3*necessária 4urgente

MOT : interação

1curiosidade 2informação 3*formação 4interação

1confia

na 2*interesse 3curiosidade 4interação

1reflexão 2*dúvida 3informação 4interação

1*orienta 2informação 3conversa 4interação

MOT : interesse

1* importante 2informação 3necessária 4interesse

1*necessária 2falha 3interesse 4informação

1confiança 2*interesse 3curiosidade 4interação

1*interesse 2conhecimento 3liberdade 4confiança

1curiosidade 2interesse 3*questionamento 4dúvida

1*científica 2prevenção 3interesse 4curiosidade

1*curiosidade 2dúvida 3informação 4interesse

1interesse 2dúvida 3*curiosidade 4questionamento

MOT : liberdade

1liberdade 2*responsabilidade 3conhecimento 4maturidade

1*interesse 2conhecimento 3liberdade 4confiança

1respeito 2*confiança 3liberdade 4responsabilidade

1liberdade 2*respeito 3confiança 4amizade

1natural 2liberdade 3*maturidade 4formação

1realidade 2humana 3*liberdade 4confiança

MOT : local

1*orienta 2realiza 3local 4aula

MOT : masculino

1masculino 2feminino 3*homossexualidade

4heterossexualidade

MOT : maternal

1reflexão 2*maternal 3insegurança 4conhecimento

MOT : maturidade

1*conscientização 2timidez 3conhecimento 4maturidade

1natural 2liberdade 3*maturidade 4formação

1liberdade 2*responsabilidade 3conhecimento 4maturidade

MOT : mediadora

1*responsabilidade 2informação 3mediadora 4sensibilidade

MOT : medo

1*informação 2orienta 3ajuda 4medo

MOT : momento

1insuficiente 2momento 3*natural 4cuidado

MOT : natural

1insuficiente 2momento 3*natural 4cuidado

1importante 2natural 3*responsabilidade 4prevenção

1natural 2*responsabilidade 3conhecimento 4científica

1*natural 2curiosidade 3satisfatória 4aceitável

1natural 2*reflexão 3informação 4despretenciosa

1natural 2*vida 3informação 4respeito

1natural 2liberdade 3*maturidade 4formação

1*curiosidade 2vida 3informação 4natural

1saúde 2natural 3necessária 4*prevenção

MOT : necessária

1curiosidade 2necessária 3preconceito, 4*formação

1necessária 2*informação 3confiança 4ajuda

1insuficiente 2*necessária 3sincera 4informação

1insuficiente 2importante 3*necessária 4urgente

1*necessária 2falha 3interesse 4informação

1* importante 2informação 3necessária 4interesse

1importante 2necessária 3*bonita 4conhecimento

1corpo 2necessária 3*conhecimento 4cuidado
 1importante 2informação 3complementar 4*necessária
 1importante 2*informação 3eficaz 4necessária
 1ensino 2formação 3*necessária 4falta
 1*importante 2satisfatória 3informação 4necessária
 1necessária 2*prevenção 3informação 4conhecimento
 1saúde 2natural 3necessária 4*prevenção
 1*necessária 2importante 3informação 4prevenção

MOT : orienta

1ajuda 2informação 3desperta 4*orienta
 1informação 2correto 3ajuda 4*orienta
 1*orienta 2realiza 3local 4aula
 1*informação 2orienta 3ajuda 4medo
 1boa 2informação 3contribui 4*orienta
 1*orienta 2sexualidade 3realizar 4escola
 1orienta 2fortalece 3ajuda 4*conhecimento
 1orienta 2ajuda 3*informação 4conversa
 1critérios 2desafio 3orienta 4*formação
 1ajuda 2conscientização 3*informação 4orienta
 1*orienta 2informação 3conversa 4interaçã
 1*respeito 2confiança 3orienta 4conhecimento
 1*informação 2orienta 3formação 4desenvolvimento
 1orienta 2vida 3saúde 4*responsabilidade.

MOT : preconceito

1curiosidade 2necessária 3preconceito, 4*formação
 1informação 2*preconceito 3respeito 4verdade

MOT : prevenção

1sexualidade 2*formação 3prevenção 4respeito
 1*formação 2prevenção 3responsabilidade 4conheciment
 1importante 2natural 3*responsabilidade 4prevenção
 1acalma 2informação 3cuidado 4*prevenção
 1*necessária 2importante 3informação 4prevenção
 1sexualidade 2prevenção 3gravidez 4*doenças
 1dúvida 2*prevenção 3curiosidade 4formação

1necessária 2*prevenção 3informação 4conhecimento

1saúde 2natural 3necessária 4*prevenção

1*científica 2prevenção 3interesse 4curiosidade

MOT : procura

1*reflexão 2procura 3curiosidade 4informação

MOT : questiona

1*informação 2questiona 3reflexão 4escola

MOT : questionamento

1curiosidade 2interesse 3*questionamento 4dúvida

1interesse 2dúvida 3*curiosidade 4questionamento

MOT : realidade

1realidade 2humana 3*liberdade 4confiança

MOT : realiza

1*orienta 2realiza 3local 4aula

MOT : realizar

1*orienta 2sexualidade 3realizar 4escola

MOT : reflexão

1*reflexão 2procura 3curiosidade 4informação

1*informação 2questiona 3reflexão 4escola

1natural 2*reflexão 3informação 4despretenciosa

1reflexão 2despertar 3*conscientização 4respeito

1reflexão 2*maternal 3insegurança 4conhecimento

1reflexão 2*dúvida 3informação 4interação

MOT : relacionamento

1curiosidade 2conhecimento 3*socialização 4relacionamento

MOT : respeito

1*respeito 2disciplina 3conhecimento 4auto respeito

1*respeito 2disciplina 3conhecimento 4autorespeito

1sexualidade 2*formação 3prevenção 4respeito

1reflexão 2despertar 3*conscientização 4respeito

1respeito 2*confiança 3liberdade 4responsabilidade

1respeito 2*amizade 3confiança 4informaçã

1informação 2*preconceito 3respeito 4verdade

1respeito 2*confiança 3escolha 4consequência

1*respeito 2confiança 3orienta 4conhecimento

1liberdade 2*respeito 3confiança 4amizade

1*respeito 2diferença 3individualidade 4curiosidade

1respeito 2informação 3seriedade 4*responsabilidade

1natural 2*vida 3informação 4respeito

1*bullying 2respeito 3informação 4formação

MOT : responsabilidade

1*formação 2prevenção 3responsabilidade 4conhecimento

1formação 2importante 3responsabilidade 4*informação

1importante 2natural 3*responsabilidade 4prevenção

1conhecimento 2atual 3sensibilidade 4*responsabilidade

1respeito 2*confiança 3liberdade 4responsabilidade

1natural 2*responsabilidade 3conhecimento 4científica

1formação 2aprendizagem 3*conhecimento 4responsabilidade

1*responsabilidade 2informação 3mediadora 4sensibilidade

1liberdade 2*responsabilidade 3conhecimento 4maturidade

1confiança 2responsabilidade 3saúde 4*informação

1respeito 2informação 3seriedade 4*responsabilidade

1orienta 2vida 3saúde 4*responsabilidade

MOT : satisfatória

1*natural 2curiosidade 3satisfatória 4aceitável

1*importante 2satisfatória 3informação 4necessária

MOT : saúde

1confiança 2responsabilidade 3saúde 4*informação

1saúde 2natural 3necessária 4*prevenção

1orienta 2vida 3saúde 4*responsabilidade

MOT : sensibilidade

1conhecimento 2atual 3sensibilidade 4*responsabilidade

1*responsabilidade 2informação 3mediadora 4sensibilidade

MOT : seriedade

1respeito 2informação 3seriedade 4*responsabilidade

MOT : sexualidade

1sexualidade 2*formação 3prevenção 4respeito

1*orienta 2sexualidade 3realizar 4escola

1*formação 2sexualidade 3bullying 4curiosidade

lensino 2escola 3*conscientização 4sexualidade

1sexualidade 2prevenção 3gravidez 4*doenças

MOT : sincera

1insuficiente 2*necessária 3sincera 4informação

MOT : slides

1informação 2*debates 3slides 4conhecimento

MOT : socialização

1curiosidade 2conhecimento 3*socialização 4relacionamento

MOT : timidez

1*conscientização 2timidez 3conhecimento 4maturidade

MOT : urgente

1insuficiente 2importante 3*necessária 4urgente

MOT : verdade

1informação 2*preconceito 3respeito 4verdade

MOT : vida

1*curiosidade 2vida 3informação 4natural

1natural 2*vida 3informação 4respeito

lorienta 2vida 3saúde 4*responsabilidade

lorienta 2vida 3saúde 4*responsabilidade

fichier initial : C:\Users\Uniube\Desktop\MTLSA\EVOC TEv.Tm2

NOUS ALLONS RECHERCHER LES RANGS

Nous avons en entree le fichier :

C:\Users\Uniube\Desktop\MTLSA\EVOC TEv.Tm2

ON CREE LE FICHER : C:\Users\Uniube\Desktop\MTLSA\EVOC

TEv.dis et C:\Users\Uniube\Desktop\MTLSA\EVOC TEv.tm3

	ENSEMBLE DES MOTS					RANGS						
:FREQ.:	1 *	2 *	3 *	4 *	5 *							
acalma						:	1	:	1*			
aceitável						:	1	:	0*	0*	0*	1*
ajuda						:	8	:	3*	1*	3*	1*
moyenne :	2.25											
amizade						:	2	:	0*	1*	0*	1*
aprendizagem						:	1	:	0*	1*		

atual	:	1	:	0*	1*		
aula	:	1	:	0*	0*	0*	1*
auto	:	1	:	0*	0*	0*	1*
boa	:	1	:	1*			
bonita	:	1	:	0*	0*	1*	
bullying	:	2	:	1*	0*	1*	
científica	:	2	:	1*	0*	0*	1*
complementar	:	1	:	0*	0*	1*	
confiança	:	10	:	2*	3*	3*	2*
moyenne :		2.50					
conhecimento	:	16	:	1*	2*	6*	7*
moyenne :		3.19					
conscientização	:	4	:	1*	1*	2*	
consequência	:	1	:	0*	0*	0*	1*
contribuí	:	2	:	0*	0*	1*	1*
conversa	:	2	:	0*	0*	1*	1*
corpo	:	1	:	1*			
correto	:	1	:	0*	1*		
critérios	:	1	:	1*			
cuidado	:	4	:	0*	0*	1*	3*
curiosidade	:	14	:	6*	1*	4*	3*
moyenne :		2.29					
debates	:	1	:	0*	1*		
desafio	:	1	:	0*	1*		
desenvolvimento	:	1	:	0*	0*	0*	1*
desperta	:	1	:	0*	0*	1*	
despertar	:	1	:	0*	1*		
despretenciosa	:	1	:	0*	0*	0*	1*
diferença	:	1	:	0*	1*		
disciplina	:	1	:	0*	1*		
doenças	:	2	:	0*	1*	0*	1*
dúvida	:	6	:	1*	3*	1*	1*
moyenne :		2.33					
eficaz	:	1	:	0*	0*	1*	

ensino	:	2	:	2*			
escola	:	3	:	0*	1*	0*	2*
escolha	:	1	:	0*	0*	1*	
falha	:	1	:	0*	1*		
falta	:	1	:	0*	0*	0*	1*
feminino	:	1	:	0*	1*		
fomação	:	1	:	1*			
formação	:	12	:	3*	2*	2*	5*
moyenne :		2.75					
fortalece	:	1	:	0*	1*		
gravidez	:	2	:	1*	0*	1*	
heterossexualidade	:	1	:	0*	0*	0*	1*
homossexualidade	:	2	:	0*	0*	2*	
humana	:	1	:	0*	1*		
importante	:	9	:	6*	3*		
moyenne :		1.33					
individualidade	:	1	:	0*	0*	1*	
informação	:	35	:	6*	12*	11*	6*
moyenne :		2.49					
insegurança	:	1	:	0*	0*	1*	
insuficiente	:	3	:	3*			
interação	:	4	:	0*	0*	0*	4*
interesse	:	8	:	2*	2*	2*	2*
moyenne :		2.50					
liberdade	:	6	:	2*	1*	3*	
moyenne :		2.17					
local	:	1	:	0*	0*	1*	
masculino	:	1	:	1*			
maternal	:	1	:	0*	1*		
maturidade	:	3	:	0*	0*	1*	2*
mediadora	:	1	:	0*	0*	1*	
medo	:	1	:	0*	0*	0*	1*
momento	:	1	:	0*	1*		
natural	:	9	:	5*	2*	1*	1*

moyenne :	1.78					
necessária		: 15 :	4*	4*	4*	3*
moyenne :	2.40					
orienta		: 14 :	6*	2*	2*	4*
moyenne :	2.29					
preconceito		: 2 :	0*	1*	1*	
prevenção		: 10 :	0*	5*	1*	4*
moyenne :	2.90					
procura		: 1 :	0*	1*		
questiona		: 1 :	0*	1*		
questionamento		: 2 :	0*	0*	1*	1*
realidade		: 1 :	1*			
realiza		: 1 :	0*	1*		
realizar		: 1 :	0*	0*	1*	
reflexão		: 6 :	4*	1*	1*	
moyenne :	1.50					
relacionamento		: 1 :	0*	0*	0*	1*
respeito		: 14 :	7*	2*	1*	4*
moyenne :	2.14					
responsabilidade		: 12 :	1*	3*	3*	5*
moyenne :	3.00					
satisfatória		: 2 :	0*	1*	1*	
saúde		: 3 :	1*	0*	2*	
sensibilidade		: 2 :	0*	0*	1*	1*
seriedade		: 1 :	0*	0*	1*	
sexualidade		: 5 :	2*	2*	0*	1*
moyenne :	2.00					
sincera		: 1 :	0*	0*	1*	
slides		: 1 :	0*	0*	1*	
socialização		: 1 :	0*	0*	1*	
timidez		: 1 :	0*	1*		
urgente		: 1 :	0*	0*	0*	1*
verdade		: 1 :	0*	0*	0*	1*
vida		: 3 :	0*	3*		

DISTRIBUTION TOTALE : 313 : 78* 78* 78* 79* 0*

RANGS 6 ... 15 0* 0* 0* 0* 0* 0* 0* 0*

0* 0*

RANGS 16 ... 25 0* 0* 0* 0* 0* 0* 0* 0*

0* 0*

RANGS 26 ... 30 0* 0* 0* 0* 0*

Nombre total de mots differents : 90

Nombre total de mots cites : 313

moyenne generale : 2.50

DISTRIBUTION DES FREQUENCES

freq.	* nb. mots	* Cumul	evocations	et cumul	inverse
1	* 51	51	16.3 %	313	100.0 %
2	* 13	77	24.6 %	262	83.7 %
3	* 5	92	29.4 %	236	75.4 %
4	* 3	104	33.2 %	221	70.6 %
5	* 1	109	34.8 %	209	66.8 %
6	* 3	127	40.6 %	204	65.2 %
8	* 2	143	45.7 %	186	59.4 %
9	* 2	161	51.4 %	170	54.3 %
10	* 2	181	57.8 %	152	48.6 %
12	* 2	205	65.5 %	132	42.2 %
14	* 3	247	78.9 %	108	34.5 %
15	* 1	262	83.7 %	66	21.1 %
16	* 1	278	88.8 %	51	16.3 %
35	* 1	313	100.0 %	35	11.2 %